

Maria de Fátima Rodrigues Martins

O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO
DO ENSINO/APRENDIZAGEM
ESTUDO DE CASO

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em
Educação e Bibliotecas à Universidade Portucalense Infante D.
Henrique

Orientadora: Prof. Doutora Manuela Barreto Nunes



Porto 2010

O PAPEL DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DO
ENSINO/APRENDIZAGEM

Estudo de Caso

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Educação e
Bibliotecas à Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Orientadora: Prof. Doutora Manuela Barreto Nunes

Universidade Portucalense Infante D. Henrique

Porto, 2010

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar mais uma etapa deste meu percurso académico, sinto-me feliz por, passo a passo, ter conseguido cumprir o meu objectivo: enriquecer-me pessoalmente.

Muitas foram as pessoas que estiveram do meu lado, apoiando-me e incentivando-me nas horas mais amargas.

À minha orientadora, Prof. Doutora Manuela Barreto Nunes, os meus agradecimentos pela paciência, dedicação, simpatia com que orientou o meu trabalho, com o seu brilhante profissionalismo.

À Dr.^a Margarida Pocinho, pela sua presença na minha vida, nos momentos de maior desânimo, e pela sua ajuda incondicional.

À Dr.^a Ermezinda, pela sua presença e amizade, nas horas mais incertas.

À Dr.^a Isabel Nina, pelo seu apoio e amizade.

Ao Presidente Conselho Executivo da Escola Secundária, pela oportunidade que me deu em realizar este estudo de caso.

À Dr.^a Manuela Monteiro, Coordenadora da Biblioteca, pelo ânimo, incentivo e partilha de ideias sobre este tema.

À Dr.^a Rosa pela sua amizade.

Aos meus amigos, pelo enorme carinho e coragem que me manifestaram no decorrer deste trabalho.

À minha família, pelo amor, ajuda e compreensão pelas minhas ausências.

RESUMO

O presente trabalho visa reflectir sobre o contributo das bibliotecas escolares para o processo do ensino/aprendizagem, tendo como base um estudo de caso sobre o uso daqueles equipamentos por parte dos alunos do 3.º ciclo do ensino básico de uma escola do centro do país.

A biblioteca escolar é um meio facilitador no processo do ensino e da aprendizagem, através da dinamização de todos os recursos nela existentes, do desenvolvimento de actividades conducentes à competência leitora dos alunos e do ensino de práticas de pesquisa para o seu desenvolvimento integral como cidadãos livres, autónomos, intervenientes e críticos.

A acção investigativa incide sobre três eixos indissociáveis: alunos, professores e recursos da biblioteca escolar. O estudo sustentou-se numa exaustiva pesquisa bibliográfica que estabeleceu os conceitos principais da fundamentação teórica. A investigação empírica, a partir da qual se pretendeu obter informação sobre o uso efectivo da biblioteca escolar e dos seus recursos, por parte dos alunos, teve lugar numa Escola Secundária CEB 2, 3. da Região Centro e incidiu, maioritariamente, sobre alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico.

Os resultados obtidos permitem concluir que, apesar da qualidade dos recursos e serviços prestados pela biblioteca estudada, inserida na Rede de Bibliotecas Escolares, e cumprindo as linhas orientadoras aplicáveis, a sua capacidade de penetração nos hábitos dos alunos da escola ainda não é suficiente para que se torne um agente efectivo no processo do ensino/aprendizagem.

Conclui-se assim que, embora haja alunos que frequentam regularmente a biblioteca escolar, há ainda muito a fazer em relação à aquisição de hábitos de leitura, estudo e de pesquisa na Internet de forma consciente e crítica.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar; Ensino/Aprendizagem; Sucesso Educativo.

ABSTRACT

The purpose of this study is to think over the contribution of school libraries to the teaching-learning and is based in a case study about the use of those equipments by the students of the 3rd Grade of elementary education in a school situated in the central region of the country.

The school library is a reality which can make the teaching-learning process much easier. By means of the dynamics of all its resources together with the implementation of activities aiming at achieving the students' ability to read as well as teaching them research practice, it can greatly contribute to their development as a whole so that they can become free, critical, autonomous, involved citizens.

This investigative intervention is focused in the interaction of three inseparable agents: the students, the teachers and the school library resources. The study is based in an exhaustive bibliographical research which has established the main concepts of the theoretical argumentation. The empirical investigation from which it was intended to get information about the effective use of the school library and its resources by the students occurs in a Secondary School with the 3rd Grade of elementary education situated in the central region of the country and has been mostly focused in students of the 3rd Grade.

By analyzing the results taken from the study, we can state that, in spite of the quality of the resources and the services provided by the library in study, which is inserted in the School Library Network and observing the suitable guidelines, its ability to influence the school student's habits is not yet strong enough to become an effective agent in teaching-learning process.

This way, we can conclude that, although some students attend the School Library regularly, there is still a lot to do towards the acquisition of reading, learning and Internet research habits in a conscious and critical way.

Key-words: School Library; teaching/learning, school success

SUMÁRIO

SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS	11
ÍNDICE DE QUADROS	12
ÍNDICE DE FIGURAS	14
INTRODUÇÃO.....	15
PARTE 1 – ESTUDO TEÓRICO	22
CAPITULO 1 - A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E A ESCOLA NO SÉCULO XXI.....	23
1.1. INTRODUÇÃO	23
1.2. NOVOS PAPÉIS NA ESCOLA	29
1.3. A MUDANÇA DE PARADIGMA.....	34
1.4. O CONTEXTO EDUCATIVO PORTUGUÊS.....	41
1.5. CONCLUSÃO	47
CAPITULO 2 – A INTEGRAÇÃO DA BIBLIOTECA NA ESCOLA	49
2.1. INTRODUÇÃO	49
2.2. FUNÇÕES DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES	52
2.3. A REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES	56
2.4. DINAMIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES E PLANO NACIONAL DE LEITURA	61
2.5. BIBLIOTECA ESCOLAR E PROJECTO EDUCATIVO DA ESCOLA.....	65
2.6. CONCLUSÃO	72
CAPÍTULO 3 - A BIBLIOTECA ESCOLAR E A LITERACIA DE INFORMAÇÃO	74
3.1. INTRODUÇÃO	74
3.2. A PESQUISA ESCOLAR E OS SEUS ACTORES: O PROFESSOR, O ALUNO E A BIBLIOTECA	78
3.3. A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO PROMOTORA DO SUCESSO EDUCATIVO DOS ALUNOS.....	79
3.4. O PROFESSOR COMO MODERADOR NO PROCESSO DO ENSINO/APRENDIZAGEM E A SUA INTERVENÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR	80
3.5. CONCLUSÃO	82
PARTE 2 - ESTUDO EMPÍRICO	84
CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	85

4.1.	A ESCOLA – BREVE RESENHA HISTÓRICA.....	86
4.2.	MEIO ENVOLVENTE.....	86
4.3.	ESPAÇOS E RECURSOS	87
4.4.	CARACTERIZAÇÃO HUMANA	89
4.5.	CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	90
4.6.	DEFINIÇÃO DO TEMA	93
4.7	QUESTÕES.....	94
4.8.	OBJECTIVOS DO ESTUDO.....	94
4.8.1.	OBJECTIVO GERAL	94
4.8.2.	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS.....	94
4.9 -	CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA.....	95
4.9.1-	INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	95
4.9.2-	PROCEDIMENTOS ADOPTADOS	96
	CAPITULO 5 - DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	98
5.1.	ANÁLISE DESCRITIVA.....	98
5.1.1.	APOIO AO DESENVOLVIMENTO CURRICULAR (QA1)	98
5.1.2.	LEITURA E LITERACIA (QA2).....	106
5.1.3.	ACTIVIDADES LIVRES, EXTRA-CURRICULARES E DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR (QA3).....	115
5.1.4.	DISCUSSÃO DE RESULTADOS	126
5.1.5.	RESPOSTAS ÀS QUESTÕES	129
	CONCLUSÃO GERAL	132
	BIBLIOGRAFIA.....	137
	ANEXOS.....	143
	ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO QA1 APOIO AO DESENVOLVIMENTO CURRICULAR.....	144
	ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO QA2 LEITURA E LITERACIA	148
	ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO QA3. ACTIVIDADES LIVRES, EXTRA CURRICULARES E DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR.....	154
	ANEXO 4 – GRELHA DE AVALIAÇÃO DE FREQUÊNCIA DOS ALUNOS DO 3º CICLO ENSINO BÁSICO, EM ARTICULAÇÃO CURRICULAR	159
	ANEXO 5 – GRELHA DE FREQUÊNCIA DOS ALUNOS NA BE NOS DIVERSOS RECURSOS.....	161

ANEXO 6 – REGULAMENTO DA BIBLIOTECA/ CENTRO DE RECURSOS EDUCATIVOS	163
ANEXO 7 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS INQUÉRITOS PASSADOS AOS ALUNOS	177
ANEXO 8 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AO DIRECTOR DA ESCOLA SECUNDÁRIA C/3ºCEB DE ANADIA	190

SIGLAS, ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

ACND - Áreas Curriculares Não Disciplinares

BE/CRE - Biblioteca Escolar / Centro de Recursos Educativos

IASL - International Association of School Librarianship (Associação Internacional de Biblioteconomia Escolar)

ME - Ministério da Educação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PEE - Projecto Educativo da Escola

PRODEP - Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal

QA - Questionário aos alunos

SPSS - Statistic Package for the Social Sciences (Programa de computador – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais)

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - A Escola – Paradigma da Educação (Documento Traduzido pela RBE), Fonte RBE.	40
Quadro 2 - Finalidades e objectivos da BE	89
Quadro 3 - Fundo Documental Existente na Biblioteca Escolar	92
Quadro 4 - QA1: perguntas 1 à 4.....	99
Quadro 5 - QA1: perguntas 5 a 7.....	100
Quadro 6 - QA1: perguntas 8 e 9.....	101
Quadro 7 - QA1: Tipo e intensidade de competências adquiridas	102
Quadro 8 - QA1: quantidade de competências adquiridas com a utilização da BE	103
Quadro 9 - QA1: perguntas 11 e 12.....	104
Quadro 10 - QA1: perguntas 13	104
Quadro 11 - QA1: pergunta 14	105
Quadro 12 - QA1: perguntas 14 – tipo de comentário	106
Quadro 13 - Resume os resultados da análise descritiva de 6 perguntas do QA2.....	107
Quadro 14 - Apoio da equipa da BE.....	108
Quadro 15 - Os teus professores incentivam-te a ler.....	109
Quadro 16 - Para ti ler é.....	109
Quadro 17 - Opinião trabalho realizado na BE	110
Quadro 18 - Classificação das actividades realizadas pela BE	111
Quadro 19 - Participação em Actividades	112
Quadro 20 - Compara o que fazes agora com o que fazias no início do ano	113

Quadro 21 - Em que medida a BE contribuiu para as competências de leitura para os resultados escolares dos alunos	114
Quadro 22 - Com que Frequência utilizas a BE fora do período de aulas	115
Quadro 23 - Com que objectivos mais utilizam a biblioteca.....	116
Quadro 24 - Participação em clube projecto ou actividade extra - curricular	118
Quadro 25 - A BE contribui para o desenvolver boa convivência; espírito de iniciativa... ..	118
Quadro 26 - A BE seria melhor se.....	119
Quadro 27 - Usaria mais a BE se.....	121
Quadro 28 - A biblioteca seria melhor se.....	122
Quadro 29 - Utilização da Biblioteca nos seus vários recursos pelos alunos.....	124
Quadro 30 - Utilização biblioteca em articulação curricular 3º Ciclo Ensino Básico.....	125

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1- Fotografia aérea da Escola Secundária com 3º CEB de Anadia	86
--	----

INTRODUÇÃO

A sociedade actual, marcada pelo conhecimento, pela globalização da informação, pelas alterações vertiginosas da maneira de estar e ser, impõe-nos novos desafios. As mudanças que se têm vindo a processar, a nível da educação, repercutem-se na vida pessoal e profissional dos cidadãos, desejando-se que estes tenham um papel mais activo na sociedade da qual fazem parte.

Vivemos um novo paradigma educacional, em que o saber e o conhecimento se edificam para lá das paredes de uma sala de aula, com todos os recursos disponíveis ao nosso alcance. O conhecimento é construído pela partilha de saberes, numa visão holística, em que todos nós somos participantes activos e construtores desse mesmo saber.

Testemunhamos, no início deste milénio, um período da história em que importantes eventos ocorrem com uma enorme rapidez. Tal como nos refere Castells (2002:33) “ um período caracterizado pela transformação da nossa cultura material” operada por um novo paradigma organizado em torno das tecnologias de informação”. Neste sentido, cabe à escola o importante papel de se actualizar e dotar os seus alunos de competências básicas sólidas para actuar como cidadãos livres e activos.

As novas tecnologias de informação “ têm um papel importante na implementação de uma educação geral e especializada, sendo, acima de tudo, um meio que contribuirá para aumentar o conhecimento e a compreensão dos estudantes” (M. P. Alves, 1999:74). No que concerne à importância destas, e sobretudo à detenção de conhecimentos, “ é fundamental cada indivíduo ser capaz de processar informação digitalizada, ser capaz de pesquisar e seleccionar informação e finalmente ser capaz de difundir essa informação” (Idem:76)

A biblioteca escolar, como estrutura promotora de novos conhecimentos e saberes, constitui a pedra basilar no processo educativo, com todos os recursos e actividades. Tal propósito visa fomentar nas crianças e jovens não só hábitos de leitura sólidos e gratificantes, melhorando a sua competência linguística e leitora, como também impulsionar o desenvolvimento de competências literárias, tão importantes à sua formação integral.

Uma vez que o paradigma educacional humanista privilegia uma cultura integrada de aprendizagem, lógico será que valorize a biblioteca escolar, de modo a que “todos os membros da comunidade escolar se tornem utilizadores, pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação” (Unesco/IFLA, 2000). Se a “função ideal de uma biblioteca seria a de fazer com que as pessoas lesem” (Eco, 1994) “ahora más que nunca la clave del éxito y la excelencia organizacional se centra en las personas y su gestión y las Bibliotecas deberán darse cuenta de que, mas allá de las tecnologías y de los procesos, son los conocimientos y el saber de su personal, cada vez más preparados, los que aportan el valor añadido à la organización” (Di Domenico, 2004:4). Assim, cada vez mais a escola deve primar por colocar na biblioteca escolar pessoal especializado de forma a responder às necessidades actuais.

A Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) tem assumido um papel relevante não só no apetrechamento das bibliotecas que a integram, ao nível de equipamentos e de recursos informacionais, mas também na integração da biblioteca escolar no processo do ensino-aprendizagem, com equipas pluridisciplinares de profissionais que contribuem para o desenvolvimento integral dos alunos e o cumprimento do projecto educativo da escola.

Como refere Duziak(2003), a aprendizagem ao longo da vida, da qual a literacia da informação é a base, permite aos alunos assumir a aprendizagem como um continuum nas suas vidas, interiorizar valores que promovem o uso da informação como criação de significados, incorporar os processos de investigação na sua vida diária e vencer os desafios que a sociedade e a vida oferecem de forma tão imprevista e permanente.

Parece-nos de primordial importância a reflexão em torno deste recurso educativo na escola para a formação completa dos alunos, no sentido de desenvolverem estratégias que lhes permitam a construção de conhecimentos cada vez mais válidos, conducentes ao sucesso educativo.

De facto, a biblioteca escolar, com todos os seus recursos tangíveis e intangíveis constitui o pressuposto fundamental para o desenvolvimento sócio – cultural dos discentes, já que permite desenvolver as capacidades e competências indispensáveis à sua formação, no sentido de uma maior integração e valorização na sociedade cognitiva.

O aparecimento de novas tecnologias e as práticas sociais que elas fizeram emergir¹ vieram introduzir novos saberes nas bibliotecas escolares, o que constitui um desafio às editoras, porquanto se vão generalizando os recursos ao suporte electrónico – os ebooks.

Qualquer que seja a nova realidade com que a biblioteca se depare, a sua importância é vital não só pela informação que disponibiliza, como também pelo desenvolvimento de competências relacionadas com o acesso, selecção e uso crítico da informação apresentada em material livro ou não.²

A informação, caminho para o conhecimento, passou a constituir-se como uma alavanca para o desenvolvimento pessoal, social, cultural e económico. O crescimento desta sociedade, baseada no conhecimento, trouxe consigo mudanças significativas na produção, distribuição e troca de informação, exigindo aos cidadãos novas competências. As mesmas são imprescindíveis para a sua realização, para o exercício pleno da cidadania e para a aprendizagem que se prolonga inevitavelmente pela vida, como refere Delors (2005:89), “doravante temos de aprender ao longo de toda a vida, e uns saberes enriquecem os outros”.

Ao longo de muitos anos, um pouco por todo o mundo, organismos internacionais e nacionais, de entre os quais destacamos as bibliotecas escolares, têm demonstrado a sua preocupação no âmbito da literacia de informação, considerando-a uma competência de sobrevivência na actual sociedade. A biblioteca escolar, centro de recursos informacionais e considerada como parte integrante do processo do ensino-aprendizagem, deve colaborar, enquanto estrutura educativa, na promoção desta literacia abrangente. Na verdade, ela é, efectivamente, o espaço propiciador do desenvolvimento das literacias de informação que cumpre os objectivos consagrados em documentos referenciais como o Manifesto da

¹ Como lembra Furtado embora as novas tecnologias influenciem a nossa relação com a leitura, o “declínio da cultura do livro” não se deve unicamente, ao “crescente protagonismo das tecnologias digitais” mas às práticas culturais específicas que essas tecnologias influenciam (2000, p. 350, 351).

² A propósito do lugar do livro na sociedade contemporânea, relembramos uma afirmação de Robert Darnton: “The World of learning is changing so rapidly that no one can predict what it will be like ten years from now. But I believe it will remain within the Gutenberg galaxy – through the galaxy will expand, thanks to a new source of energy, the electronic book” (1999).

Biblioteca Escolar (IFLA, 1999) e a *Declaração Política de IASL sobre Bibliotecas Escolares (IASL:1993)*

A leitura não se processa apenas nos livros mas também na internet, estando, de igual modo, presente em tudo o que nos rodeia. A maioria dos jovens não possui hábitos de leitura e não se entusiasma nem pelos livros nem pela informação de cariz escolar ou académico disponível na internet. Muitas vezes, ao pesquisarem a informação, não são capazes de a seleccionar, de a compreender, de a rentabilizar e de a filtrar, de modo a transformá-la em conhecimento sólido.

Na verdade, a literacia de informação é assaz fundamental na actual sociedade, acompanhando os cidadãos ao longo das suas vidas, pois proporciona-lhes competências várias, que vão desde o acesso, a selecção, a avaliação, até à utilização e a criação de projectos de vida próprios, abrindo, desse modo, as portas ao desenvolvimento sócio económico. De acordo com a declaração de Alexandria, a literacia de informação, e, consequentemente, a aprendizagem ao longo da vida “ é um direito humano básico num mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações” (IFLA/ UNESCO, 2005:1)

Considerando os pressupostos referenciados anteriormente, urge capacitar, gradualmente, as nossas crianças e jovens nas competências da literacia de informação. Com efeito, estas não se adquirem de uma forma espontânea ou automática, pelo que se torna imperioso enveredar por estratégias que lhes permitam não só identificar as informações de que precisam, como também avaliar as fontes de informação disponíveis, localizá-las, retirar a informação pertinente, realizar uma leitura crítica dos documentos seleccionados, apurar a informação nova com os conhecimentos já adquiridos, sintetizar e organizar os conhecimentos, de forma a transmiti-los aos outros. O desenvolvimento das competências de leitura e de competências do aprender a aprender devem, por isso, constituir o móbil de todos os professores, porquanto se pretende contribuir para a formação de leitores críticos, competentes e autónomos.

Vários são já os estudos que, um pouco por todo o lado, destacam a relação entre a aprendizagem, as bibliotecas escolares e as literacias, de forma a resolver esse enorme desafio que é a pedagogia construtivista da literacia. Ouçamos a voz autoral de Calixto que já em 1996, evidenciava a necessidade de se investir na promoção da literacia da informação:

“ [o] s nossos tempos são bem a era da informação e os maiores problemas de quem lida com ela estão longe de ser a escassez, bem pelo contrário, são como recolher, organizar, sistematizar e tornar acessíveis milhões de dados que diariamente são produzidos em todo o mundo”. (1996:23),

O uso adequado dos recursos da biblioteca escolar, enquanto espaço rico em informação e tecnologia, fomenta o desenvolvimento de várias competências, de entre as quais destacamos a da leitura e das literacias, nomeadamente a da informação, ao mesmo tempo que deve promover o apoio ao currículo. Na verdade, e de acordo com o Modelo de Auto-Avaliação da Biblioteca Escolar, a BE deve considerar sempre quatro domínios no seu plano de acção, consubstanciado anualmente no seu plano de actividades: O apoio ao desenvolvimento curricular; leitura e literacias; projectos, parcerias e actividades livres de abertura à comunidade, bem como a sua gestão.

Apesar de constatararmos que muito há ainda a fazer, sabemos também que existem bibliotecas bem dinamizadas e coordenadas, com profissionais muito empenhados e competentes, trabalhando em equipas pluridisciplinares, em prol de um maior sucesso educativo dos alunos.

É neste contexto que desenvolvemos o presente trabalho, com o qual pretendemos reflectir sobre o papel da biblioteca escolar no processo do ensino-aprendizagem, a partir da seguinte pergunta de partida:

Na Escola actual, a Biblioteca Escolar desempenha um papel efectivo no processo do Ensino/Aprendizagem?

A partir desta problemática inicial, definimos um conjunto de questões que funcionam como o *leitmotiv* da nossa investigação, que passamos a apresentar:

Q1- Os alunos utilizam a biblioteca quer para actividades escolares, quer para actividades de lazer, ou há uma predominância de uma destas actividades?

Q2- A Internet é um meio de pesquisa prioritário utilizado pelos alunos que frequentam a biblioteca escolar?

Q3- Que relação se pode estabelecer entre a percepção dos alunos sobre as suas competências de leitura e pesquisa e a frequência com que utilizam a biblioteca escolar?

Q4- De que forma é que a biblioteca escolar contribui para o desenvolvimento das competências de pesquisa dos alunos e que relação se pode estabelecer com as actividades desenvolvidas pela biblioteca em que tenham participado?

Uma vez que pretendemos sobretudo analisar e conhecer a realidade, não definimos nenhuma hipótese para esta investigação, que procurará sobretudo compreender o fenómeno através do estudo detalhado dos elementos que o constituem, seguindo alguns dos preceitos da teoria fundamentada nos dados (cf. Chamarz, 2006).

Objectivo Geral

- Reflectir sobre a importância da biblioteca escolar como recurso para o desenvolvimento curricular dos alunos durante o processo do ensino-aprendizagem.

Objectivos Específicos

- Analisar o potencial da biblioteca escolar no contexto escolar;
- Analisar os recursos disponíveis na biblioteca escolar;
- Verificar a resposta dos professores e alunos à oferta dos serviços e recursos disponíveis na biblioteca escolar.

Este trabalho compreende duas partes: após a Introdução, na qual expomos o contexto e as motivações que nos conduziram ao presente estudo, apresentamos, na primeira parte, constituída por três capítulos, a problemática da BE no processo ensino-aprendizagem, e, na segunda, também ela em torno de três capítulos, o estudo empírico.

No que se refere à primeira parte, o primeiro capítulo, aborda a Sociedade de Informação e a escola do século XXI; o segundo capítulo centra-se sobre a importância da integração da biblioteca escolar na escola e o terceiro capítulo sobre o contributo da biblioteca escolar para a promoção da literacia da informação.

No quarto capítulo, que inicia a parte 2, apresentamos a metodologia de investigação, caracterizamos o contexto de estudo bem como a amostra, enunciamos as questões e descrevemos a forma de conduzir a investigação. No quinto capítulo, expomos os resultados, reflectimos sobre os mesmos. Terminamos com as Conclusões gerais propiciadas pelo conjunto do trabalho desenvolvido.

A presente dissertação alicerçou-se teoricamente no trabalho de alguns autores de referência, como Calixto, Dionísio, Pinto, Delors, Nunes e Todd. O Manifesto da IFLA/Unesco sobre bibliotecas escolares tal como as directrizes da IFLA/ Unesco para este tipo de bibliotecas constituíram a fonte de informação em que nos apoiámos para definir princípios, missões, funções e actividades das bibliotecas escolares.

Consultámos e utilizámos neste trabalho um total de 49 monografias, cinco artigos, e quatro comunicações a Congressos, todos referenciados na bibliografia que apresentamos no final do documento.

Para a elaboração da bibliografia e das citações seguimos as normas da APA.

PARTE 1 – ESTUDO TEÓRICO

CAPITULO 1 - A SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO E A ESCOLA NO SÉCULO XXI

“A vida das crianças não se compreende hoje se não se incorporar a realidade ambígua e complexa dos meios de comunicação e informação. De resto, o quadro sócio cultural em que os mais novos nascem e crescem é profundamente marcado por um “ecossistema comunicacional e informático” tornado visível por uma panóplia de recursos e dispositivos tecnológicos distribuídos e apropriados de forma desigual.”

Manuel Pinto (2002:9)

1.1. INTRODUÇÃO

A sociedade actual está em permanente mutação. As novas tecnologias, a acumulação de informação, a velocidade de transmissão, a superação das limitações espaciais são, entre outros, alguns dos elementos que explicam a mudança que ocorre continuamente. Na análise do mundo contemporâneo, não podemos alhear-nos das mutações profundas que esta realidade implica, no que concerne ao nível cultural e educativo, pelo que importa fomentar novas práticas.

“Desenvolver e de ser ajudados a desenvolver capacidades para correrem riscos, para lidarem com a mudança, e para implementarem processos de pesquisa, quando se confrontam, repetidamente com novas exigências e com novos problemas”

(Heagreaves, 2003:51)

Neste sentido, é de salutar importância a promoção de um sistema educativo no qual profissionais altamente qualificados desenvolvam neles próprios e nos seus alunos a criatividade e flexibilidade, tão necessárias na sociedade do conhecimento, cujas alterações se processam a um ritmo alucinante.

Perscrutemos a nossa sociedade, segundo o olhar de Calixto e o Relatório Estratégico para a Educação e a Pesquisa, publicado pelo Ministério da Educação Finlandês (1995, citado por Nunes, 2003:1)

“Não são os mais visíveis e constatáveis empiricamente pelo cidadão comum. As grandes alterações a que assistimos têm origem nas implicações económicas e políticas do valor da informação. Esta é vista como uma matéria-prima, ou mais como um factor de produção, lado a lado com o capital e o trabalho” (Calixto, 1996, p.115)

“A educação e a pesquisa são factores cruciais para a evolução do país no sentido de uma sociedade de informação. Os cidadãos desta mesma sociedade devem possuir uma boa educação básica, capacidades variadas para exercer as suas profissões e resolver problemas e o profissionalismo exigido por uma via de trabalho em permanente mudança e inserido numa rede mais complexa. A qualidade de educação, bem como um desenvolvimento equilibrado de capacidades de pesquisa básicas e aplicadas são pré-condições para a inovação (...) Numa sociedade da informação, a informação é um recurso fundamental. A evolução da tecnologia que torna possível a produção e a transmissão de informações tem profundas influências na estrutura, conteúdos e metodologias da educação e da pesquisa.” (Relatório Estratégico para a Educação e a Pesquisa)

As modernas sociedades democráticas em que vivemos exigem cada vez mais destreza na mobilização da informação. Neste contexto, a competência de leitura é reconhecida como uma condição fundamental para o acesso ao conhecimento técnico e para o exercício da cidadania que ela própria determina. Importa, por isso, dotar os indivíduos de hábitos de leitura duradouros que lhes possibilitem o desenvolvimento da sua autonomia e a plena integração na sociedade. Assim sendo, torna-se imprescindível, que os cidadãos tenham consciência da necessidade de desenvolver um conjunto de competências que os habilite a movimentar-se nos universos informacionais.

Os estabelecimentos de ensino devem acompanhar a mudança, sob pena de não conseguirem acompanhar o progresso social. Se a conjuntura actual está intensamente marcada pela omnipresença da comunicação audiovisual, a escola não pode limitar-se ao uso quase exclusivo dos suportes tradicionais da escrita.

A escola é socialmente reconhecida, ainda que tacitamente, como o lugar por excelência onde a aprendizagem e o desenvolvimento de capacidade de leitura devem acontecer, e é ao “ desenvolver hábitos de leitura e trabalho criativo, que uma vez adquiridos, acompanham o indivíduo durante toda a vida, motivando-os para utilizar os diferentes tipos de bibliotecas

(L.F. Nunes, 1987:17)” que esta estrutura educacional cumpre uma das suas funções primordiais.

A Biblioteca Escolar, como recurso medular e vital na escola e espaço de aprendizagens informais, ao permitir liberdade de actuação e igualdade de oportunidades, é o lugar ideal para a concentração de diversos recursos educativos, de modo a estimular o envolvimento de toda a comunidade educativa e contribuir para o desenvolvimento de hábitos e competências de leitura, facilitadoras de mecanismos e de actualização de conhecimentos mais autónomos e duradouros.

Perante as exigências da actual sociedade, a escola deve providenciar mecanismos que promovam a formação integral das crianças e dos jovens, o desenvolvimento de valores e competências que, mais tarde, lhes permitam plena integração na vida activa, como cidadãos implicados no seu tempo e cultura e conscientemente envolvidos nos desígnios da comunidade.

No dizer de Calixto:

“Os estudantes de hoje terão necessidade de aprender ao longo de toda a sua vida. Os programas de uma biblioteca escolar multimédia terão necessidade de atrair uma vasta clientela e satisfazer os seus interesses profissionais e de diversão, bem como reflectir a grande diversidade de métodos usados na educação”

(Calixto, 1999:78)

Os desafios do futuro são vários e complexos. Investir na educação tem inerente a preparação para o desenvolvimento de uma economia baseada no conhecimento, orientada no sentido de modernizar o modelo social europeu, o que pressupõe o investimento na formação e no combate à exclusão social. Neste sentido, é necessário o requisito de qualidade, enfatizando cada vez mais a qualidade de educação, que, quer do ponto de vista científico, quer social, envolve questões de acessibilidade, de organização, de ambiente ou clima relacional, de articulação com o meio externo, que têm um forte impacto nos resultados educativos, os quais dizem respeito tanto a competências cognitivas como às competências relacionais e aos afectos, às expressões e aos valores.

Sendo a educação um bem público, a qualidade diz respeito à proximidade de oferta de formação na comunidade e à qualidade dos serviços que presta, em função das necessidades educativas, sociais e cívicas, das famílias e das populações.

As Bibliotecas Escolares (BE) devem, pois, constituir parte integrante e essencial de todas as instituições educativas, como meio privilegiado de formação e aprendizagem e de promoção da qualidade do acto pedagógico. Assim, as BE devem ser uma componente fundamental das políticas e da praxis em educação, porque podem contribuir, de forma significativa, para a qualidade de processos de aprendizagem conducentes ao sucesso educativo, que largamente ultrapassa o sucesso escolar. Segundo Silva:

“Construir o sucesso educativo significa mais que obter classificações elevadas ou adquirir um diploma, é pôr em prática processos de formação cruciais para a realização dos indivíduos e o progresso das sociedades”

(Silva, 2002:70).

O uso, cada vez maior, na vida social e profissional, de documentos escritos, o aumento cada vez maior de circulação de informação escrita contida em diferentes suportes e, conseqüentemente, a sua compreensão, o pedido de uso da escrita nas interações com as instituições e no exercício de cidadania são algumas das características da “idade da informação” para as quais uma das respostas eficientes é o domínio da utilização de competências básicas, como a leitura, a escrita e o cálculo, de forma bem mais complexa do que há cinquenta ou mesmo vinte anos atrás.

Atravessamos um mundo em que a facilidade e rapidez de circulação nos obrigam a ter a capacidade de aceder e processar essa informação, transformando-a assim em conhecimento, que é a via de acesso à cidadania plena, pois, tal como nos refere Sim-Sim (2004:11):

“O conhecimento tornou-se a pérola do século XXI, o grande objectivo a perseguir e a moeda que nos permite franquear as portas da qualidade de vida, da prosperidade e da saúde”.

Actualmente a capacidade de utilização das competências de leitura, escrita e cálculo, na vida quotidiana a partir de manuais materiais escritos, é considerada como indispensável para os cidadãos funcionarem em pleno nas sociedades modernas. Não

possuir essas capacidades é, na maioria das vezes, sinónimo de exclusão social. A leitura no século XXI coloca-nos múltiplos desafios, para os quais a Escola e a biblioteca têm de encontrar respostas adequadas no tempo. Se até há bem pouco tempo o conceito de leitor se associava à frequência da leitura e das bibliotecas, hoje, com o eclodir dos ambientes digitais, a esse mesmo conceito é atribuída uma outra representação. O grande desafio das bibliotecas escolares e das bibliotecas em geral é perceber o papel, a importância, e as funções da leitura nas sociedades contemporâneas, adaptando-se e gerando com eficácia o presente, e antecipando o futuro.

Na última década, assistimos à transformação de uma sociedade pós-industrial para uma sociedade de conhecimento, o que implicou um novo mapeamento de organização social, da economia e do trabalho. Consequentemente, é imperioso educar as novas gerações para viverem criticamente, a vida social e produtiva, protagonizar proactivamente os paradigmas que a mudança impõe de forma permanente e duradoura.

Mais do que adquirir conhecimentos válidos para toda a vida, é de premente necessidade a escola enfatizar o seu papel na aprendizagem de competências e atitudes adaptáveis às evoluções contextuais supervenientes do ambiente social, económico, produtivo, tecnológico, da sociedade do conhecimento.

É de salutar importância o aprender a aprender, reflectindo, analisando e tomando consciência do que se sabe:

“Dispor-se a mudar os próprios conceitos, procurar novas informações, substituir «Velhas verdades» por teorias transitórias, adquirir os novos conhecimentos que são os requeridos pelas alterações existentes no mundo, resultantes da rapidez da evolução das tecnologias da informação”

(Moraes, 2005:33).

A importância das bibliotecas escolares, no contexto educativo e social tem sido cada vez mais acentuada nos últimos tempos. O Comité Internacional do Livro, reunido em 1996, em Paris, considerou as bibliotecas fundamentais para o desenvolvimento de capacidade de adaptação a uma sociedade voltada para a informação e:

“ Reiterou a ideia de que as bibliotecas se constituem como instrumentos fundamentais de apoio a necessidades públicas ou privadas, o que significa que na escola a biblioteca é útil para os alunos, professores e toda a

comunidade educativa, pois ela não só apoia e promove a leitura como todos os processos de aprendizagem em geral”

(A. Rodrigues, 2000: 44)

Uma sociedade em constante mudança coloca um permanente desafio ao sistema educativo. As tecnologias da informação e comunicação (TIC) são um dos factores mais salientes dessa mudança acelerada a que este sistema educativo tem de ser capaz de responder rapidamente. As características e a qualidade de acção educativa que aí decorre, as aprendizagens realizadas, as competências e os saberes adquiridos, são factores condicionantes do percurso social a realizar.

Uma educação básica capacitadora de uma cidadania plena para todos pressupõe a existência de referenciais de conhecimento e desempenho de acesso universal. Estes, consubstanciados num perfil de competências gerais, não podem deixar de ter em conta as implicações específicas e transversais que as TIC comportam.

As Tecnologias da Comunicação e Informação (TIC) geram muitas potencialidades, criam inúmeros novos cenários e promovem ambientes (reais ou virtuais) extremamente ricos e promotores de uma multiplicidade de experiências pedagógicas, impulsionando a ideia de que a aprendizagem é um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida sem fronteiras de tempo e espaço. Isto implica novas concepções sobre o que é aprender e ensinar exigindo o repensar das funções da escola, tanto em relação à sua estrutura organizativa, como em relação ao currículo.

A escolaridade obrigatória assume, com crescente implicação, todas as consequências que decorrem desta realidade. Pretende garantir que, ao finalizar o ensino básico, todos os alunos sejam capazes de utilizar as TIC, nomeadamente, para seleccionar, recolher, e organizar informação para esclarecimento e resolução de problemas. Salienta-se a importância das escolas no sentido de desenvolverem nos alunos a capacidade de utilização de computadores e Internet.

Segundo Das, (2007) acerca da biblioteca escolar para a escola do século XXI,

“ A biblioteca escolar é mais do que uma sala com livros e serviços: é uma função na escola. Para executar esta função, a biblioteca escolar precisa de usar todas as novas tecnologias e de se antecipar face às novas concepções educacionais tais como o e-learning e m-learning. A biblioteca escolar não é apenas um centro de aprendizagem e conhecimento para os alunos, mas

também o é para professores, pessoal não docente, estruturas de gestão, e possivelmente para os pais ”

(Das, 2007, p.7)

É importante pensar-se a escola como uma organização aprendente que se assume como comunidade de aprendizagem, promotora do sucesso educativo dos seus alunos.

1.2. NOVOS PAPÉIS NA ESCOLA

A Escola de hoje tem um papel fulcral no desenvolvimento dos alunos, na sua preparação eficaz para a sociedade do futuro, tornando-os cidadãos livres, autónomos e participativos. Deve deixar de ser o espaço, onde o professor se limita a transmitir o saber para se tornar num meio propiciador de conhecimento, atitudes, valores e competências, tornando-se assim um dos pilares do conhecimento.

A educação, deve ser revitalizada, através de novas formas de aprendizagem, com o objectivo de os alunos desenvolverem competências imprescindíveis na era de informação. É imperioso que a aprendizagem seja interactiva e integrada em vez de passiva e fragmentada, apoiando-se no trabalho colaborativo e na utilização contextualizada das TIC.

Ainda em relação ao ensino, Toffler (2001:406) refere que “ com o aumento da aceleração, pode-se presumir que o conhecimento será cada vez mais perecível, durará cada vez menos”. Não discordando de aprendizagens de factos ou informações, pelo contrário, o mesmo autor refere que:

“ Uma sociedade em constante aceleração, em que o indivíduo mudará constantemente de emprego de residência, de relações sociais, etc, terá de depender muito da eficiência do ensino. Portanto, as escolas do amanhã, não se devem limitar a ensinar factos; devem ensinar também a manejá-los. Os estudantes precisam de aprender a desfazer-se de ideias velhas, devem saber como e quando convém substituí-las. Precisam em suma de aprender a aprender”

É de premente importância que a Escola, construa alicerces sólidos, direccionados para o trabalho e para a vida dos alunos numa sociedade de conhecimento, que obriga a que todos os parceiros equacionem um modelo de educação compreensivo, estratégico e

ambicioso. Segundo Silva (2002:20), os sistemas educativos, têm uma importante missão a cumprir:

“ Devem promover a escola como um lugar de aprendizagem, que pode e deve acolher e valorizar todos, pode e deve incentivar hábitos de trabalho e disciplina deve motivar para a iniciativa, o método e a criatividade, deve prezar pela excelência, nas diferentes formas de que ela se reveste, deve proporcionar a todos, os instrumentos cognitivos e afectivos mais indispensáveis à sua formação.”

Assim, e nesta perspectiva, a Escola responde à sua missão complexa, indo de encontro aos quatro pilares promulgados pela Unesco: *o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver junto e o aprender a ser.*

De acordo com o “*Relatório da Unesco, sobre a Educação para o século XXI*”, a Educação para o século XXI, segundo relatório elaborado por Jacques Delors (2005), assenta em quatro pilares e deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais: aprendizagem ao longo de toda a vida, aprender a conhecer ou, dito de outro modo, adquirir conhecimentos de compreensão, aprender a fazer para poder agir sobre o meio envolvente e aprender a conviver. Salienta-se, contudo, que “aprender a conhecer”, “aprender a fazer” e “aprender a conviver” são partes constitutivas do “aprender a ser” (humano) em qualquer época do processo civilizatório. Tal como nos refere Delors (2005:89):

“ Doravante temos de aprender ao longo de toda a vida e uns saberes penetram e enriquecem outros. Em vésperas do século XXI, as missões que cabem à educação e as múltiplas formas que podem revestir fazem com que englobe todos os processos que levem as pessoas, desde a infância até ao fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmos combinando de maneira flexível as quatro aprendizagens”

O século XXI exigirá de todos nós uma grande capacidade de autonomia e discernimento, juntamente com o reforço da responsabilidade pessoal na realização de um destino colectivo. A escola deverá preparar os seus alunos para este enorme desafio dando-lhes as ferramentas necessárias, de forma a fortalecer o desenvolvimento curricular.

A ênfase na aprendizagem implica uma maior atenção no desenvolvimento das práticas de sala de aula e nas aprendizagens dos alunos, na medida em que o desafio do

conhecimento leva a repensar os propósitos essenciais da educação na escola face ao mundo do trabalho, à vida social e à aprendizagem ao longo da vida.

A qualidade desta aprendizagem, é induzida pelo currículo, pelos métodos pedagógicos, pelos recursos, ferramentas e estratégias de aprendizagem. Na verdade, currículo, definindo um conjunto de competências e capacidades permitem a adaptação às transformações da sociedade, assim como o domínio de instrumentos para que cada um possa continuar a aprendizagem ao longo da vida.

As escolas devem criar mecanismos que desenvolvam nos alunos a disposição positiva para a aprendizagem, os ajude a adquirir as competências para aprenderem autonomamente, motivá-los para os conteúdos curriculares, e os comprometa na construção de um ambiente escolar propício. Há que impeli-los a perguntar, a aprender a investigar no sentido de uma maior construção de saberes.

Os métodos pedagógicos, têm de ir de encontro não só às novas necessidades contemporâneas, em que os novos paradigmas científicos alteram concepções epistemológicas, como a interactividade e a conectividade das redes tecnológicas e digitais de comunicação, que mudam os processos de aprendizagem, tendo em conta a natureza activa e individual que suportam a construção do conhecimento.

As novas tecnologias induziram novos desafios à escola, na medida em que, tal como refere Pinto (2002:149) ”

Esses instrumentos que são as TIC além de serem utilizáveis e reutilizáveis em qualquer área disciplinar, são eles próprios geradores de padrões globais, de formações competências pessoais e até de hábitos mentais que representam a essência da integração das aprendizagens”

O sistema educativo sofreu uma autêntica alteração, através da evolução dos instrumentos de informação. Segundo Pinto (2002:9)

“ O educador é cada vez mais um gestor de aprendizagens, e cada vez menos um detentor clássico dos saberes institucionalizados, e esta reorientação educativa passa por todo um conjunto de factores que atravessam a sociedade contemporânea, aos quais não é alheio o crescimento quer quantitativo, quer qualitativo dos saberes em si mesmos.”

Enquanto a escola tradicional debita informação para um público passivo, a escola actual enfatiza um trabalho de projecto com intervenientes activos e dinâmicos, tal como o evidencia (Pinto 2002:152):

“ Entende-se ser a escola um lugar, onde se pretende formar cidadãos livres e autónomos, capazes de olhar a sociedade de uma forma crítica ao mesmo tempo que a servem”.

Numa sociedade cujo conhecimento é rapidamente ultrapassado por novo conhecimento, mais do que actualizado, o mais importante é:

“Não é aprender conhecimentos, mas sim aprender a conhecer, não é aprender pensamentos, autorias, mas aprender a pensar, não é aprender investigações, mas aprender a investigar, não é aprender modos de ser, mas é aprender a ser”

(Dias, cit. Por Morgado 2001).

A nova escola, segundo D.Moirissete & M. Gingras (1994: 26) citado por Silva, (2002: 69), pressupõe um novo conceito de educação que pode ser entendida em sentido lato como.

“Um longo processo através do qual a pessoa adquire múltiplos elementos que formam ou transformam a sua personalidade, com o fim de desenvolver potenciais faculdades e tornar-se autónoma ou, em sentido restrito, “ um conjunto complexo de experiências e aprendizagens, planificadas e organizadas de maneira sistemática, com vista a provocar modificações duradouras no comportamento de alguém”

A escola de qualidade - o que implica uma visão global de todas as áreas e dimensões, tendo em conta as interacções que elas estabelecem entre si, sem descurar a importância dos resultados dos alunos – deve primar pela eficácia, e, no entender de Mortimer e Munoz- Repizo (citado in Góis, Gonçalves, 2005:22) deve usar de equidade, considerando todos os alunos; procurar o desenvolvimento integral destes, contemplando um conjunto de resultados sociais e intelectuais, atitudes e competências, e estar associada à noção de valor acrescentado ao medir a sua eficácia, fazendo-o em continuidade, e mantendo elevados padrões de desempenho.

Os quatro pilares do conhecimento são fundamentais na educação. O primeiro, *aprender a conhecer*, prima pela aquisição da compreensão iniciando pelo *aprender a*

aprender, que consiste na estimulação da memória, da atenção e do raciocínio, o que desenvolve o pensamento crítico. De outro modo, também permite que tenha um conhecimento do mundo mais profundo, que aprenda a “ ler o mundo” nas suas várias formas.

O aumento de saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia da capacidade de discernir.

Mesmo exercitando a educação para o resto da vida, o campo do conhecimento é vasto. Há necessidade de nos irmos actualizando e especializando e fazer os possíveis por ter um conhecimento holístico, quer dizer, aliá-lo às outras áreas do saber e à cultura geral para sua maior precisão.

É importante que se incentivem os jovens a prestarem atenção aos factos do mundo que os rodeia, que se exercite neles a memória e a atenção (Delors, 2005:79).

O segundo pilar do conhecimento diz respeito ao *aprender a fazer*, que significa colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos no primeiro pilar, *aprender a conhecer*, para que a pessoa consiga estabelecer uma relação entre o teórico e o prático.

Não esquecendo que, em relação à área do trabalho, se valoriza o conhecimento na medida em que as máquinas substituem o ser humano no trabalho físico, há, portanto, necessidade de ter conhecimentos para fazer operar os engenhos e fazer por desenvolver a criatividade. Neste sentido, é de salutar importância que se actualize e qualifique cada vez mais o conhecimento. Como este está em constante devir, o trabalhador como agente de mudança, deverá ter capacidade de saber e saber fazer, além de dever possuir outras qualidades como a “ capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros de gerir e resolver conflitos” (Delors, 2005:19)

O terceiro pilar diz respeito à comunicação, ao *aprender a viver juntos*. A prioridade é a relação da interdependência humana, na sociedade de informação interplanetária. Esta, estimula o contacto com outras culturas, numa época do pluralismo cultural onde há uma maior partilha na forma de dialogar.

Em relação ao quarto pilar da Educação para o século XXI, *aprender a ser*, a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI estipulou a fórmula de educação de qualidade:

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa: espírito, corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade.

“Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças á educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, nas diferentes circunstâncias da vida”.

(Delors, 2005:86)

Reinventou-se uma nova escola, que prima pela igualdade de oportunidades para todos, com novos contextos de formação e educação, que facilita a aquisição de conhecimentos e competências. O que não se pode descurar é a manutenção do conhecimento significativo, que implica a construção de processos de pensamento e atitudes favoráveis à aprendizagem, entendendo-se esta como um processo, com um papel determinado ao nível das escolhas, das oportunidades, e da construção do projecto de vida e de cada indivíduo.

1.3. A MUDANÇA DE PARADIGMA

Uma prática pedagógica que propicie uma aprendizagem crítica e transformadora deve assentar em paradigmas³ inovadores.

Entende-se por paradigma, de acordo com Moraes (1998), todos os modelos e padrões compartilhados por grupos sociais que permitam explicações de certos aspectos da realidade.

Um paradigma para YUS (2002: 25) citado por Camargo, é

³ [Um Paradigma] “ ...” a constellation of concepts, values, perceptions and practices shared by a community which forms a particular vision of reality that is the bases of the way a community organises it self.”

T.S.Kuhn in the structure of Scientific Revolutions (1962)

“ Um conjunto de regras que define qual deve ser o comportamento e a maneira de resolver problemas dentro de alguns limites definidos para que se possa ter êxito”.

Assim, pode afirmar-se que um paradigma pode determinar comportamentos em todas as áreas do conhecimento, daí a importância do seu estudo. A influência que estes paradigmas exercem na educação implica conhecer e identificar quais os desafios a enfrentar para garantir uma educação inovadora.

As práticas e os papéis dos professores são decorrentes de paradigmas que estes acreditam ser os mais apropriados no seu âmbito educativo. A educação nos dias de hoje é primordial na vida de todas as pessoas para que estas possam ter dignidade, respeito e ser cidadãos plenos desta sociedade globalizada. Assim, os paradigmas educacionais foram-se reestruturando no decorrer dos anos, acompanhando os avanços culturais, políticos, sociais e tecnológicos.

A urgência crescente para uma visão de educação que prepare os alunos para o trabalho e para a vida numa sociedade de conhecimento obriga a que todos os parceiros sociais pensem num modelo de educação compreensivo, estratégico e ambicioso.

Os sistemas educativos têm por isso, como realça Augusto Santos Silva (2002:20) que criar fortes alicerces, promovendo” a escola como um lugar de aprendizagem, que “ pode e deve acolher e valorizar todos, pode e deve incutir hábitos de disciplina, deve motivar para a iniciativa, o método e a criatividade, deve prezar a excelência, nas diferentes formas de que ela se reveste, deve proporcionar a todos os instrumentos cognitivos e afectivos indispensáveis à sua formação “ na persecução da missão complexa que lhe foi acometida, respondendo aos quatro pilares promulgados pela Unesco - *O aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver junto e o aprender a ser.*

Novos desafios são colocados à escola, perante o bombardeamento constante de informação, de recepção dos textos, os diferentes suportes de linguagem, em que a informação é veiculada. Ouçamos Correia (1998),

“As tecnologias de informação e comunicação, suportadas por uma autêntica revolução tecnológica, tem vindo a impulsionar uma verdadeira mudança no campo educacional. A grande quantidade de informação disponível e a multiplicidade de formas que ela assume caracterizam a

sociedade dos nossos dias (sociedade de informação”) – fazendo com que o acesso rápido e eficaz (rápido e flexível) a vastas formas de informação se torne uma das capacidades mais privilegiadas na interação com o mundo que nos rodeia.”

Confrontando-nos com esta realidade, cada vez se toma mais consciência da necessidade de renovar e aperfeiçoar as ideias e as práticas no sentido de melhorar os conhecimentos e destrezas do ensino.

A necessidade de corresponder às complexas exigências decorrentes desta era informacional que se impõe a cada momento, vai reflectir-se obrigatoriamente no pensamento e nas práticas de educação, no sentido de definição de um novo paradigma educacional.

A mudança de paradigma educacional é apontada por vários autores (Antunes, 2002, Branson, 1990, Correia, 1998, Santos, 1996, Toffler, 2001, Pinto, 2005) como resultado das profundas mudanças que a nossa sociedade tem vindo a atravessar.

Toffler (2001) identificou algumas das mutações mais drásticas, verificadas na nossa sociedade, desde a era agrária até à era informacional, passando pela era industrial, que influenciou fortemente os processos do ensino aprendizagem.

O autor reconhece que o conhecimento constitui, na era actual, o supremo substituto de outros recursos, ao reduzir a necessidade de matérias-primas, mão-de-obra, tempo, espaço, capital numa economia super simbólica.

Segundo este autor:

“As sociedades tecnológicas modificaram-se, tão rápida e implacável emente que as verdades de ontem se tornam, de súbito, as ficções de hoje e os membros mais inteligentes e especializados da sociedade têm de admitir a sua dificuldade em estar em dia com o dilúvio de novos conhecimentos, mesmo em domínios muito restritos”

(Toffler, 2001:158)

No quadro de uma abordagem comunicacional, a tradição oral e singular, típica das sociedades agrárias, deu lugar ao aparecimento da escrita iniciando-se, deste modo, um processo de elitização da comunicação (destinando-se apenas àqueles que sabiam ler e escrever). Com a Revolução Industrial, instaurou-se um sistema de riqueza baseado na

produção maciça, criando-se a necessidade de uma comunicação de base tecnológica (jornais, revistas, rádio, televisão), capaz de transmitir a mesma mensagem a milhões de pessoas em simultâneo. A sociedade industrial conferiu à escolarização, um papel de força de trabalho qualificada, com vista a uma reprodução social e à criação de uma escola de massas.

Neste cenário, assistimos paralelamente a uma evolução de paradigmas educacionais. O paradigma inicial, vigente a partir da tradição oral até à expansão da base de conhecimento, possibilitada pelos primeiros media impressos, caracteriza-se por um modelo comunicacional: o professor é o centro do processo ensino aprendizagem.

As competências que se valorizam, no século XXI, prendem-se com a tecnologia de informação: ter acesso à informação, ser capaz de qualificá-la para os fins exactos (transformá-la em conhecimento) e conseguir produzir uma nova informação. A evolução dos instrumentos de informação, muito mais do que o simples desenvolvimento da informática, provocou uma autêntica revolução silenciosa nos sistemas educativos através daquilo que eles têm de relevante, ou seja, os sujeitos de aprendizagem.

Neste contexto, Jacques Delors (2005: 89) refere que ninguém pode pensar em adquirir na juventude uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma actualização contínua de saberes, apesar da educação inicial dos jovens tender a prolongar-se.

Os modelos educacionais sofreram transformações, na medida em que a aposta fulcral é construir conhecimento sólido e não apenas transmitir informação. Assistimos a um novo paradigma educativo, em que as TIC têm um papel preponderante ao nível das metodologias e dos objectivos educacionais.

O futuro de uma sociedade de informação depende significativamente do que hoje ocorre nas escolas, no que diz respeito às aprendizagens realizadas e às competências adquiridas. A cidadania plena desenvolve-se a partir de educação básica em conhecimento e desempenho de acesso universal e as TIC desenvolvem aqui implicações específicas.

No entanto, estas aprendizagens só serão significativas para os alunos se estes possuírem os requisitos necessários para as compreenderem; se for possível que os

alunos entendam e se apercebam da correlação necessária entre os diferentes saberes, se promoverem a autonomia, se desenvolverem competências que mobilizem a sua extensão a toda a vida, através de metodologias activas e recursos diversificados centrados nos alunos. Como nos refere Celso Antunes (2002:9,31), “só há aprendizagem se houver transformação”. Aprender significa sempre reestruturar o sistema de pensamento, com o qual se compreendem as coisas, as pessoas e o mundo. Não se aprende se só se acumulam saberes. O professor não é um “proprietário de respostas”. É aquele que ensina o aluno a fazer o seu caminho; é aquele que não” ensina o que se aprende sozinho”, que “ norteia caminhadas, aponta direcções”, que “ ensina a pesquisar, a procurar num dicionário, a vasculhar uma enciclopédia, a navegar pela Internet, a usar o imenso saber acumulado ao longo do tempo”, que “ ensina a usar e a manipular todas as linguagens” (2002:41-42).

Deste modo, ao aluno compete “ aprender e desenvolver competências como “ ler, escrever, contar, raciocinar, explicar, desenhar, comparar, compete-lhe também aprender saberes como geografia, matemática, história, ciências, inglês, língua portuguesa, geometria e tudo o mais que se aprende na escola” (2002:91).

Através do aperfeiçoamento destas capacidades, o aluno prepara-se para aceder à informação, de modo a orientar-se no mundo, a dar voz às suas ideias e opiniões, agindo autonomamente, de forma a resolver problemas e tomar decisões individuais, aprendendo a aprender a exercer uma cidadania informada e responsável, que lhe permite situar-se numa economia global complexa.

No sentido de uma maior aptidão dos alunos, os professores têm cada vez mais de orientar o trabalho da sala de aula, e até da utilização dos variados recursos da biblioteca, na perspectiva de uma metodologia activa e participativa.

Os professores devem ter um novo conhecimento dos processos do ensino aprendizagem na sala de aula, e de integrar novas dimensões didácticas e pedagógicas e de inserir os meios tecnológicos de comunicação nos seus processos pedagógicos, de forma crítica, competente, solidária e participativa.

À medida que a sociedade evolui, e surge um novo paradigma de educação, as competências necessárias para resolver a complexidade da vida também mudam. Hoje espera-se que todos os alunos construam sobre a literacia básica, um conjunto alargado

de literacias de forma a compreenderem como aprendem de forma a controlarem a sua aprendizagem e a monitorizarem o seu próprio progresso, com vista a um maior aproveitamento. A aprendizagem das literacias é a “ pedra de toque “ para a literacia actual: será mais importante ao estudante adquiri-las para se manter permanentemente a aprender, pois as informações disponíveis rapidamente se desactualizam e crescem exponencialmente, circulam em suportes, cada vez mais diversificados e complexos (Calixto, 1996:119).

No quadro 1, podemos avaliar as diferenças substanciais que existem entre o antigo paradigma da escola e o novo paradigma, em que a biblioteca escolar, como centro de recursos, no processo ensino aprendizagem, desempenha um papel fulcral no seio da comunidade educativa.

Quadro 1 - A Escola – Paradigma da Educação (Documento Traduzido pela RBE), Fonte RBE.

Paradigma da Era Industrial	Paradigma Século XXI
Inflexível no lugar e tempo	Flexível em Lugar e tempo (lugares e tempos compatíveis com as actividades dos formandos)
Na escola	Multi-espacial (escolas, casa, emprego, organizações culturais, etc.)
Turmas isoladas	Turmas usam regularmente as TIC para comunicarem
Tempos rígidos	Horários flexíveis
Escola aberta a professores e alunos	Escola aberta à comunidade
Informação na e para a escola	Acesso remoto e global
Estudantes como consumidores de informação	Estudantes como produtores de conhecimento e média
Estilos de aprendizagem e processos de avaliação Estandarizados	Processos de avaliação individualizados e estilos de aprendizagem diversificados
Competências baseadas fundamentalmente nos conteúdos e no ensino presencial de metodologia expositiva	Competências baseadas em conteúdos e processos de aprendizagem que incluem as TIC e metodologias demonstrativas
Desenvolvimento de competências principalmente no período de formação inicial de professores	A formação faz-se ao longo da vida
Os professores são a base do ensino	A comunidade contribui com conhecimento, apoio e experiência
Os professores trabalham sozinhos	Os professores trabalham em equipa e com técnicos de educação e outros especialistas
Ênfase nos conteúdos dos curricula e nos “inputs”	Ênfase nos processos de aprendizagem e nos “outputs”
Conteúdos dos curricula determinados pelo professor	Conteúdos negociados entre professores e alunos
O curriculum descontextualizado	Curriculum determinado pelo contexto com o qual se relaciona
Predominância da abordagem disciplinar dos conteúdos	Abordagem interdisciplinar dos conteúdos
Aprendizagem passiva	Aprendizagem activa (resolução de problemas)
Estratégia única de aprendizagem	Estratégia de Aprendizagem múltiplas
Tecnologias localizadas em laboratório	Tecnologias presentes em laboratório, nas salas de aulas, biblioteca e espaços de aprendizagem
TIC constituem uma área específica de actividades e aquisição de competências	TIC integradas em todas as áreas do curriculum

É inegável que os profissionais de Educação devem ser qualificados e cada vez mais se actualizar de forma a acompanhar as mudanças vertiginosas do presente.

Da mesma forma e pelos mesmos motivos deve-se, dotar o sistema educativo dos meios necessários para uma educação de qualidade: livros, modernos meios de comunicação, ambiente cultural e económico da escola.

Aos sistemas educativos é solicitado que formem cidadãos aptos aos novos desafios, quebrando barreiras e encetando mudanças. Já não é suficiente ensinar a aprender, mas também têm ensinar a buscar e relacionar entre si de forma crítica. Este é o caminho através do qual os alunos se podem tornar cidadãos autónomos que se comportam em sociedade como indivíduos livres e esclarecidos.

1.4. O CONTEXTO EDUCATIVO PORTUGUÊS

Portugal, é um dos Países, em termos de Ranking da União Europeia, onde se verificam níveis de educação e formação que o colocam na cauda da Europa.

O deficit educativo português está relacionado, em grande parte, com o pouco investimento em educação na época de 1924 a 1974, em que a cultura era pouco valorizada e vista até como um perigo à governação. Em 1933 (ano de promulgação da nova Constituição da Republica Portuguesa), verifica-se uma reorganização dos sectores de administração e inspecção escolares e orientação pedagógica no ensino primário. (Decreto nº 22 369, de 30 de Março de 1933).

Era declarada pelos governantes a primeira parte de um projecto geral, em preparação. São definidos como objectivos educativos do Estado Novo:

Ministrar uma instrução” sóbria mas sólida, útil e despretensiosa, protectora das virtudes que através dos séculos têm salvaguardado os interesses sociais da Nação Portuguesa” dominada pelo sentimento da Família e da Pátria.

Contribuir para o desenvolvimento ” progressivo e integral das faculdades” e para a aquisição de conhecimentos indispensáveis ao exercício de todas as profissões ou ao prosseguimento de estudos; tornar a grande massa dos indivíduos útil à sociedade; orientar as inteligências de forma a levar os indivíduos a tomar consciência dos interesses gerais do país, da região do município, da freguesia.

(Adão:1)

Em 1936, a Assembleia Nacional, aprecia uma proposta de lei preparada pelo Governo de Salazar, apresentada como a reforma do Ministério de Instrução e os princípios fundamentais da educação nacional.

O objectivo principal consiste:

“ Assegurar a todos os portugueses um grau elementar de cultura, que os torne verdadeiramente úteis para si e para a colectividade, e de dar enérgico e suficiente combate ao analfabetismo”(Adão :3)

Após muitos anos de estagnação, verifica-se que o sistema educativo português, conhece constantes reformas, em todos os níveis de ensino, sendo também abrangido o ensino secundário.

As mudanças ao nível do sistema educativo português surgiram com a publicação da lei nº 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo Português), que considera que a escola tem a obrigação de conceder a educação e que é um direito que compete a todo o cidadão recebê-la.

O ensino secundário, ao longo destas décadas, tem sofrido profundas mudanças, sendo de registar quatro tendências fundamentais:

a) “ Constante aumento de frequência e heterogeneidade da população escolar. o ensino secundário transformou-se nos princípios dos anos noventa , num ensino de massas, verificou-se dificuldade em integrar pessoas com características tão diversificadas .”

b) “ Redução do tempo de duração em consequência do aumento de escolaridade obrigatória. A primeira redução ocorreu em 1967, quando a escolaridade obrigatória passou de 4 a 6 anos, provocando a redução do ensino secundário de 7 anos para 5 (7º, 8º,9º,10º e 11º Ano)”

c) “ Transformação do Ensino Secundário, num mero corredor de passagem para o ensino superior. Desde os anos sessenta, os cursos secundários registam maior crescimento, na medida em que são os que permitem o acesso ao ensino superior.

“Explica-se a complexidade deste fenómeno pela 1º expectativa de elevação do nível de vida da população, produzindo um natural crescimento nas expectativas de ascensão social 2º) a unificação do ensino liceal e ensino técnico profissional (1976/1981)

3º) O descrédito dos cursos técnicos de nível intermédio, promovido nas escolas públicas, nomeadamente a partir da década de oitenta.As elevadas taxas de desemprego entre os jovens, sobretudo as raparigas, o que estimulou que muitos prosseguissem os estudos, com vista a melhores qualificações no sentido de ingresso no mercado de trabalho, sendo facilitada esta situação, por um baixo nível de exigências para a entrada no ensino superior, na

década de oitenta, fenómeno também provocado pela explosão do ensino superior privado.

4º) Tentativas ministeriais de retardarem a entrada dos jovens no ensino superior, conduzindo-os aos cursos técnicos, ou outras vias de formação intermédias. Assinalam-se as seguintes medidas: lançamento de serviço cívico em 1975, destinado aos alunos que tivessem concluído 11 anos de escolaridade e pretendessem ingressar no ensino superior; criação de um ano propedêutico, em 1976, pouco depois transformado em 12º ano, cujo aproveitamento era obrigatório para ingresso no ensino superior; 3) consagração de um exame nacional destinado a hierarquizar os candidatos ao ensino superior, nas diversas áreas. Lançamento, em 1983, do ensino técnico-profissional, em 1989, lançamento dos cursos tecnológicos nas escolas regulares, e dos cursos profissionais nas escolas profissionais de iniciativa privada, mas apoiadas pelo estado e a União Europeia.”

(Fontes, 2007: 1)

De acordo com o Ministério da Educação, o sistema educativo “ é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, desenvolvendo-se segundo um conjunto organizado de estruturas e de acções diversificadas, por iniciativa e sob responsabilidade de diferentes instituições e entidades (públicas, particulares e cooperativas). (H. Costa, et al 1998:19)

Com a aprovação da Lei de Base do Sistema Educativo Português, são definidos os objectivos da escolaridade básica. Este documento prevê um sistema de ensino dotado de estruturas administrativas, de âmbito nacional, simultaneamente dotado de estruturas regionais e locais, assegurando a interligação com a Comunidade e garantindo níveis de participação de toda a Comunidade Educativa.

Na sequência da Lei de Bases do Sistema Educativo, em 1986, começaram a ser estudadas um conjunto de medidas que se traduziram, em 1989, numa ampla reforma do ensino básico e secundário. O contexto político, devido à entrada de Portugal na CEE, era propício à introdução de grandes mudanças no sistema educativo, o que surge reflectido no diploma que determinou a reforma curricular (Dec.- lei nº 286/89).

Foram formulados uns conjuntos de objectivos, tais como:

“Combate ao insucesso escolar, nomeadamente o resultante do abandono escolar, antes da conclusão da escolaridade obrigatória. Desta forma, a

avaliação devia ser formativa, na medida em que só esta favorecia a autoconfiança dos alunos. Reforçou-se a estrutura de apoio educativo, tendo como objectivos equilibrar a diversidade de ritmos e capacidades dos alunos. Diversificou-se as componentes formativas, em várias dimensões, de forma a corresponder aos interesses dos alunos, sem esquecer o prosseguimento dos seus estudos”

“ Relançamento de uma via credível ao ensino superior, através da criação de cursos tecnológico nas escolas regulares e de cursos profissionais nas escolas profissionais, então criadas através de protocolos entre Estado e entidades privadas. A diversificação da oferta do sistema educativo formal apenas depois do 9º ano de escolaridade não era um dado novo e já se verificava anteriormente à Lei de Bases do Sistema Educativo Português. Após os 9 anos de escolaridade obrigatória o sistema de ensino oferecia três vias: profissional, técnico-profissional, e de ensino profissionalizante, como alternativa credível ao ensino superior.”

“ Criação de uma área de formação pessoal e social, tendo em vista, contemplar a tão apregoada formação cívica.

(Fontes, 2004:2,3)

Com o Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, as escolas passaram a estar dotadas de autonomia, privilegiando-se a diferenciação pedagógica e a flexibilização curricular, nomeadamente através de um Projecto Curricular de Escola próprio.

A partir desta altura dá-se uma maior ênfase às metodologias de aprendizagem investigaria, colaborativa e crítica, que se direccionam ao conhecimento (Afonso, 1994:19)

A vertente investigativa consolida-se com a influência e adopção das TIC, que originam um novo paradigma: o da educação ao longo da vida. Surge uma nova visão da escola e da comunidade educativa.

A educação deixa de ser estádio de desenvolvimento estático para se transformar num desafio constante, na medida em que o desenvolvimento social e económico deixa de ser avaliado apenas pela evolução dos recursos materiais, mas também pela evolução dos recursos materiais, mas também pela capacidade de aprender mais e melhor de forma a dar resposta a uma sociedade em constante mudança.

Segundo a Comissão Delors da Unesco, há necessidade premente de rentabilizar ao máximo os recursos disponíveis com o intuito de uma maior valorização na aprendizagem, recuperando assim o atraso educativo estrutural que ainda hoje nos caracteriza.

Nesta perspectiva, o Conselho Europeu de Lisboa, em 2000, enfatizou a valorização dos recursos humanos no reforço dos conhecimentos básicos essenciais como o português, línguas estrangeiras, matemática e informática, no desenvolvimento de competências transversais como, por exemplo, de comunicação, pesquisa, raciocínio, bem como nas novas qualificações e perfis profissionais necessários ao desenvolvimento competitivo.

A educação torna-se assim sinónimo de desenvolvimento, em que a escola deixa de ser uma estrutura fechada em si própria. Os avanços técnicos e científicos conduzem a novos saberes, a novos modos de pensar e agir e o professor terá de questionar a sua forma de estar na profissão, pois a sociedade do conhecimento exige novas formas de valorização profissional, o que determina que este esteja em formação permanente, na medida em que o acto educativo está ao serviço da comunidade.

De entre as medidas adoptadas na reforma educativa de 2002 a 2004, destacamos as seguintes:

“Ciclos de escolaridade. A nova reforma pretende consagrar até 2010, uma nova estrutura no sistema de ensino dividida em três ciclos: Ensino infantil (até aos 6 anos) Ensino Básico (dos 6 aos 12 anos), Ensino secundário (dos 12 aos 18 anos).

Cursos Gerais: Passam a existir cinco cursos: Curso de Ciências Tecnológicas, C.Ciências Sócio – Económicas, C. Ciências sociais e Humanas, C. Línguas e Literaturas e Artes.

A grande inovação em relação ao que existe foi acrescentar apenas mais um curso.

Cursos tecnológicos: No ensino tecnológico são propostos dez cursos: Curso Tecnológico de Construção Civil e Edificações, C.T Electrónica e Electromecânica, C.T. Informática, C.T. Ordenamento do Território, C.T Design, C.T. Multimédia, C.T Marketing, C.T Administração, C.T.Acção Social, C.T. Desporto.

Em Junho de 2002 é publicado o decreto –Lei n.º 156/ 2002, de 20 de Junho que suspende a reforma do ensino secundário , prevista para entrar em vigor neste ano lectivo (2002/ 2003).

Num país em que ainda tem 9% dos analfabetos, e onde as taxas de abandono do sistema educativo são as mais elevadas da Europa, o governo promete até 2010, impor 12 anos de escolaridade obrigatória.

Disciplinas. Na área de formação geral (obrigatória), no 10º, e 11º ano, para além das disciplinas obrigatórias de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Filosofia e Educação Física, foi introduzida uma nova disciplina com esta natureza: Tecnologias de Informação e Comunicação.

Prevê-se a existência de menos exames. Actualmente os estudantes prestam provas a cinco cadeiras no final do 12º ano. Os alunos do Tecnológico têm ainda de fazer um exame a uma disciplina de formação técnica. A partir de 2004/2005, são feitos apenas quatro em dois momentos diferentes, 11º e 12º ano. Os estudantes dos cursos tecnológicos terão de prestar prova de aptidão tecnológica. Esta decisão anula a realização de provas globais.

A nova reforma estabelece quatro modalidades de ensino: Ensino Científico- Humanístico; Ensino Tecnológico; Ensino Artístico, Ensino Profissional..

(Fontes:1,2) ”

Em 2006 foi aprovada a Alteração ao Estatuto da Carreira Docente, a qual introduz modificações no enquadramento funcional e estatutário da função docente, bem como ao nível organizativo e estrutural das escolas. No entanto, o atraso educativo não foi recuperado e o nosso país, no campo educativo, é ainda muito deficitário. Estudos de literacia demonstram que o nosso país se encontra nos níveis mais baixos em competências de leitura, escrita e cálculo.

A mudança impõe-se não só ao nível da educação, como ao nível da sociedade em geral. Um novo desenvolvimento da economia, da tecnologia e da cultura exigem um novo nível de educação.

Há um descrédito na Educação, que se tem vindo a consubstanciar no insucesso escolar, falta de motivação e empenho dos alunos na aprendizagem, falta de articulação entre educação e formação profissional, no deficiente reconhecimento pelo trabalho

docente, falta de confiança na escola como bem público, como meio capacitador do crescimento económico e social.

Os desafios que a escola tem de enfrentar, rumo à mudança, são a necessidade de criar e desenvolver novas estruturas (Centros Educativos) e uma notória flexibilidade no percurso dos alunos, colocando a sua tónica no ensino tecnológico e profissionalizante.

No dizer de Carneiro, “o carácter livresco e tradicional do nosso ensino, não facilita a conversão de conhecimento inerte em activo, nem o desenvolvimento de competências de resolução de problemas que ultrapassam a mera repetição de saberes memorizados” (Carneiro, 2000).

A grande prioridade política do século XXI é a educação como forma de integração. Portugal tem de se adaptar às grandes mutações sociais, culturais e económicas que eclodiram com as novas tecnologias, sob pena de ficar excluída da Europa.

Numa Sociedade em vias de Globalização, em que as novas tecnologias são o motor do desenvolvimento, é pertinente que os professores não se alheiem desta realidade. Assim, urge a necessidade do seu desenvolvimento profissional nesta área pois é inevitável a utilização das TIC no processo educativo –“ tudo quanto tenha efeito sobre a informação tem-no sobre a aprendizagem” (Pinto 2002:316). O mesmo acontecerá com as TIC, que geram novos tipos de aprendizagem, centrados no aluno, baseados em projectos, baseados em investigação, e em procura de resposta a questões.

1.5. CONCLUSÃO

Na perspectiva actual, em educação, defende-se o paradigma da escola reinventada, onde a aprendizagem advém de um esforço pessoal de construção do saber num contexto de interacção social, entre alunos e professores.

Num mundo em que o saber e o poder estão cada vez mais interligados, o futuro da educação depende em grande parte da “ capacidade de dotar as escolas com bibliotecas especializadas” e de investir nas escolas um “currículo de habilidades de informação”. (Calixto, 1996:124). Só assim a educação poderá desempenhar o seu verdadeiro papel no século XXI.

É da responsabilidade da escola, e mais especificamente das bibliotecas escolares contribuir para o desenvolvimento de competências de informação tal são as exigências da sociedade actual. Assim sendo, importa nunca descurar que a aprendizagem é contínua, direccionando-se para a excelência pessoal e o progresso social.

Vivemos num mundo em mudança alucinante e, embora muitos dos problemas não possam ser resolvidos na sua totalidade, cabe à escola no entanto um importante papel. Considerando que o “conhecimento é a chave para o próximo milénio”, de acordo com as recomendações da U.E e da OCDE de 1997, a educação não pode ser um privilégio de elites, mas sim um direito inerente a todos os elementos da sociedade.

A rapidez na mudança, a crescente multiculturalidade e mobilidade social aliadas à imprevisibilidade no futuro, colocam a escola perante um enorme desafio, onde cada vez mais a qualidade na educação é de suma importância. Este desafio passa por uma nova realidade civilizacional e educativa que leva Pinto a afirmar que:

“ A evolução dos instrumentos de informação, muito mais do que o simples desenvolvimento da informática, provocou uma autêntica revolução silenciosa nos sistemas educativos, através daquilo que eles têm de mais relevante, ou seja, os sujeitos de aprendizagem”

(Pinto, 2002:9).

Actualmente, o professor é considerado um gestor de aprendizagens, de saberes autónomos alicerçados nos diferentes suportes, de onde retira a informação, auxiliando o aluno a organizá-la e a estruturá-la. Nesta perspectiva, as TIC fazem parte do conteúdo, bem como do contexto educativo em que se inserem, desempenhando funções didácticas e sociais. Na medida em que a sociedade exige cada vez mais das estruturas educacionais, há uma simbiose entre competências tecnológicas da comunicação e informação e competências relacionais imprescindíveis ao processo ensino/aprendizagem.

Para compreendermos o mundo actual temos de ter em conta as mudanças que esta realidade implica, concretamente no campo educativo, mas sempre sob um enquadramento macro sociológico.

CAPITULO 2 – A INTEGRAÇÃO DA BIBLIOTECA NA ESCOLA

2.1. INTRODUÇÃO

As bibliotecas, e de uma forma peculiar as bibliotecas escolares assumem uma missão relevante na construção dos alicerces que edificarão o Futuro de cada um dos alunos. Estas, para além de contribuírem para a equidade de acesso à informação, promovendo assim, a inclusão social e combatendo o fosso digital⁴ têm também um importante papel a desempenhar na promoção e desenvolvimento de literacias que permitirão a integração plena e profícua, na sociedade de informação.

A biblioteca escolar é um recurso educativo que não se confina ao apoio ao currículo, mas contribui também para a formação integral do aluno, com vista à sua integração na sociedade e na vida activa e, por isso, é um dos recursos primordiais do sistema educativo. Já na LBSE/96, ela é perspectivada como “ capaz de proporcionar a aquisição de atitudes autónomas visando a formação de cidadãos responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária”.

Convém reflectir sobre a forma como a escola se inscreve neste tempo de mudança que atravessamos, e a forma como enquadrámos a biblioteca escolar, enquanto centro de recursos, no processo ensino/ aprendizagem.

O primado da escola é facilitar a aquisição de conhecimentos e competências, não esquecendo que o conhecimento significativo implica a construção de processos de pensamento e atitudes favoráveis à aprendizagem, e está concebido como um processo com um papel determinante ao nível das escolhas, das oportunidades e da construção do projecto educativo de cada um.

⁴ O Manifesto da IFLA sobre a Internet (IFLA, 2002), defende que “o livre acesso à informação é essencial para a liberdade de entendimento e a paz” e que o livre acesso à internet oferecido pelas bibliotecas e serviços de informação, contribui para que as comunidades e os indivíduos, atinjam a liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento (p.19)

As bibliotecas têm um papel relevante na medida em que contribuem para que o direito à educação e à igualdade de oportunidades sejam oferecidos a todas as crianças. Ouçamos a voz autoral de Dionísio (2000:46-47)

“As bibliotecas escolares são um recurso privilegiado de educação sem o qual o sistema educativo, não pode cumprir os seus objectivos, concretamente, a criação de condições, para que todos sem excepção, possam, em igualdade, aceder ao saber.”

A biblioteca escolar relaciona-se com as bibliotecas públicas municipais, contudo não se confunde com elas. De entre os objectivos para a Biblioteca Pública, segundo o Manifesto da Unesco (1994), destacamos o seguinte:

“Para assegurar a coordenação e cooperação das bibliotecas, a legislação e os planos estratégicos devem (...) definir e promover uma rede nacional de bibliotecas baseada em padrões de serviço previamente acordados. A rede nacional de bibliotecas deve ser concebida tendo em consideração as bibliotecas nacionais, as bibliotecas escolares e universitárias. ”

Em relação ao trabalho de cooperação, entre bibliotecas públicas e bibliotecas escolares, Ross Todd (2001: 13-14) defende que:

“There are benefits to students when school and public libraries communicate and cooperate more effectively. Evidence suggests that students who are active school library users are more likely to have more positive attitudes to public libraries and using those libraries.”

Às bibliotecas não escolares caberá a responsabilidade de dinamizar actividades culturais, estendendo-se a toda a população, envolvendo o livro e a leitura, bem como organizar programas sobre o uso de colecções que possuem sobre os serviços que oferecem. À biblioteca escolar cabe directamente a função formativa de desenvolver nos alunos hábitos de leitura e estudo, orientá-los na consulta de obras de referência e desenvolver capacidades no campo de informação e investigação. (Silva:199).

A Escola deverá assumir cada vez mais o papel de formar leitores e, como todos sabemos, é um trabalho moroso que requer muita persistência e uma grande imaginação no sentido de promover acções de promoção de leitura.

Estudar é uma função que pressupõe leitura e exige a aquisição de determinadas capacidades. Na verdade, o aluno não só precisa de encontrar um método que se adapte ao seu estilo de aprendizagem, como tem de se autonomizar no sentido de seleccionar a informação mais importante e organizá-la para a utilizar quando tiver necessidade de a comunicar. É pertinente a formação dos utilizadores por parte da biblioteca escolar, pois de nada serve oferecer uma boa colecção de recursos de informação se não forem capazes de os assimilarem, no verdadeiro sentido da palavra.

Torna-se imperiosa uma maior intervenção dos professores, o seu empenho em ligação com o Projecto Educativo da Escola e seu Plano de Actividades, no sentido de a Biblioteca dar resposta aos seus objectivos, nunca descurando, obviamente, o apoio ao desenvolvimento curricular, em contexto de sala aula.

Calixto, referia já em 1996, que não há escola moderna, sem reformas educativas, sem bibliotecas, acentuando que a ausência de biblioteca escolar penaliza os alunos das classes mais desfavorecidas, na medida em que:

“O ambiente familiar não só não lhes propicia o acesso aos livros e a um ambiente familiar literato, como com o desenvolvimento das tecnologias não têm acesso a computadores e a todas as enormes vantagens que daí advêm em termos de acesso à informação.”

(Calixto, 1996:120)

Recordemos o Manifesto da UNESCO para as bibliotecas escolares (1999):

“Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os estudantes alcançam níveis de literacias, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.”

As bibliotecas escolares são ainda uma forma de atenuar as desigualdades sociais existentes entre os alunos, já que minimizam as carências familiares ao nível da posse de materiais de pesquisa e leitura diversos, e ainda de hábitos de frequência de leitura, fornecendo a todos os alunos sem excepção, os mesmos materiais e oportunidades.

Apresentam-se, portanto, como “ um garante de oportunidades culturais (ou pelo menos de redução de igualdades) com as inerentes implicações ao nível do desenvolvimento e formação globais” (Rodrigues, 2000:46).

Da forma como ajudarmos a desenvolver os nossos alunos, assim, construímos cidadãos livres e activos.

2.2. FUNÇÕES DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

As bibliotecas escolares são uma mais – valia para o processo educativo, par além de lugares encontro de alunos e professores, com ideias a debater. São cada vez mais ambientes sofisticados de aprendizagem, oferecendo um vasto leque de recursos impressos e electrónicos, físicos e virtuais, potenciando oportunidades iguais de oportunidades a todos os alunos.

Assim, não podemos esquecer o papel do professor Bibliotecário, e a necessidade que este tem de se actualizar no sentido de acompanhar e apoiar os jovens que a frequentam. Não é demais reforçar a ideia que a promoção da leitura, numa altura em que cada vez mais se constata que os jovens têm baixos índices de leitura e desinteresse por essa mesma leitura, se torna um trabalho de grande persistência e tacto.

Sabemos que, se a leitura não é formalmente bem-feita (a nível da descodificação), não pode haver boa compreensão, nem boa assimilação dos conceitos, dos conhecimentos.

A Biblioteca escolar desempenha uma função muito importante, na medida em que deve proporcionar oportunidades de leitura que despertem interesse pela frequência da biblioteca em actividades aliciantes, em pareceria com outros professores. Verifica-se ainda que muitas vezes, não é dada, pela parte dos educadores, a importância devida à biblioteca escolar. Esta é uma das grandes falhas do sistema de ensino que se deve alterar, na medida em que a biblioteca escolar permite a construção pessoal do conhecimento, na formação global do aluno. Cada vez mais o conhecimento construído apenas sob o ponto de vista de certo autor, de certo livro, de determinado professor, se torna redutor, sendo necessária uma multiplicidade de fontes de informação.

No dizer de Silva

“Para que o conhecimento progrida é necessária a pluralidade de fontes de informação, bem como criatividade e autonomia no seu acesso.”

(Silva, 2000:57).

Diversos estudos referenciam que um bom programa ao nível de bibliotecas escolares, deverá ter presentes profissionais em biblioteca a tempo inteiro, pessoal de apoio qualificado, com conhecimentos em bibliotecnia e técnicas documentais, sendo, de igual modo necessária uma boa colecção e renovação, bem como uma forte rede informática que permita o acesso aos recursos das bibliotecas escolares na sala de aula.

As bibliotecas escolares contribuem também para o direito à educação e igualdade de oportunidades a todas as crianças, na medida em que constituem um espaço de recursos de aprendizagem. Tal como testemunha Dionísio:

“ (...) Promover uma maior familiaridade com as estruturas do conhecimento e não simplesmente com factos, desenvolver a capacidade em adaptar as ferramentas da aprendizagem e as estruturas das disciplinas a novas tarefas; suscitar o recurso a diferentes estratégias de aprendizagem; desenvolver naturalmente capacidades de aprendizagem básicas; como ler, observar, ouvir e compreender comunicação não verbal. Reconhece-se, do mesmo modo, que ele permite desenvolver, também naturalmente e em função das necessidades e motivações pessoais, as capacidades intelectuais como reflectir, pensar criticamente, seleccionar e interpretar dados, ou ainda usar diferentes recursos de aprendizagem (mass-media / Impressão).”

(Dionísio, 2000:46)

Por todas estas razões é salutar investir cada vez mais numa melhoria dos serviços prestados pela biblioteca escolar, reafirmando este recurso como parceiro fundamental na comunidade educativa, para a formação global dos alunos, como cidadão livres, responsáveis, e intervenientes na sociedade em geral. Esta não é uma percepção nova, pois há mais de uma década, Calixto já referia que:

“ Os nossos tempos são bem a era de informação, e os maiores problemas de quem lida com ela estão longe de ser a escassez, bem pelo contrário, são como recolher, organizar, sistematizar e tornar acessíveis milhões de dados, que diariamente são produzidos em todo o mundo”

(Calixto. 1996: 23).

A utilização das bibliotecas bem dinamizadas e bem apetrechadas desenvolve a competência de leitura, as competências em literacias e promove experiências de aprendizagem mediadas pela parceria entre os professores bibliotecários e os professores de sala de aula.

Um dos aspectos positivos do trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores de sala de aula, circunscreve-se à necessidade de integrar competências e processos de pesquisa que promovam a auto aprendizagem, através do empenho dos alunos na resolução de problemas, e uma aprendizagem baseada em recursos de informação que lhes permita tomar decisões conscientes.

A biblioteca escolar assenta de acordo (Loertsher, 1999: 11) sobre três pilares que sustentam o sucesso académico dos alunos: “ a infra-estrutura da informação” de acesso fácil não apenas no local, mas através do mundo digital: “ o serviço de apoio a alunos e professores “ com a indicação de materiais e o suporte a unidades de ensino: e as áreas programáticas de ensino: e as áreas programáticas da biblioteca escolar”. Estas áreas estendem-se “ à colaboração”, “ à leitura”, “ á aprendizagem através da tecnologia” e “á literacia de informação”. No entanto, apesar do programa da biblioteca escolar ter um papel relevante no desenvolvimento do currículo, tanto a ela como ao professor bibliotecário, não lhes são atribuídos o valor que merecem.

O Manifesto da UNESCO sobre as bibliotecas escolares da IFLA/ UNESCO identifica três dimensões fundamentais: “A biblioteca escolar propicia informação e ideias fundamentais para o seu funcionamento bem sucedido na actual sociedade, baseada na sociedade de informação e no conhecimento”: “ A biblioteca escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viverem como cidadãos responsáveis”; “ Bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos alunos para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, e aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação” (IFLA/ UNESCO 2000).

Aos professores bibliotecários, cabe um papel pedagógico que é também um papel de liderança. E este papel inclui, no parecer de Ross Todd (2002), citado por Carvalho (2007:75) sete dimensões:

“ I- A Liderança Informada (Informed Leadership) que os obriga a conhecer a investigação nas áreas da biblioteca escolar e da educação e a aplicar as suas próprias aprendizagens nas iniciativas pedagógicas”;

“II- A Liderança assertiva (Purposeful Leadership) obriga a definir uma visão clara dos resultados de aprendizagem pretendidos para os alunos, centrada em patamares cognitivos que permitam construir o conhecimento, a compreensão e o sentido;”

“ III- A Liderança Estratégica (Strategic Leadership), que os obriga a terem competências pedagógicas para transporem a sua visão de ensino para a acção, incluindo o acesso intelectual e físico a recursos de informação em todos os formatos, usando qualquer tecnologia que os obriga também a gerirem um orçamento e um conjunto de recursos de aprendizagens, atendendo a questões de circulação e inventário dos materiais de biblioteca escolar;”

“ IV - A Liderança colaborativa (Collaborative Leadership) obriga à construção de parcerias numa filosofia partilhada sobre a aprendizagem e sobre a construção de sentidos e do conhecimento, participando com outros professores no desenvolvimento de actividades de aprendizagem centradas em recursos que vão de encontro às necessidades dos alunos;”

“ V - A Liderança Criativa (Creative Leadership) exige a combinação de diversas capacidades e de documentar as próprias acções relativas aos reais resultados de aprendizagem dos alunos;”

“ VI - A Liderança Flexível (Renewable Leadership) que cria flexibilidade e capacidades de adaptação, obriga a manterem-se em constante aprendizagem, a estarem alerta para a mudança e inovação, a pensarem com outros olhos a forma tradicional do fazer e do ser é o princípio desta dimensão ”

“ VII - A Liderança sustentável (Sustainable Leadership) obriga à promoção da causa da biblioteca escolar, da sua missão, das suas finalidades, dos seus objectivos em toda a comunidade escolar, mostrando evidências, comunicando o que acontece na biblioteca escolar, promovendo as suas actividades e os seus projectos.”

Os professores bibliotecários são, assim, gestores da informação, dentro da organização que é escola, cabendo-lhes gerir eficazmente os recursos.

Neste sentido, a capacidade de criar colaboração e parcerias com os professores para ensinar as literacias aos alunos são dois eixos primordiais de acção do professor bibliotecário.

Um dos desafios mais importantes que a escola tem de enfrentar, é a criação de uma cultura de colaboração, entre os vários intervenientes conducentes ao sucesso das reformas educativas e inovação pedagógica. Assim, é de salutar importância a valorização da colaboração em trabalho de equipa, do trabalho do professor bibliotecário e os professores das várias disciplinas, numa partilha de responsabilidades com objectivos comuns.

2.3. A REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

O desenvolvimento das bibliotecas públicas realçou a inexistência de bibliotecas escolares, na verdadeira acepção da palavra. Havia necessidade de criar e desenvolver, a par das bibliotecas públicas, as bibliotecas escolares que fizessem despertar, nas crianças e jovens, hábitos e práticas, de forma a estabelecer uma articulação perfeita entre os diversos patamares de uma hierarquia que deveria subsistir. (Calixto, 1996, Nunes, 1998.)

No início, as bibliotecas escolares tinham muitas lacunas, a nível de funcionamento e espaço, uma vez que as suas instalações nem sempre eram as mais ajustadas. Muitas vezes era o local para onde eram enviados os alunos mal comportados, como forma de punição, quando o seu comportamento na sala de aula não era o mais correcto.

Em relação ao acervo documental das bibliotecas, os principais documentos eram os manuais. Para além destas limitações, as práticas dos professores eram, de igual modo, acentuadamente prescritivas, sendo o seu discurso a base de todo o conhecimento e a biblioteca escolar o reforço desse saber instituído (Pessoa, 1994).

Factores de índole histórica estão na base da mudança em Portugal. A partir de 1974, houve grandes alterações no sistema educativo, generalizando-se novas práticas de ensino-aprendizagem, cada vez mais centradas na valorização da escola paralela e na aceitação do princípio da efemeridade ou relativização do conhecimento.

A primeira vez que se fala em mediateca como recurso educativo é na LBSE (art. 41), aprovada em 1986 pela Assembleia da Republica (Canário, Oliveira e Pessoa, 1994).

No entanto, aproximadamente um ano mais tarde, a Lei nº 19-A/87, de 3 de Junho, ressalta a necessidade de medidas ajustadas em relação ao ensino-aprendizagem da língua portuguesa, atribuindo assim um papel de suma importância às bibliotecas escolares, determinando a sua criação e apetrechamento adequado em todos os estabelecimentos de ensino (Calixto, 1996:18).

O resultado de estudos publicados na primeira década de noventa, anteriores ao lançamento da Rede de Bibliotecas nas escolas portuguesas, relacionava bons níveis de desempenho em leitura com a existência de bibliotecas nos estabelecimentos de ensino (Magalhães e Alçada, 1993; Sim-Sim e Ramalho, 1993).

Neste sentido, o Governo assumiu a “insuficiência de hábitos e práticas de leitura» no seio da população portuguesa, planeou o desenvolvimento de bibliotecas escolares integradas numa rede e numa política de incentivo da leitura pública (Desp. Conj, Nº 43/ME/MC/95).”

Os resultados do primeiro estudo sobre literacia feito em Portugal justificavam que fosse tomada esta medida. O Estado, no sentido de melhorar a sua posição internacional, não podia descurar os níveis de literacia dos portugueses devido às suas implicações com as estruturas sociais e económicas do país. Em relação aos índices europeus, os níveis de escolaridade eram baixos e abundavam os trabalhadores com baixas qualificações e fracos recursos económicos. Apesar de tudo, mercê de algumas intervenções que vinham sendo feitas nesta área, a situação tinha já dado sinais de melhoria uma vez que as gerações anteriores dos inquiridos, que determinaram as constatações feitas, tinham menos escolaridade, menos qualificação profissional, menos recursos económicos e situavam-se, predominantemente no sector agrícola. Além das variáveis enunciadas, o baixo nível de literacia da sociedade portuguesa radicava ainda em taxas de leitura muito baixas de livros e não muito elevadas de jornais e revistas. (Benavente, 1996)

Neste sentido, registe-se a conclusão que Freitas, Casanova e Alves (1997), retiram da análise comparativa que estabelecem entre «leitores e leituras» no período compreendido entre 1988 e 1995:

[...] Globalmente uma população que viu aumentando, pelo menos em termos formais, o nível médio em termos de instrução, onde se recenseia um número maior de leitores, muito em particular de revistas, mas algo menos inclinada à leitura de livros (p. 275)

O relatório elaborado pelo Grupo de Trabalho (cf. Veiga, 1996), criado pelo Despacho Conjunto nº 43/ME/MC/1995 de 29 de Dezembro, onde se equacionavam problemas e se faz o diagnóstico das bibliotecas escolares, evidencia dois aspectos relevantes para o desenho de um programa de rede de leitura: pela primeira vez se constata a necessidade de uma intervenção devidamente articulada e contextualizada nesta área e, pela primeira vez,

também se tomam em consideração as opiniões de bibliotecários experimentados, procurando definir princípios e bases da biblioteca escolar, para depois apresentar as correspondentes linhas de orientação.

O Governo, através do Despacho Conjunto nº 184/ME/MC/96, de 27 de Agosto, decidiu dar início, no ano lectivo de 1996/1997, ao «lançamento faseado de um programa de instalação de rede de bibliotecas escolares» ´

A biblioteca escolar emergente identifica-se com as estruturas e equipamentos onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todos os tipos de documentos (qualquer que seja a sua natureza ou suporte) susceptíveis de se poderem afirmar como recurso educativo.

Assim entendida, deixa de ser a tradicional sala de arquivo de livros, na qual predominavam os manuais escolares oferecidos pelas editoras, para se assumir como um verdadeiro centro de recursos educativos, enriquecido pela diversidade de documentos que colocará ao dispor dos alunos, professores e de outros membros da comunidade educativa.

Assim, segundo Veiga, espera-se que a biblioteca transcenda...

“A sua função de mero contributo para o desenvolvimento do currículo, deixando de ser vista como «um simples serviço de apoio à actividade lectiva ou um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação dos tempos livres», para poder constituir-se como um núcleo de organização pedagógica da escola, capaz de dinamizar actividades culturais e fazer frente às exigências da proliferação da informação a que se vem assistindo”

(Veiga, 1996)

Na verdade, não nos podemos alhear do facto de que, acima de tudo, compete à escola preparar os alunos para viverem em sociedade e que esta exige deles determinados conhecimentos, comportamentos e competências. Espera-se que a biblioteca seja capaz de responder às exigências da comunidade educativa, proporcionando aprendizagens informais, através do recurso a actividades de informação, pesquisa e produção, em complemento da dinâmica de sala de aula. Neste sentido, o acervo documental deve ser predominantemente actualizado e posto à disposição para consulta presencial, em sistema de livre acesso, utilização de sala de aula, empréstimo domiciliário etc. Ouçamos a voz autoral de Calixto, que já, em 1996, demonstrava bem a importância da conciliação do tangível com o intangível:

“ [A] necessidade de uma biblioteca escolar multimédia deriva imediatamente dos novos conceitos sobre o ensino-aprendizagem (que valorizam o papel do aluno), e da existência de uma tecnologia avançada ao dispor de professores e alunos.”

(Calixto, p.69)

Vivemos numa sociedade de informação e cada indivíduo precisa de informação para lidar com as necessidades da vida de todos os dias. Assim, a biblioteca escolar multimédia é um elemento essencial ao preparar os alunos para desempenharem um papel na sociedade, contribuindo para criar nos indivíduos as capacidades para pesquisar, manusear e produzir informação.

Aos poucos, foi-se reconhecendo e valorizando a relação de complementaridade entre teoria e prática e, assim, este meio passou a ser um recurso educativo determinante, ampliando o tradicional espaço pedagógico restrito à sala de aula. Aprender leva à aquisição das dimensões buscar, interrogar, criar, avaliar, num diálogo constante, com o mundo.

O papel do aluno torna-se cada vez mais fundamental na construção da sua aprendizagem, e a biblioteca escolar afigura-se como um recurso essencial no desenvolvimento de todo esse processo (Calixto, 1996).

O contributo da Biblioteca para uma transformação global das práticas escolares pode ser decisiva. Relembramos a missão da BE, de acordo com o Manifesto da Biblioteca Escolar (1999)

*“ Um complemento e núcleo da vida da escola e é um recurso indispensável cuja função essencial é proporcionar serviços de aprendizagens, recursos/informação (em vários suportes), articulação com redes de informação (complemento de manuais escolares, materiais e metodologias de ensino bem como, de Planos Curriculares) que contrariem a info-exclusão e abandono escolar, facultando a igualdade de oportunidades no acesso aos bens tecnológicos e culturais.”

* “ Desenvolve competências de informação para a aprendizagem ao longo da vida e permite aos alunos estimular a imaginação e tornarem-se cidadãos responsáveis, conscientes, informados e participantes”

* “ Permite a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação”.

* “ Permite o desenvolvimento cultural da sociedade, num mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo cada vez mais acelerado”.

O Relatório Lançar Redes de Bibliotecas Escolares (cf. Veiga, 1996:34) entre outras coisas, esclarece que o programa em questão visa responder a uma necessidade, já enunciada desde meados do século XIX, e define quais os principais objectivos a concretizar pelas bibliotecas escolares, mais tarde reproduzidos e oficializados pela Circular Conjunta nº1/98, que são:

-“ Tornar possível a plena utilização dos recursos pedagógicos existentes e dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das diferentes disciplinas e projectos de trabalho;

- “ Permitir a integração dos materiais impressos, audiovisuais e informáticos e favorecer a constituição de conjuntos organizados em função de diferentes temas” ;

- “Desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, por solicitação do professor ou da sua própria iniciativa; produzir sínteses informativas em diferentes suportes;”

-“ Estimular nos alunos o prazer de ler e o interesse pela cultura nacional e universal”;

-“Ajudar os professores a planificarem as suas actividades de ensino e a diversificarem as situações de aprendizagem” ;

Associar a leitura, os livros e a frequência das bibliotecas à ocupação lúdica dos tempos livres.

A informação, neste contexto, é vista como um elemento de relevante importância e é através dela, designadamente pelas práticas da sua selecção, tratamento e difusão, que se pretende alcançar um “ saber escolar”. Só com estas competências adquiridas é que os alunos poderão fazer face ao crescimento avassalador da informação. Mas, antes de tudo “[t]orna-se necessária uma transformação significativa das suas atitudes, bem como das

dos professores, a par de grandes mudanças nas estruturas das escolas, pedagógicas e físicas” (Veiga,1996)

A Biblioteca Escolar, espaço de aprendizagens informais, ao permitir liberdade de actuação e igualdade de oportunidades, é o lugar ideal para a concentração dos diversos recursos educativos, de modo a estimular o envolvimento de toda a comunidade educativa e contribuir para o desenvolvimento de hábitos e competências de leitura facilitadores de mecanismos de aprendizagem e de actualização de conhecimentos mais autónomos e duradouros.

2.4. DINAMIZAÇÃO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES E PLANO NACIONAL DE LEITURA

A dinamização das Bibliotecas escolares deverá ser uma preocupação do professor bibliotecário em articulação com os professores e equipa da biblioteca. É da responsabilidade dos professores utilizarem mecanismos que motivem, despertem o interesse/gosto pela leitura dos nossos jovens., bem como a frequência de outras bibliotecas.

Em consonância com as directrizes legais, o Projecto e Educativo da Escola e o Plano de Actividades da Escola, deve a biblioteca escolar promover diversas iniciativas para a sua dinamização. Esta deverá envolver toda a comunidade educativa, os professores e os alunos, os funcionários, Pais e Encarregados de Educação.

As actividades de dinamização da biblioteca escolar passam pela aprovação do Conselho Escolar, no 1º ciclo, e pelo Conselho Pedagógico nas escolas do Ensino Básico e Secundário

Não há receitas milagrosas para o sucesso nas actividades de promoção da leitura nem para a conquista de leitores. Acima de tudo, devemos centrar-nos em actividades de leitura por prazer e, só mais tarde, após termos cultivado nestes jovens este hábito, propor outras actividades de leitura como fonte de conhecimento e de saber. Estamos convictos de que a biblioteca escolar deve conquistar pela compreensão, pela atenção aos afectos e jamais pela imposição, pois: “ O verbo ler não suporta o imperativo: é uma aversão que compartilha com os outros: o verbo «amar» ...o verbo «sonhar» ...” (Pennac, 1993:17)

Assim, são inúmeras as actividades que se podem realizar no âmbito de promoção da leitura. Passamos a enunciar algumas propostas:

a) Instituição da hora do conto, actividade que deve ser realizada de forma contínua, pressupondo a leitura de um conto em voz alta, uma fábula, um poema...

O ambiente em que se desenvolve esta actividade também é determinante para o sucesso na medida em que deve ser uma actividade que propicie serenidade, aconchego. A leitura em voz alta, tal como nos refere Sérgio Andricaín (1999) “procurará pôr em relevos os elementos lúdicos do texto”. Se aliarmos estes elementos com o facto de que todo o ser humano, independentemente da idade, gosta de ouvir contar histórias, temos a simbiose perfeita para que esta actividade tenha sucesso.

b) Criação do “Museu dos Contos” (Sobrinho, 2000: 81). O objectivo desta actividade é elaborar uma mostra de objectos que sejam identificadores de determinado conto, lenda ou fábula. Os objectos serão entregues na biblioteca e depois será elaborada uma ficha identificadora do objecto e do seu respectivo dono; paralelamente, ao entregar o objecto, o aluno deverá entregar um poema, uma lengalenga, um trava línguas, ou um conto da sua autoria.

c) Organizar concursos de poesia em que os alunos escrevam os seus próprios poemas e os entreguem na biblioteca para serem analisados e atribuído um prémio, para que se sintam envolvidos.

d) Organizar fóruns de discussão acerca de livros lidos por alunos diferentes, com o intuito de trocar impressões e estabelecer assim uma maior comunicação entre eles.

e) Organizar “conversas com poetas e escritores e promover o debate nesse mesmo encontro, levá-los a interagir com esses mesmos autores.

f) Promover encontros inter-geracionais e até com culturas diferentes, uma vez que a escola tem alunos de diferentes culturas, promovendo assim um encontro multicultural. Esta actividade tem como objectivo:

“Levar os mais velhos à escola para contar as suas próprias histórias ou as que eles ouviram e é uma boa maneira de mergulhar nas raízes da nossa cultura, e simultaneamente valorizar o saber dos mais velhos, tantas vezes, votados ao abandono e à solidão, nas nossas sociedades desenvolvidas”

(Sobrinho, 2000,:.84)

Muitas mais actividades se podem desenvolver para promoção da leitura, provenientes da imaginação e fantasia de crianças e adultos, envolvidas em todas as áreas de formação.

Com o intuito de ajudar o aluno a aprender e a desenvolver a sua autonomia na pesquisa e selecção de informação, a biblioteca escolar deve colocar à sua disposição diversos materiais e diversos meios de procurar e recolher informação, para que esta se converta em efectivo conhecimento, passível de ser assimilado e utilizado pelo jovem ou criança, nas mais diversas situações do dia-a-dia, e contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo, afectivo e até físico.

Em relação às crianças com fracos hábitos de leitura, verifica-se uma relação muito complexa, tal como evidencia Polasniec (2005:129)

“Todas elas já leram ou ouviram ler – histórias, livros que lhes deram prazer, mesmo que não tenha havido um encontro decisivo com o texto. Em contrapartida, quando lêem livros “recomendados” chocam imediatamente com grandes dificuldades. Porque a sua competência de leitores não é ainda bastante sólida para lhes permitir chegar depressa aos aspectos que lhe interessariam; porque não sabem ultrapassar uma longa descrição que os aborrece; porque para compreender um estilo rico, é preciso entregar-se a uma ginástica mental difícil, que só é possível, se está inteiramente disponível, se não se tem o espírito ocupado com a descodificação.”

Na verdade, não tendo os jovens hábitos de leitura consolidados, perante as dificuldades de descodificação, facilmente se aborrecem e tal como nos afirma Sobrinho (2000:30)

“O principal valor da leitura é o prazer que proporciona a quem o pratica, apenas com este objectivo ficaria plenamente justificada a criação de hábitos de leitura. Mas todos estamos conscientes do conjunto de repercussões positiva que deles decorrem.”

Vivemos numa sociedade de informação, marcada pelo ritmo veloz da evolução tecnológica e pela circulação permanente de informação. Viver em pleno nesta sociedade implica literacia da leitura, uma vez que ler significa mais do que descodificar símbolos linguísticos; ler é compreender e adoptar uma postura perante o que se lê. A leitura torna-

se um a fonte de acesso, ao conhecimento ao pensamento crítico à criatividade à imaginação produtora de prazer, emoção e enriquecimento pessoal.

Cadório (2000: 37 a 39) elenca cinco dimensões da leitura.

- “Dimensão informativa, de carácter funcional, utilizada no dia-a-dia, para preencher formulários, realizar as tarefas escolares, ler o jornal, usar o computador, consultar uma lista telefónica etc.”. Numa sociedade tecnologicamente avançada, é de salutar importância da leitura como meio veiculador da informação e comunicação humana.
- “Dimensão formativa, associada à leitura literária, enfatiza o aperfeiçoamento intelectual, linguístico e simultaneamente, desenvolve o pensamento”. Através da leitura de uma forma continuada e por prazer, o leitor adquire vocabulário, aprende a estruturar as frases, adquire fluência e velocidade na leitura, para além de desenvolvimento de sentido crítico. A autora refere ainda que este tipo de leitura leva “ao aperfeiçoamento do leitor como pessoa, intervindo a nível da personalidade sobretudo nos adolescentes.”
- “Dimensão socializadora: através da leitura, o leitor em contacto com outras mentalidades, com o registo do passado, assimila e reflecte sobre tudo o que o rodeia, insere-se e enraíza-se na cultura, tornando-se consequentemente mais crítico e interventivo na sociedade de que faz parte”.
- “Dimensão lúdica: esta permite a evasão do leitor, o lazer, permitindo ao leitor que se evada dos constrangimentos do quotidiano”.
- “Dimensão estética: relaciona-se com a leitura de uma obra literária, na medida em que ler uma obra literária é entrar em contacto com uma forma de arte”.

Assinalamos cada vez mais a necessidade de formar plenamente leitores, de lhe agudizar o espírito para o prazer que esta lhe confere, e, é responsabilidade da escola e de todos os agentes educacionais, pois “fomentar o hábito da leitura é propiciar ao aluno, um maior conhecimento, mais imaginação, autonomia, espírito criativo e uma maior consciência de si e dos outros” (idem, ibidem, p.42) que como temos vindo a assinalar, são condições para o exercício da cidadania plena.

2.5. BIBLIOTECA ESCOLAR E PROJECTO EDUCATIVO DA ESCOLA

Toda a acção social implica um projecto e não faz sentido pensar num projecto desta dimensão sem ter em conta a inovação, a mudança, a reforma. A inovação educativa é um processo em constante mudança que exige de todos os agentes da comunidade e do sistema um compromisso, para que essa mesma mudança aconteça e contribua para a formação dos alunos para a sociedade. A acção da escola, como um micro organismo da sociedade em que está inserida, exige de todos os membros da comunidade educativa uma acção conjunta.

O Projecto Educativo pressupõe uma série de acções conjuntas, entre vários intervenientes educacionais, veiculadas por directrizes governamentais, cujo propósito é a Educação.

“A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projecto educativo próprio, constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar e de adequação a características e recursos da escola e à solicitação e apoios da comunidade em que se insere”

(decreto-lei n.º 43/89, de 3 de Fevereiro)

O Projecto Educativo, é um instrumento de análise onde a escola questiona o papel do conhecimento que ela selecciona, organiza e transmite, contrabalançando o conhecimento vulgar que o aluno lhe traz e o conhecimento científico e organizado que nela tem de ser construído.

A Escola, como organismo vivo, deve procurar estar em constante diálogo com a comunidade envolvente, com os pais e encarregados de educação, criando oportunidades de uma maior participação da sua parte na vida da escola.

Sendo a escola uma organização dentro da sociedade em que está inserida, também ela, à semelhança da sociedade em geral, necessita de possuir um conjunto de normas que orientem as relações entre os seus membros e definam suas competências hierárquicas.

Uma organização social é mais do que uma simples totalidade integrada, incluindo outros conceitos (relações de pessoas, eficácia e eficiência, sinergia e previsibilidade) que aparecem na sua definição:

“ O estabelecimento de relações efectivas de comportamento entre as pessoas, de modo a poderem trabalhar juntas com eficácia e a poderem obter uma satisfação pessoal na realização de tarefas seleccionadas sob determinadas condições ambientais, com a finalidade de atingirem um objectivo

(Terry, 1980, cit. Pinto, 2005:233)

A introdução do Projecto Educativo nas escolas advém da reforma de 1986, se bem que a Lei de Bases 46/86, nunca refira essa expressão, estabelecendo apenas o seu fundamento ao determinar que o sistema educativo deve ser orientado pelos princípios de democraticidade, descentralização, ligado à comunidade local e participação de todos os implicados no processo educativo. Porém, a Proposta Global de Reforma (Cap.VI-Programas de Execução) usa já, sobre a administração e organização das escolas, pela primeira vez, a expressão de “ Projecto Educativo”.

A escola ou centro de educação pré-escolar também tem direito a um projecto educativo inserido nos princípios gerais definidos pela constituição da República Portuguesa, pela Lei de Bases do Sistema Educativo e pelo ordenamento jurídico em vigor

A concretização normal daquele projecto expressa-se no plano anual de actividades elaborado pela Comunidade Educativa. A existência de Projecto Educativo é um direito da comunidade educativa e um dever da escola ou centro de educação pré-escolar. O Projecto Educativo é definido pela comunidade educativa através das estruturas previstas neste diploma. (Pinto, 2005:263)

No art.º 6 desta proposta, acrescenta-se que a elaboração do Projecto Educativo, a sua promoção, implementação, bem como a supervisão, são uma responsabilidade da direcção da escola. O Projecto Educativo deve ser o referencial fundamental da escola, o impulsionador de todas as actividades educativas assegurando que:

“Cada escola ou centro deve, através dos seus órgãos de gestão, seleccionar os modelos pedagógicos de implementação curricular, os métodos de ensino e de avaliação, os textos e materiais didácticos, as actividades de complemento curricular, as actividades de reforço curricular e as actividades de apoio educativo congruentes com o Projecto Educativo da comunidade educativa. Da mesma forma, as estruturas de organização e gestão pedagógica podem ser diversificadas de forma a viabilizar o Projecto educativo da comunidade educativa”

(Pinto, 2005:264)

Mas, em termos propriamente legais é o Decreto -Lei 43/89 (autonomia escolar) que determina o direito da escola estatal elaborar o Projecto Educativo, afirmando, no artº2,2 do seu preâmbulo, o seguinte:

“A autonomia da escola concretiza-se na elaboração de um projecto educativo próprio, constituído e executado de forma participada, dentro de princípios de responsabilização dos vários intervenientes na vida escolar e de adequação a características e recursos da escola e às solicitações e apoios da comunidade em que se insere

O Projecto Educativo traduz-se, designadamente, na formação de prioridades de desenvolvimento pedagógico, em planos anuais de actividades educativas e na elaboração de Regulamentos Internos para os principais sectores e serviços escolares.

(Pinto, 2005:264)

Assim o Projecto Educativo preconiza um carácter personalizado às escolas e tem como pressuposto uma vontade colectiva e um envolvimento comunitário.

“É por excelência um documento de compromisso acerca das linhas gerais orientadoras da acção educativa; compromisso entre a política nacional e a sua adequação aos interesses regionais e locais; compromisso entre os vários interesses dos protagonistas locais do processo educativo, compromisso possível entre a realidade humana material e financeira e a utopia. É o rosto filosófico da pedagogia de cada escola, é o enquadramento espiritual em que se inserem os Planos Anuais de Actividades, incluindo a intervenção da Comunidade Educativa e os Projectos Curriculares e o Regulamento Interno”

(Azevedo, cit. por Rocha, 1998:103)

O Projecto Educativo da escola torna-se relevante, na óptica de uma escola inovadora, na medida em que envolve todos os agentes que lhe são inerentes bem como a comunidade onde está inserida. É um processo decisivo, na medida em que define a educação pretendida, as actuações dos vários intervenientes no processo, numa perspectiva de renovação, aumento de qualidade e eficácia.

Neste instrumento deve a escola exprimir a sua identidade, deve consignar, dotando-a de coerência e intencionalidade, toda a sua acção educativa, assim com as acções de coordenação da actividade lectiva dos vários órgãos do processo educativo.

A biblioteca escolar é um dos agentes integrantes das orientações e metas desse mesmo projecto.

Para Veiga e outros (1996:34), a biblioteca escolar:

“Constitui um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar e as actividades devem estar integradas nas restantes actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo”.

A biblioteca escolar não é uma instituição independente e o seu plano de acção deve estar em consonância com as directrizes da escola na qual se encontra integrada, pois só assim poderá cumprir os seus objectivos.

A biblioteca escolar (BE) é uma estrutura vital do processo educativo, essencial ao desenvolvimento da missão da escola, e deve ser entendida como uma estrutura pedagógica integrada no processo educativo, pólo dinamizador de novos projectos, novas práticas pedagógicas, protagonista de mudança e inovação, contribuindo para um Projecto Educativo que favoreça o sucesso dos alunos. Como estrutura pedagógica essencial da política educativa e curricular, a BE/CRE tem como objectivos, segundo *A Declaração da IASL do Manifesto da Unesco para a Biblioteca Escolar (1999)*:

- “Apoiar e promover os objectivos educativos delineados, de acordo com as finalidades e curriculum escola”;
- “Desenvolver e manter nas crianças, o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida”;
- “Proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento”;
- “Apoiar os estudantes na apreciação e capacidades de avaliação e utilização da informação, independentemente da utilização de suporte meio, usando de sensibilidade relativamente aos modos de comunicação de cada comunidade”;
- “Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que exponham os estudantes a ideias, experiências e opiniões diversificadas”;

- “Organizar actividades que permitam a tomada de consciência cultural e social e a sensibilidade”;
- “Trabalhar com os estudantes, professores e administradores e pais, de modo a cumprir a finalidade da escola”;
- “Promover a leitura e os recursos e serviços da biblioteca, junto da comunidade escolar e do meio.

A visão de uma biblioteca activa, com objectivos claramente definidos e enquadrados nas grandes linhas gerais da acção da escola a que está vinculada, está também contemplada na *Declaração da IASL sobre Bibliotecas Escolares*.

“A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objectivos de aprendizagem na escola e promove – os através de um programa planeado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes. Um programa planeado de ensino e competências de informação em parceria com os professores da escola e outros educadores é uma parte essencial do programa das bibliotecas escolares”.

As bibliotecas escolares, dotadas de uma política documental e de um programa de actividades de animação e formação coerentes com a especificidades do contexto, com as características, necessidades e interesses dos potenciais utilizadores, cumprindo os objectivos do projecto educativo da escola, visam contribuir para o grande desafio que é o sucesso educativo de crianças e jovens.

O tempo em que vivemos é tempo de mudança vertiginosa, pelo que se torna necessário que não nos sirvamos só do conhecimento apreendido nos manuais escolares, mas sim que procuremos outras fontes de informação e conhecimento. A Biblioteca Escolar, bem como outras Bibliotecas Públicas em parceria com esta, são meios que propiciam a oportunidade aos alunos, orientados pelos professores, de procurarem fontes de informação e conhecimento. A Biblioteca Escolar, como meio facilitador no processo de aprendizagem e com valor formativo e informativo veiculado pelo livro e outros meios de informação e pesquisa, tem o dever de desenvolver nos seus alunos o espírito crítico e reflexivo, ao mesmo tempo que lhes cria hábitos de responsabilidade, autonomia e organização, de forma a capacitá-los para enfrentar novos problemas e desafios.

Em coordenação com o projecto educativo da escola, a biblioteca escolar deverá ter em conta as necessidades dos alunos. Os alunos que não têm muito o hábito de ir à biblioteca, que não têm grande incentivo, ou que ainda não desenvolveram o seu gosto pela leitura, se tiverem na biblioteca escolar quem os receba, os motive, os oriente e os esclareça, incentivando-os até a ler mesmo que uma pequena notícia de jornal, ou um artigo de revista, começarão de uma forma gradual por ler descontraidamente um pequeno texto, depois um livro pequeno até que acabarão por descobrir que têm prazer na leitura, tornando-se frequentadores mais assíduos e a requisitar livros para lerem em casa.

Para além da leitura, os alunos deverão ver na biblioteca escolar um espaço agradável, onde se sintam bem e que, para além do estudo das matérias sugeridas nas aulas, lhes oferece todo um manancial de serviços de que poderão usufruir como fontes diversificadas de informação, materiais que possam utilizar para ocupar os seus tempos livres, etc. Por outro lado, é um agente motivador para os alunos com mais dificuldades na aprendizagem, com carências económicas, que não possuem, muitas vezes no seu ambiente familiar, meios e incentivos propícios a uma aprendizagem igual a seus pares.

Finalmente, a biblioteca, para além de ser espaço de busca de informação, de estudo e leituras, acaba por ser também espaço de convívio e troca de ideias entre os jovens. Neste espaço de convívio são-lhes também incutidas regras de convívio e respeito pelo outro.

É necessário que os professores incentivem os seus alunos à frequência da biblioteca, e que a utilizem como recurso de sala de aula, utilizando os diversos materiais lá existentes. Assim sendo, poderão recorrer não só à pesquisa em material livro, como outro tipo de recursos, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

O Professor - Bibliotecário tem um papel insubstituível, já que:

“Tem a seu cargo orientar o funcionamento da biblioteca escolar, dinamizá-la, promover iniciativas e actividades, prestar apoio a projectos da escola e actividades lectivas, solicitar e aderir a colaborações várias para levar a cabo as suas funções.”

(Silva, 2002:280)

Este cargo deve exercido por um professor da escola, a tempo inteiro e que, além da formação pedagógica, tenha uma formação adicional em organização de fundo documental e conhecedor da comunidade educativa. O professor com estes requisitos, mais facilmente

pode manter o fundo bibliográfico organizado e actualizado, ouvindo o parecer dos diversos coordenadores de departamento da escola nas várias áreas, de livros e material didáctico a adquirir, para dinamização de actividades de aula na biblioteca, a serem divulgados pela comunidade educativa através de panfletos esteticamente concebidos, nas áreas mais visíveis da escola.

Cabe ao professor bibliotecário a tarefa de promover e dinamizar actividades de promoção de leitura, pelo planeamento de actividades nesse âmbito durante o ano lectivo e a serem apresentadas em Conselho Pedagógico.

Como já referimos as actividades a serem dinamizadas no âmbito de promoção da leitura podem ser concebidas através da dinamização do “conto”, apresentação de leitura de livros, em que os alunos possam fazer a parte de protagonistas da história, conversas com escritores que venham à escola apresentar os seus livros e falar sobre eles e a escrita, conversas com poetas, ou até dinamização de jogos didácticos, desenvolvimento de textos de escrita criativa ou ainda celebração de efemérides nacionais e celebração de festas locais.

É também importante desenvolver actividades em que colaborem os encarregados de educação que vão à escola e à biblioteca e falam de aspectos relacionados com as suas vivências, os seus hábitos e costumes culturais, de modo a que haja uma interacção entre alunos e encarregados de educação, para que estes se sintam envolvidos no processo educativo dos seus educandos.

Para que o professor bibliotecário possa desempenhar de uma forma plena o seu papel, deverá apoiar a sua acção numa equipa, da qual faz parte o assistente operacional, que, obviamente, deverá possuir formação no âmbito da BE.

As bibliotecas escolares prestam um grande contributo no combate ao analfabetismo e à iliteracia, quando bem dinamizadas, e na prossecução do seu principal objectivo, incentivar no aluno o prazer pela leitura, de tal forma, que ao adquiri-lo, se torne um leitor para a vida inteira.

É de salutar importância que os professores sintam que são imprescindíveis nas bibliotecas escolares, já que se apresentam como um excelente recurso quer como parceiro indispensável das actividades disciplinares, quer como agente potenciador na formação plena dos indivíduos.

2.6. CONCLUSÃO

As bibliotecas escolares são o recurso por excelência ao serviço da escola e é através deste recurso que se promove o livro e a leitura, e que se apoia o desenvolvimento integral do aluno, de forma a obter o sucesso escolar e educativo. A BE dá resposta a diferentes condições sociais, combatendo assim a desigualdade social, e criando uma comunidade de leitores que, por sua vez, serão frequentadores de outras bibliotecas e leitores para toda a vida.

Para que as bibliotecas escolares cumpram os objectivos do Projecto Educativo, do Projecto Curricular e Plano Anual de Actividades, estas devem ser encaradas como um recurso educativo capaz de transformar as práticas escolares.

As bibliotecas escolares, para além do apoio ao currículo, da promoção da leitura/literacias e do apoio a actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular, satisfazem ainda a curiosidade dos alunos em relação a assuntos de índole variada, o que, por sua vez, contribui, indelevelmente, para o desenvolvimento do espírito crítico, o enraizamento de valores humanistas e a preparação para a vida.

Assim, o fundo documental das bibliotecas deve estar devidamente organizado, tratado e disponibilizado, revestindo-se de particular importância a formação de utilizadores da biblioteca e a criação de uma ambiente acolhedor e adequado acesso à informação, cabendo ao Professor Bibliotecário e ao Técnico da Biblioteca zelar pela gestão do espaço.

Incutido nos alunos, o espírito de ocupação deste espaço que é de todos, com respeito pelas normas que lhe são inerentes, são eles próprios a dignificá-lo e a zelar por um bom ambiente de trabalho.

É de salientar, contudo, a cooperação das bibliotecas escolares com as bibliotecas públicas. A relação de complementaridade entre estas é um elemento importante na socialização da leitura e um apoio sustentado ao crescimento das bibliotecas escolares.

A cooperação entre a biblioteca escolar e a biblioteca pública pode passar pela construção de catálogos colectivos e assistência técnica em geral, do empréstimo inter-bibliotecas à promoção das bibliotecas e seu acervo, à realização de actividades de promoção da leitura e de índole cultural, troca de experiências, entre outros, pois é no intercâmbio e partilha de experiências que se cresce culturalmente.

Deve, por isso, ser estabelecida uma relação positiva inter-bibliotecas, em que o professor bibliotecário é um dos elos fundamentais para alcançar o fim maior da educação, no qual é dado à leitura e promoção das literacias a sua tónica dominante.

CAPÍTULO 3 - A BIBLIOTECA ESCOLAR E A LITERACIA DE INFORMAÇÃO

3.1. INTRODUÇÃO

(...) Ser capaz de ler não define a literacia no complexo mundo de hoje. O conceito de literacia inclui a literacia informática, a literacia do consumidor, a literacia da informação e a literacia visual. Por outras palavras, os adultos letrados devem ser capazes de olhar e perceber a informação em diferentes suportes. Além do mais, compreender é a chave. Literacia significa ser capaz de perceber bem ideias novas para as usar quando necessárias. Literacia significa saber como aprender.”

(Stripling, 1992)

A sociedade em constante devir exige um novo conceito de educação, uma nova forma de intervenção, no seu processo de ensino aprendizagem. Os alunos devem, cada vez mais, ter desenvolvidas as competências de leitura e escrita, de forma a tornarem-se actores críticos e selectivos no uso que fazem da informação.

A Biblioteca Escolar assume, no paradigma educacional uma missão crucial na construção de alicerces que sustentarão o futuro dos alunos. A mudança no paradigma das bibliotecas escolares definiu novos papéis e responsabilidades, na medida em que deixou de ser mero repositório de livros, com informação para leitores passivos, para se tornar num elo de ligação entre alunos (processadores activos de informação e participantes críticos na recolha dessa mesma informação) e recursos. Com efeito, para além de contribuírem para a equidade de acesso à informação, promovem ainda a inclusão social e combatem o fosso digital.

No âmbito do contexto educativo português, se analisarmos o perfil desejável do aluno à saída do Ensino Básico, verificamos que a literacia da informação é uma das principais competências a adquirir, ou seja, o aluno, ao sair do ensino básico, deverá saber pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável e adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e tomada de decisões (ME, 2001).

È de toda a pertinência a parceria entre professor bibliotecário e outros professores, no sentido de prepararem os alunos para a pesquisa e avaliação crítica da informação. As áreas

em que melhor se pode estabelecer a parceria entre ambos são as áreas Curriculares Não Disciplinares (ACND) - Área de Projecto e Estudo Acompanhado e Formação Cívica.

Ao atentarmos no Decreto-lei 6/2001 (M.E. 2001b) a Área de Projecto:

“Visa a concepção, realização de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou tema de pesquisa ou de intervenção de acordo com as necessidades e interesses dos alunos”.

(artigo 5, ponto 3, alínea a)

Também na ACND de Estudo Acompanhado pretende desenvolver nos alunos competências.

“Que permitam a apropriação de métodos de estudo e trabalho conducentes à construção da autonomia na sua aprendizagem.”

(artigo 5, ponto 3, alínea b)

A operacionalização transversal destas competências passa pela vivência, em cada disciplina, segundo o documento “ Currículo nacional do ensino Básico”- Competências Essenciais”(2001, p.22), de momentos de aprendizagem que permitam:

- “ Pesquisar, seleccionar, organizar e interpretar informação de forma crítica em função das questões, necessidades ou problemas a resolver e respectivos contextos.”
- “ Rentabilizar as tecnologias de informação e comunicação nas tarefas de conhecimento de informação.”
- “ Seleccionar a informação e organizar estratégias criativas face às questões colocadas por um problema.”

Assim sendo de acordo com o referido documento, o ensino deve contemplar o desenvolvimento das competências relativas à pesquisa, selecção, e tratamento de informação, utilizando diversas fontes e tecnologias de informação (para o desenvolvimento de resolução de problemas)

A biblioteca escolar, enquanto “ núcleo de organização pedagógica da escola” (Veiga et al, 1997), deve constituir-se uma estrutura educativa crucial que envolve e se envolve com as outras estruturas educativas da escola. A biblioteca deve assumir-se como o ponto

de partida para a promoção da planificação cooperativa, do ensino criativo e efectivo, da investigação e integração das tecnologias da informação ao serviço do sucesso do ensino aprendizagem.

Como se pode ler na (IFLA/UNESCO/2006) este recurso primordial na escola, constitui-se um repositório de conhecimento, um reservatório de informação em múltiplos formatos, um centro de recursos com um professor bibliotecário especialista em informação, um departamento com espaços de aprendizagem, um espaço para interagir com os pares, um local onde se pode aceder às TIC, processar e comunicar conhecimento, e um portal para a Internet, um imenso mundo de informação.

A biblioteca escolar constitui-se agora parte integrante da vasta estrutura informacional que vai ao encontro da necessidade de informação dos utilizadores⁵. Neste contexto, a educação para a literacia de informação é valorizada defendendo-se abordagens colaborativas com outros professores para o seu efectivo desenvolvimento. Bibliotecas escolares, bem equipadas e geridas por um professor bibliotecário empenhado e com formação adequada, que desenvolva um trabalho colaborativo com outros professores, são um importante contributo para a formação de leitores competentes, autónomos e críticos.

A promoção da literacia de informação como já referimos, constitui nos dias de hoje, um desafio para as bibliotecas escolares, para todos os educadores, devendo por isso todos os elementos da comunidade educativa, estar conscientes da sua crucial importância para o futuro de cada um dos alunos. Assim, a biblioteca escolar constitui-se a pedra angular na implementação de práticas promotoras do aperfeiçoamento de competências em informação, desencadeando experiências pedagógicas inovadoras, colaborando com os professores curriculares, recorrendo às potencialidades oferecidas pela WEB (nas diferentes possibilidades Web 1.0 ou Web 2.0), estabelecendo parcerias com diferentes entidades externas à escola.

Acompanhando o tempo e as suas transformações, a biblioteca escolar deve com o objectivo de se constituir como um instrumento efectivo ao serviço do conhecimento, do

⁵ Biblioteca 2.0, ou seja uma biblioteca centrada nos utilizadores, capaz de responder às suas necessidades de forma ubíqua e permanente, interagindo com os mesmos através das possibilidades mais recentes veiculadas pela WEB 2.0, concebendo a informação como um processo.

sucesso do ensino aprendizagem e do desenvolvimento de competências em informação, recorrer às novas ferramentas de divulgação de informação de interacção com os utilizadores, proporcionados pela Web. Desta forma assume-se como Web 2.0⁶.

Na era da informação a biblioteca não pode descurar as potencialidades da Web, nas diferentes possibilidades. A Web 2.0 proporciona novas formas de comunicação e de partilha de conteúdo que encontram espaço para divulgação (Amândio 2007). As novas tecnologias associadas à Web 2.0 possibilitam a qualquer cidadão, a exploração e a criação, disseminação e organização da informação. Com efeito, esta nova plataforma social permite a partilha de imagens, de vídeos, de notícias, de favoritos, de conhecimento e de leituras.

No entanto, muito há ainda a fazer para que os serviços disponibilizados pela biblioteca acompanhem o ritmo acelerado da sociedade de informação. Há necessidade de difundir a informação, de criar clubes de leitura, bem como fóruns de discussão sobre temas diversos.

O site da biblioteca escolar, no dizer de Nunes (2003), é muito importante na medida em que “pode ser considerado como agente educativo, promovendo a formação informacional em linha, incluindo nele estratégias de pesquisa e aprendizagem autónoma no mundo da realidade virtual”

Como todos nós sabemos, as crianças e os jovens estão cada vez mais afastados da leitura, ocupando todos os seus tempos livres com a televisão, jogos de computador e internet

“A leitura não se reduz ao mundo da palavra, o que significa que as competências de literacias implicam capacidades de “leitura” de informação visual, sonora, audiovisual e multimédia e ainda competências no uso de ferramentas da informação que são os equipamentos informáticos”.

(Nunes, 2005: 1)

⁶ O conceito de Biblioteca 2.0 foi introduzido em Michael Casey no seu blogue Library Crunch , em 2005 (librarycrunch.com) e define uma nova forma de conceber a biblioteca, tornando-a omnipresente na vida dos seus utilizadores, sem qualquer tipo de barreiras físicas ou temporais , fornecendo serviços de diferentes formas aos seus utilizadores , convidando-os a participar, através de múltiplas possibilidades (blogues, wikis...) na vida e nos serviços da biblioteca.

Assim, pensamos que devem ser desenvolvidos nas bibliotecas também apoios de TIC e informática, visto que estas duas ferramentas são essenciais e propiciadoras de aprendizagem de forma autónoma.

A promoção da literacia de informação pode também ser realizada através do estabelecimento de parcerias com entidades exteriores à escola, nomeadamente com as bibliotecas públicas. Na verdade, o apoio da biblioteca pública à biblioteca escolar está previsto no programa de Lançamento de Rede de Bibliotecas Escolares, designado Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE), abrangendo o apoio técnico, o empréstimo de fundo documental, formação de utilizadores e da promoção da leitura (Veiga et al, 1996)

No contexto da promoção e desenvolvimento da literacia, as bibliotecas públicas podem (e devem) constituir-se como parceiros, podendo participar na formação de professores bibliotecários e dos alunos.

3.2. A PESQUISA ESCOLAR E OS SEUS ACTORES: O PROFESSOR, O ALUNO E A BIBLIOTECA

Os jovens têm diferentes estilos de aprendizagem e, para muitos deles, a abordagem clássica nem sempre é a que tem maior sucesso. Os modelos actuais incluem a aprendizagem construtivista, a qual pressupõe uma variedade de recursos e competências. Assim é necessário acompanhar o aluno, ajudando a que ele resista à tentação do plágio, da simples cópia da informação, retirada da Internet sem fazer uma análise, sem tentar perceber o que a informação lhe transmite, e construir um novo conhecimento.

No contexto contemporâneo, a biblioteca escolar tem um papel preponderante em relação aos alunos e professores, no sentido de assegurar que os alunos adquiram competências básicas que lhes permitam procurar, compreender e comunicar a informação.

No paradigma educacional emergente, o aluno deve participar activamente no processo educativo, sendo responsável pela construção do conhecimento, desenvolvendo de forma mais autónoma possível as suas competências. O conhecimento é entendido neste contexto, à luz da subjectividade, centrado no indivíduo e respeitando o seu ritmo de aprendizagem.

O professor passa a ser aquele que orienta, um mediador que conduz os alunos na construção do conhecimento. O desenvolvimento das tecnologias não vem de forma nenhum retirar preponderância ao professor, vem antes colocá-lo mais perto dele, de modo

a desenvolver-lhe autonomia. Desta forma, o professor já não é a pessoa que ensina, mas a pessoa que está ao lado do aluno, que os orienta na investigação dos assuntos e os torna críticos e reflexivos.

O professor, de acordo com os programas, deverá esforçar-se por estar atento e ser o parceiro do aluno nesta sua etapa de vida, orientando-o no sentido de começar a aprender a elaborar o seu trabalho, a sua pesquisa pelas suas diversas fases. Auxiliá-lo na identificação do tema que querem estudar, elucidá-lo no sentido da procura da informação, nos diversos documentos e nos diversos suportes existentes, propor-lhes que retirem eles próprios a informação que acharem pertinente para, posteriormente, tratarem essa informação para a elaboração do trabalho desejado.

Bem sabemos que todo este processo é gradual ao longo da escolaridade, pois que os alunos não estão, muitas vezes, preparados para todo este trabalho, mas há que ir insistindo, de forma a construir uma aprendizagem mais sólida, mais autónoma.

Sabemos também que as bibliotecas escolares nem sempre estão apetrechadas com o material necessário, em especial o tecnológico.

Deverá cada vez mais proceder-se a uma acção conjunta entre os vários professores, com os diferentes programas, no sentido de dar a este espaço o seu devido valor, de o desenvolver e melhorar as suas reais capacidades e o seu importante papel como recurso de ensino aprendizagem, aliado à sala de aula, que prepara os jovens para, no futuro, frequentarem outras bibliotecas e adquirirem hábitos de leitura, de pesquisa de informação, tão necessários para o seu desenvolvimento como cidadãos de um mundo que cada vez mais solicita a sua participação activa.

3.3. A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO PROMOTORA DO SUCESSO EDUCATIVO DOS ALUNOS

Como já foi referido ao longo de todo este trabalho, a biblioteca escolar ocupa um espaço vital na escola. Assim, é de suma importância que esse espaço se desenvolva cada vez mais em benefício dos alunos e na promoção do seu sucesso educativo.

O contributo da biblioteca escolar como promotora do sucesso educativo deve centrar-se e estar em consonância com os objectivos e as actividades da escola, no que diz respeito às exigências curriculares e não curriculares, preparando os jovens para a frequência das bibliotecas ao longo da vida. Acresce ainda a necessária integração de práticas, de modo a apoiar o currículo e promover a interdisciplinaridade.

As bibliotecas escolares deverão proceder à elaboração de dossiers temáticos para enriquecer a pesquisa nas várias disciplinas. O professor bibliotecário, no sentido de exercer um papel relevante na promoção do sucesso educativo dos alunos, tem necessidade de uma intervenção activa nas aprendizagens dos alunos, o que exige da parte deste um conhecimento dos programas das disciplinas, recorrendo por isso à elaboração de um mapa de curriculum com os conteúdos e competências em cada disciplina em cada ano lectivo.

Esta estratégia é importante, na medida em que lhes delinea as suas intervenções, zelando para que a biblioteca possua os materiais necessários para a sua colaboração.

As bibliotecas escolares deverão preparar os alunos para que valorizem os livros em todas as suas dimensões, para além de lhes proporcionar as regras básicas de consulta. Este processo conduz a uma pesquisa mais rápida e, conseqüentemente, motivá-los a prosseguir a sua inquirição. As bibliotecas escolares apresentam geralmente um leque diferenciado de materiais em suporte de papel, cassetes VHS e respectivos aparelhos de leitura, assim como componentes tecnológicos e informáticos que, para além de apresentarem outras informações, permitem desenvolver as capacidades cognitivas que contribuem para o desenvolvimento global das crianças e jovens.

Esta diversidade de suportes, do bibliotecário e equipa da biblioteca, no seu empenho e orientação aos alunos que frequentam a biblioteca, são conducentes a uma melhoria no sucesso educativo dos alunos, meta a atingir na escola para a construção de cidadãos livres autónomos e participativos na sociedade.

3.4. O PROFESSOR COMO MODERADOR NO PROCESSO DO ENSINO/APRENDIZAGEM E A SUA INTERVENÇÃO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

“Os professores estão no centro do processo educativo. Quanto maior for a importância atribuída à educação como um todo -seja como vista à transmissão cultural, à coesão e justiça sociais, ou ao desenvolvimento dos recursos

humanos, tão críticos nas economias modernas e baseados na tecnologias maior deverá ser a prioridade concedida aos professores responsáveis por essa mesma educação”

(OCDE, 1989)

As sociedades humanas são vistas como um todo complexo e em constante instabilidade e mutação. A dinâmica tendente à estabilidade e realização humana dos seus cidadãos reside na frequência da escola e no ensino, igualmente instáveis, mutáveis, tal como a sociedade que os instituiu.

O ensino de hoje difere da realidade de algumas décadas atrás. Ao professor são exigidas novas formas de estar, de ensinar, e de se relacionar com os alunos que exigem dele novos conhecimentos, um novo aperfeiçoamento na sua carreira, uma nova forma de estar como cidadão.

A profissão de professor é cada vez mais complexa, pois não lhe está inerente apenas o acto de ensinar em sala de aula como também estar atentos ao desenvolvimento de atitudes e comportamentos dos alunos. Hoje procura-se, além da transmissão de conhecimentos, acompanhar o desenvolvimento psicológico dos alunos, a sua formação e sucesso ao longo das fases que atravessam. O professor, para além de ensinar, é um educador e interessa-se em analisar todo o tipo de situações e problemas que afectam os seus alunos, já que estes passam grande parte da sua vida nas escolas e nem sempre têm apoio familiar adequado.

Assim, para além do seu papel como docentes, na sua área específica de ensino, os professores deverão adquirir competências no sentido de uma relação interpessoal positiva de ajuda, de competência na prevenção e resolução de problemas...

Passamos uma grande parte do nosso tempo a interagir e comunicar com os outros, e é nessa troca de experiências e comunicação que partilhamos ideias e construímos algo de válido e positivo. Ao comunicarmos uns com os outros e, sobretudo com os alunos, devemos estar atentos à sua forma de comunicação verbal e não verbal, à sua forma de estar.

Os professores, na sua generalidade, devem ter em atenção a necessidade do uso da biblioteca, criando situações de leitura diferentes das tradicionalmente impostas na sala de aula. É importante incentivar e encaminhar ao alunos para a utilização da biblioteca, na medida em que neste espaço:

“Se pode promover uma maior familiaridade com as estruturas do conhecimento e não simplesmente com factos; desenvolver a capacidade em adaptar ferramentas da aprendizagem e as estruturas das disciplinas a novas tarefas; suscitar o recurso a diferentes estratégias de aprendizagem, desenvolver naturalmente capacidades de aprendizagem básicas: como ler, observar, e compreender comunicação não verbal”.

(Dionísio, 2000:46)

As bibliotecas escolares têm um papel fundamental no novo sistema de ensino. Sem as bibliotecas escolares a funcionar de uma forma eficaz, torna-se mais difícil a concretização dos objectivos do Projecto Educativo, do Plano Anual de Actividades e Projectos Curriculares. As Bibliotecas escolares têm, sem dúvida, um papel fulcral que se não lhes for atribuído no seu verdadeiro valor, não se promove:

“A investigação, a fundamentação, a informação, o cruzamento de saberes, a preparação para o acesso a outras bibliotecas, a preparação para a vida, o aprender a aprender e a construção da aprendizagem, a actualização constante, a complementaridade às aulas, o gosto pela leitura e aquisição da sua competência, o desenvolvimento do espírito crítico”.

(L.M.Silva, 2002)

Sem o envolvimento de professores competentes, bem formados e actualizados na Biblioteca Escolar, ficará a escola sem uma valência essencial da sua existência e ficará a sala de aula sem um contributo essencial de recurso, apoio e valorização.

3.5. CONCLUSÃO

Como referimos ao longo de todo o capítulo, a biblioteca escolar é de primordial importância para a promoção do sucesso educativo dos alunos.

Há necessidade de nos envolvermos neste processo complexo que é o contributo para a aprendizagem. O saber é hoje transmitido em diferentes suportes, num leque alargado de informações implicando a necessidade de o professor de hoje ter de estar preparado para ajudar a construir conhecimentos sólidos com base nessa informação.

O professor bibliotecário tem hoje um papel muito importante no desenvolvimento de práticas de leitura, na aprendizagem da literacia de informação e no papel que desempenha

nesta, procurando avaliar, através do Modelo de Auto Avaliação da Biblioteca Escolar o desempenho da biblioteca escolar nos seus domínios, de modo a melhorar os seus pontos fracos e consolidar os fortes.

A investigação chama a atenção para a importância das evidências do contributo das bibliotecas escolares para a aprendizagem dos alunos, já que essa visibilidade como afirma Ross Todd (2001:5) influencia a atitude dos Directores das escolas.

“Scholl leaders tend to be more supportive when they can see the library actively engaged in the teaching and learning process, and when they can articulate specific impacts of this engagement”.

Assim, torna-se de extrema importância a colaboração dos professores das várias áreas curriculares, no sentido de frequentarem e incentivarem os alunos para a utilização da biblioteca e utilizarem os diversos recursos disponíveis, no sentido da construção do sucesso educativo.

PARTE 2 - ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Concluída a fundamentação teórica, procedemos à apresentação da investigação empírica, indicando a metodologia utilizada que, tal como nos refere Almeida (1990: 84) “(...) será a organização crítica das práticas de investigação”.

A abordagem metodológica da investigação é feita através de um Estudo de Caso, considerando que é especialmente adequada para a compreensão, exploração e descrição do fenómeno que pretendemos estudar.

Para assegurar uma correcta análise e descrição do fenómeno, optámos por uma metodologia de investigação mista, aliando métodos qualitativos (observação directa) e métodos quantitativos, estes baseados na aplicação de três questionários aplicados aos alunos, referentes a três áreas de desenvolvimento sobre o papel da biblioteca no processo do ensino aprendizagem. Estas áreas são i) o apoio ao desenvolvimento curricular, ii) leitura e literacia, e iii) actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular. Estes questionários são provenientes da RBE⁷ uma vez que a biblioteca em estudo pertence à Rede de Bibliotecas Escolares.

Para além destes questionários, foram utilizadas grelhas de análise da utilização dos vários recursos da biblioteca, utilizados diariamente pelos alunos (anexo 5), grelha de utilização da biblioteca em articulação curricular, 3º Ciclo Ensino Básico (anexo 4). O estudo foi feito no período de Outubro 2008 a Abril 2009.

Antes porém de apresentarmos detalhadamente os objectivos e os métodos aplicados, achámos pertinente conhecer o meio envolvente sobre o qual nos debruçamos no nosso estudo, expondo de seguida o projecto educativo da escola sobre a qual incidiu o estudo.

⁷ 2007, Rede de Bibliotecas Escolares www.rbe.min-edu.pt

4.1. A ESCOLA – BREVE RESENHA HISTÓRICA

As informações que passamos a apresentar da Escola Secundária sobre a qual incidiu o nosso estudo foram retiradas do Projecto Educativo dessa mesma Escola. A Escola Secundária com 3º Ciclo de Ensino Básico, de uma cidade da zona centro, foi Colégio Nacional entre 1938 e 1971, Secção Liceal de 1971 a 1973, Secção da Escola Industrial e Comercial de uma outra cidade da região centro de 1970 a 1973 (a funcionar no edifício da Misericórdia dessa cidade, situado no centro da cidade), e a partir de 1973 passou a ser Escola Secundária X constando, então, apenas de um edifício (actual Bloco A).

Em 1986 foi ampliada, com a construção do Bloco B e respectivos campos de jogos e terrenos anexos, passando a dispor dos espaços hoje existentes quase sem alterações.



Fig. 1- Fotografia aérea da Escola Secundária com 3º CEB de Anadia

4.2. MEIO ENVOLVENTE

A Escola Secundária com 3º CEB de Anadia sobre a qual incidiu o estudo insere-se numa cidade da zona centro. Segundo o Censo de 2001, o Concelho tem 31 574 habitantes residentes, dispersos por uma área de 217,13 Km², subdivididos por 15 freguesias (cerca de 100 lugares ou povoações). Apresenta uma densidade média de 145 habitantes por Km². A população encontra-se distribuída de uma forma desigual, estando a maior

concentração na faixa mais litoral do Concelho. A população activa compõe-se por cerca de 14 000 pessoas, distribuídas pela agricultura (17%), pela área de serviços (35%), e pela indústria local (48%), com particular relevância no campo da cerâmica, da metalomecânica e dos vinhos, o que corresponde aos dados do INE (2001) que apurou nesta região uma maioria de actividades profissionais inseridas nos Grupos de operários/ artífices/ trabalhadores similares (grupo 7 da classificação internacional do trabalho), trabalhadores de máquinas e montagem (grupo 8 da classificação internacional do trabalho) e trabalhadores não qualificados (grupo 9 da classificação internacional do trabalho).

A natureza do trabalho fabril desenvolvido acarreta precariedade e baixos salários, factores que condicionam a situação económica de muitos agregados familiares dos alunos da escola, bem como desemprego provocado por algumas falências, sobretudo na indústria local, no comércio e nas actividades ligadas aos vinhos. O termalismo e o turismo a ele associado proporcionam postos de trabalho de carácter sazonal.

4.3. ESPAÇOS E RECURSOS

A Escola integra dois Blocos (A e B), campos de jogos, espaços usados para estacionamento de veículos, práticas desportivas e amplos espaços verdes. Possui 27 salas de aula, algumas adstritas a disciplinas específicas (Geografia, História, Área de Contabilidade e Informática, Educação Visual, Educação Física e Ensino das Confissões Religiosas). Existem também laboratórios de Ciências Naturais, de Física, de Química, de Matemática, de Mecanotecnica e de Electrotecnia, bem como Oficinas de Mecanotecnica, de Electrotecnia e de Educação Tecnológica/Artes e Ofícios, dois Ginásios, dois espaços exteriores, um piso em terra batido e outro em alcatrão e balneários.

Cada sala de aula dispõe de um retroprojector e de um computador ligado em Intranet e Internet (de grande velocidade, servida externamente por cabo de fibra óptica e internamente por cabo coaxial ou por wireless). Existem vários projectores multimédia para uso em qualquer sala, televisões e DVD. Algumas salas estão equipadas com quadros multimédia.

A Escola possui, também, um Anfiteatro apetrechado com equipamento multimédia e com capacidade para 110 pessoas.

Com o objectivo de tornar a escola um local mais seguro, mais aprazível e mais eficiente, foi introduzido, no ano lectivo de 2002/03, o Sistema Integrado de Gestão de Escolas (SIGE). Este sistema baseia-se na atribuição a cada utilizador (alunos e pessoal docente e não docente) de um cartão multifunções que serve para a sua identificação e como meio de pagamento dentro da escola. Eliminou-se, assim, a circulação de numerário e tornou-se uma verificação rigorosa dos consumos e movimentos de conta, por parte dos Encarregados de Educação, relativamente aos seus educandos. Outras valências deste sistema poderão vir a ser implementadas.

A comunidade escolar dispõe ainda de um Refeitório/Cantina, um Bar, um espaço adstrito à Gestão e Serviços Administrativos, salas de professores, uma sala de Directores de Turma/Atendimento aos Encarregados de Educação, um gabinete adstrito aos Serviços de Psicologia e Orientação Escolar, um gabinete utilizado pelos Serviços de Educação Especial e pela Equipa de Prevenção do Abandono Escolar e alguns gabinetes de trabalho e de atendimento/ esclarecimento de dúvidas curriculares. Foi também criado o Gabinete de Tarefas, cuja finalidade é acompanhar alunos na sequência de ordem de saída da sala de aula por comportamentos disruptivos.

Existe ainda uma Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos da Escola Secundária c/ 3º CEB de Anadia (BE/CRE) que está integrada na Rede de Bibliotecas Escolares. É uma estrutura vital do processo educativo essencial ao desenvolvimento da missão da escola e deve ser entendida como uma estrutura pedagógica integrada no processo educativo, pólo dinamizador de novos projectos e novas práticas pedagógicas, protagonista de mudança e inovação, contribuindo para um Projecto Educativo que favoreça o sucesso dos alunos. Como estrutura pedagógica essencial da política educativa e curricular, a BE/CRE tem quatro grandes finalidades, nas quais se inscrevem objectivos prioritários:

Quadro 2 - Finalidades e objectivos da BE

FINALIDADES	OBJECTIVOS
Finalidade informativa	<ul style="list-style-type: none"> • Fornecer informação fiável, com acesso rápido, recuperação e transferência de informação; • Integrar redes de informação regionais e nacionais
Finalidade educativa	<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar a educação ao longo da vida, facultando meios, Equipamentos e um ambiente favorável à aprendizagem, assim como orientação presencial para a selecção e o uso de materiais formativos; • Promover o desenvolvimento de competências de gestão da informação, em sintonia com as actividades curriculares e não curriculares dos alunos; • Promover a liberdade e a curiosidade intelectuais.
Finalidade cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorar a qualidade de vida mediante o apoio a experiências de natureza estética, artística, criativa e de desenvolvimento de relações humanas positivas.
Finalidade recreativa	<ul style="list-style-type: none"> • Contribuir para um quotidiano equilibrado encorajando uma ocupação útil dos tempos livres mediante o fornecimento de orientação, informação, materiais e programas de valor recreativo.

4.4. CARACTERIZAÇÃO HUMANA

A) ALUNOS

A maioria da população escolar reside no Concelho, sendo no entanto de registar a presença de alguns alunos oriundos de outros concelhos. Regista-se, também, um número crescente de jovens imigrantes, naturais das mais variadas proveniências, que a escola tem procurado integrar, apesar das grandes dificuldades no domínio da comunicação, nomeadamente no que respeita ao domínio de conhecimentos linguísticos básicos.

Nos últimos anos lectivos a população escolar tem vindo a decrescer, antevendo-se que essa diminuição se continue a verificar nos próximos anos, tendo em conta os dados provenientes das Escolas do 1º Ciclo e a acentuada quebra da natalidade neste concelho. Este facto tem diminuído o número de alunos e consequentemente o número de turmas. Outro factor a ter em conta nesta questão prende-se com a existência no concelho de outros estabelecimentos escolares, públicos e privados.

Acompanhando o desafio nacional de dar resposta às necessidades de formação escolar e profissional, a nossa Escola tem alargado a sua oferta formativa com a inclusão de várias áreas profissionais, quer no Ensino Básico quer no Secundário, sem detrimento da possibilidade de prosseguimento de estudos.

Os alunos têm ao seu dispor uma rede de transportes, nem sempre escolares, da responsabilidade da Câmara Municipal (para os alunos do Concelho) constituída pelos transportes públicos já existentes, cujos horários nem sempre se coadunam com os horários das diferentes turmas. Como consequência deste facto os alunos chegam, por vezes, demasiado cedo à Escola e saem desta, em alguns casos, bastante tarde, situação que pode ser prejudicial para o seu aproveitamento escolar. Um número bastante considerável de alunos utiliza este meio de transporte e outros deslocam-se pelos seus próprios meios.

O número de alunos apoiados pelos Serviços de Acção Social Escolar tem vindo a aumentar, o que indicia as crescentes dificuldades económicas e materiais.

B) PROFESSORES

Ao longo dos anos, o corpo docente foi-se tornando estável. Actualmente, a contratação de novos professores apenas acontece em momentos de substituição e para superar eventuais carências específicas, podendo verificar-se, ainda, a existência de núcleos de Estágio.

Os Professores possuem formação e experiência adequadas ao exercício da função docente. A média de anos de serviço elevada, a larga experiência e a estabilidade afiguram-se factores positivos para a continuidade pedagógica e o desenvolvimento de projectos.

De referir que os professores têm dado ênfase à sua formação, quer através da formação contínua (no Centro de Formação ou outras instituições, presencialmente ou on-line) quer através da frequência de pós graduações e mestrados.

Relativamente ao local de residência, 71 dos Professores residem no concelho e 26 noutros concelhos.

4.5. CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar em estudo da zona centro encontra-se integrada na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares desde o ano lectivo 2006/2007, e tem como objectivo a formação integral dos jovens, realçando a optimização pedagógica através dos vários recursos disponíveis com vista ao sucesso educativo dos alunos.

A escola em questão reformulou um espaço existente na escola, transformando-o num espaço agradável e convidativo à sua frequência.com as seguintes zonas funcionais:

Zona de Recepção/ Acolhimento, Leitura Informal, Trabalho de Grupo / Produção, Leitura Vídeo/ DVD (2 postos), Informática (4 postos ligados á Internet.)

Dispõe de equipamentos adaptados à diversidade das suas funções, duas televisões com auscultadores, software de gestão bibliográfica, catálogo comum com a biblioteca municipal, bem como mobiliário específico e adequado (uma secretária articulada para a zona de atendimento, várias estantes duplas, três estantes simples, três expositores para material não livro, um expositor de periódicos, nove sofás, mesas e cadeiras.

O fundo documental é ajustado aos interesses pedagógicos, apesar de se sentir que há ainda necessidade de adquirir mais fundo documental, no sentido de ir ao encontro das propostas dos coordenadores das diversas áreas disciplinares.

Consigna o Programa de Rede de Bibliotecas Escolares, que a biblioteca escolar deve ser concebida como verdadeiro “centro de recursos educativos, multimédia ao dispor de alunos e professores, com o objectivo de dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das diferentes disciplinas e projectos de trabalho e de estimular os alunos o prazer de ler” (Veiga 1997, p.34). Assim, em relação ao fundo documental existente na Biblioteca, encontramos uma totalidade de 5.416 documentos, distribuídos da seguinte forma:

Quadro 3 - Fundo Documental Existente na Biblioteca Escolar

Fundo Documental	Quantidade de documentos existentes	Percentagem da área temática em relação à totalidade do fundo documental.
Dicionários e Enciclopédias	253	4,67
Periódicos(super interessante, National Geografic, Saúde e lar, História, Aqua nativa, Elektor, Exame informática, Proteste, Noesis, Nova cidadania, Aprender ao longo da vida , Exército,Informática)	13	0,24
Obras de informática (4 em suporte não impresso)	48	0,89
Obras imprensa e jornalismo (8 documentos não impressos)	34	0,63
Obras de Filosofia,	232 (23 material não impresso)	4,28
Obras de Psicologia	243 (2 material não impresso)	4,49
Religião	100 (três material não impresso)	1,85
Obras na área das ciências sociais	513 (12 material não impresso)	9,47
Obras na área das ciências exactas	685 (31 material não impresso)	12,65
Obras na área das ciências aplicadas	318 (duas em material não impresso)	5,87
Obras relativas a arte, arquitectura, técnicas urbanísticas, artes plásticas	57 (três em material não impresso)	1,05
Obras relativas a Desporto	34 (duas em material não impresso)	0,63
Línguas e Literaturas	2295(249 material não impresso)	42,37
Geografia e História	591(16 material não impresso)	10,91
Total	5416	100.00

Consideramos um fundo documental razoável, no entanto sentimos que há necessidade de adquirir outro tipo de obras mais actualizadas, que vão de encontro às necessidades dos alunos e professores.

A equipa pedagógica da biblioteca escolar é pluridisciplinar, sendo constituída por uma Professora Bibliotecária, quatro professores e uma Assistente Técnica Administrativa com Especialização em Educação e Bibliotecas e a terminar o Mestrado.

4.6. DEFINIÇÃO DO TEMA

O tema de uma pesquisa é o assunto que se deseja provar ou desenvolver, e constitui um problema sem solução prevista que importa estudar, aprofundar com detalhe com vista à construção de conhecimento sobre o assunto em investigação, para se encontrarem novos caminhos e possíveis pistas e soluções que interessa avaliar à medida que o estudo progride (Lakatos, 2007:128).

Enquanto o tema de uma pesquisa é uma proposição até certo ponto abrangente, a formulação do problema é mais específica, e indica exactamente qual a dificuldade que se pretende resolver.

“Formular um problema consiste em dizer de maneira explícita, clara compreensível e operacional, qual a dificuldade com que nos deparamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objectivo, a formulação do problema de pesquisa é torná-lo individualizado, específico, inconfundível”.

(Rudio, 1978:75 citado por Lakatos)

É neste enquadramento que nos questionamos sobre o papel da biblioteca no processo do ensino aprendizagem. De forma a melhor conduzir o estudo, delineámos uma pergunta de partida, que tal como refere Quivy (1998, p.43):

“Boas perguntas de partida, são aquelas, através das quais o investigador tenta destacar os processos sociais, económicos, políticos ou culturais que permitem compreender melhor os fenómenos e os acontecimentos observáveis e interpretá-los mais acertadamente”

Assim, a partir da revisão da literatura, sobre esta área de investigação e de interesse, delineámos o problema deste estudo, através da seguinte pergunta de partida:

Na Escola actual, a Biblioteca Escolar desempenha um papel efectivo no processo do Ensino-Aprendizagem?

O enunciado do problema levou-nos a outras questões a que pretendemos responder, ao longo da investigação empírica.

4.7 QUESTÕES

A pesquisa pode ser orientada por hipóteses ou questões de investigação. As primeiras são as mais adequadas aos estudos inferenciais e as segundas aos estudos descritivos ou estudos de casos, como é aquela que aqui desenvolvemos.

Considerado o problema de investigação a que nos propomos, e como foi referido anteriormente, pretendemos responder às seguintes questões

Q1 – Os alunos utilizam a biblioteca quer para actividades escolares, quer para actividades de lazer, ou há uma predominância de uma destas actividades?

Q2 – A Internet é um meio de pesquisa prioritário, utilizado pelos alunos que frequentam a biblioteca escolar?

Q3 – Que relação se pode estabelecer entre a percepção dos alunos sobre as suas competências de leitura e pesquisa, e a frequência com que utilizam a biblioteca escolar?

Q4 – De que forma é que a biblioteca escolar contribui para o desenvolvimento e pesquisa dos alunos e, que relação se pode estabelecer com as actividades desenvolvidas pela biblioteca, em que tenham participado?

4.8. OBJECTIVOS DO ESTUDO

Os objectivos vão orientar a pesquisa quanto à direcção do caminho a percorrer. Consideramos pertinente a reflexão sobre o papel da biblioteca escolar no processo do ensino-aprendizagem. Assim, definimos os seguintes objectivos.

4.8.1.OBJECTIVO GERAL

* Reflectir sobre a importância da biblioteca escolar como recurso para o desenvolvimento curricular dos alunos durante o processo do ensino - aprendizagem.

4.8.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

♦ Analisar o potencial da biblioteca escolar no contexto escolar.

- ♦ Analisar os recursos disponíveis na biblioteca escolar.
- ♦ Verificar a resposta dos professores e alunos à oferta dos serviços e recursos disponíveis na biblioteca escolar.

4.9 - CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA

Uma vez definidos os objectivos proceder-se-á, agora à caracterização da amostra que serviu de leitmotiv para o desenvolvimento do estudo.

A amostra, neste estudo, é uma parcela seleccionada por conveniência num subconjunto do universo – alunos da Escola onde se realizou este estudo. O universo ao qual pertence esta amostra é de 800 alunos, o total dos alunos da escola.

Dos alunos deste ciclo de estudo, 121 correspondem aos respondentes aos questionários por ter sido esse o número que acedeu responder a estes instrumentos de recolha de dados. A amostra corresponde a uma percentagem de 15,1% do total dos alunos da escola.

Importa, contudo, referir que, em relação aos dados recolhidos respeitantes à frequência da biblioteca e uso dos diversos recursos, todos os alunos frequentadores do espaço foram considerados para se encontrarem as tendências de utilizadores dos diferentes recursos (Quadro 29).

4.9.1- INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

A recolha de dados é a “etapa de pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas seleccionadas, a fim de se efectuar a colecta dos dados previstos” (Lakatos:167).

De forma a responder ao nosso problema de investigação, decidimos seleccionar os questionários utilizados pela Rede de Bibliotecas Escolares. Dizemos questionários na medida em que foram aplicados os três questionários da RBE: um para a avaliação de leitura e literacia; outro para o apoio ao desenvolvimento curricular e ainda um outro para actividades livres, extra curriculares e de enriquecimento curricular. Para além destes questionários, foram também aplicadas grelhas de observação diária, e ainda uma ficha de avaliação dos alunos do 3º ciclo ensino básico, que utilizavam a BE em articulação curricular. As grelhas basearam-se nos registos de utilização dos recursos preenchidos

diariamente pelos alunos e tinham como intuito observar a frequência das idas à biblioteca dos alunos dos vários anos de escolaridade, que utilizam os seus vários recursos. Consideramos que os questionários contêm, na sua essência, algumas falhas a colmatar em posteriores versões dos mesmos.

Esta observação foi feita no período de Outubro 2008 a Maio 2009.

A aplicação dos instrumentos de recolha de dados foi feita de Outubro de 2008 a Abril de 2009, tendo os questionários sido aplicados em Janeiro de 2009. Os questionários foram aplicados a 121 alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico.

Estes questionários, subdividem-se em três grupos de respostas:

* O primeiro grupo diz respeito ao Apoio ao Desenvolvimento Curricular (QA1) e é constituído por 14 perguntas, 13 das quais são de resposta fechada. Este primeiro grupo de questões (anexo 1) pretende obter informações acerca da frequência de utilização da biblioteca escolar (BE) e sobre as competências de pesquisa (percepcionadas pelos alunos), quer na utilização para fins/actividades escolares, quer na participação nas actividades promovidas pela BE.

* O segundo grupo refere-se à Leitura e Literacia (QA2), sendo constituído por 16 perguntas de resposta fechada que inquiram os alunos acerca das situações e tipologia de utilização da BE; é-lhes ainda pedida uma avaliação subjectiva das actividades realizadas pela BE. Uma outra dimensão de destaque deste grupo de perguntas refere-se aos ganhos percebidos pelos alunos que a utilização da BE proporciona (Anexo 2).

* O terceiro grupo de questões é destinado ao conhecimento acerca do contributo que a BE dá ao nível das Actividades Livres, Extra-Curriculares e de Enriquecimento Curricular (QA3). Este questionário é constituído por 9 perguntas, das quais 8 são de resposta fechada (Anexo 3).

4.9.2-PROCEDIMENTOS ADOPTADOS

Os questionários QA1, QA2 e QA3 foram aplicados, após a autorização do Órgão de Gestão da Escola, aos alunos do 3º ciclo do ensino básico com a colaboração dos professores.

Por motivos de adaptação aos tempos curriculares e intervalos entre aulas, não foi possível emparelhar os questionários, sendo, por isso, administrados em tempos e amostras potencialmente independentes. Este facto produziu tamanhos de amostras diferentes e obrigou a uma análise estatística para amostras independentes.

A última etapa do trabalho incide na recolha e tratamento dos dados produzidos através do questionário, de forma a serem apresentados os resultados, com a consequente crítica dos mesmos e as conclusões a reter.

O tratamento de dados foi feito com recurso a tratamento informático. O tratamento estatístico foi feito através dos programas Microsoft Excel e Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 13.0).

CAPITULO 5 - DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Numa fase inicial da interpretação de dados, iremos apresentar a estatística descritiva das respostas às várias questões colocadas aos alunos nos questionários QA1, QA2 e QA3.

Após a descrição individual de cada instrumento far-se-á uma reflexão acerca dos 3 em conjunto.

Finda a descrição univariada, passaremos à verificação das questões colocadas.

5.1. ANÁLISE DESCRITIVA

As variáveis primárias são qualitativas, pelo que nesta análise apenas procederemos à análise das frequências absolutas e respectivas percentagens.

No caso da pergunta 10 do QA1, “Como classificarias as tuas competências para o uso autónomo da BE?”, pareceu-nos justificado a criação de uma variável composta que, para além do tipo de competências que percepcionam ter adquirido, nos informasse quantas foram adquiridas.

Relativamente à pergunta 14, “Caso desejês registar de forma livre alguns comentários sobre o tema deste questionário podes fazê-lo”, apresentaremos 2 tabelas distintas. Uma que refere-se à necessidade de comentar o tema e outra sobre o tipo de comentários.

5.1.1. APOIO AO DESENVOLVIMENTO CURRICULAR (QA1)

A amostra deste questionário é constituída por 121 alunos de ambos os sexos e que frequentam o 3ºCEB.

Quadro 4 - QA1: perguntas 1 à 4

Variáveis em estudo		N	%
Sexo	Masc	50	41,3
	Fem	71	58,7
Ano de escolaridade	7 °	41	33,9
	8 °	53	43,8
	9 °	27	22,3
Frequência de utilização da BE	Diariamente	49	40,8
	1-2/ semana	15	12,4
	1-2/ Mes	10	8,3
	1-2/ periodo	25	20,7
	Raramente e de forma irregular	21	17,6
	Nunca	1	0,8
Situação de utilização da BE	Turma/ Professor	20	16,5
	Professor EA/FC	22	18,2
	Professor AP	16	13
	Aula de substituição	20	16,5
	Aula de apoio	6	5
	Outra (sozinhos)	37	30,6

Descrição dos resultados.

Relativamente às diversas formas de frequência da BE verificamos que a maioria dos alunos frequenta a BE diariamente 49 alunos (40,8%.)

Ao serem inquiridos, no que diz respeito à situação em que frequentam a BE, verificamos que 37 alunos (30,6%) frequentam a BE sozinhos. Os dados mais significativos, a seguir a esta situação são: com o professor de estudo acompanhado e formação cívica, 22 (18,2%) e aulas de substituição, 20 alunos (16,5%)

Interpretação dos resultados:

Podemos verificar pelas respostas obtidas nesta questão, que o número de alunos que frequenta a BE com a turma e os professores, não é muito significativo.

Este resultado leva-nos a pensar que os professores, ou não estão muito sensibilizados para a frequência da BE, em actividades curriculares, ou o cumprimento de programas demasiado extensos, não lhes permite a frequência da BE com os alunos.

Contudo, verifica-se uma maior frequência da mesma, em aulas de estudo acompanhado e formação Cívica. O estudo acompanhado “é uma área curricular não disciplinar que visa aquisição de competências que permitam a apropriação pelos alunos de métodos de estudo e de trabalho e proporcionam o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez mais autonomia na realização das aprendizagens” (Art.5º do decreto – Lei nº 6/2001 de 16 de Janeiro)

O sumário das respostas às perguntas 5, 6 e 7 do QA1 pode ser observado no quadro 4.

Quadro 5 - QA1: perguntas 5 a 7

Variáveis em estudo		N	%
Indicações prévias acerca da tarefa para a qual foi à BE	Sempre	25	20,7
	Geralmente	59	48,8
	As vezes	32	26,4
	Nunca	5	4,1
Como procura a informação na BE	Catálogo	3	2,5
	Estantes	22	18,2
	Pesquisa na net	78	64,5
	Solicita Ajuda	11	9,1
	Consulta livro ou outro de carácter geral	7	5,8
Participação com a turma em actividades da BE	Sim	79	65,3
	Não	42	34,7

Descrição de Resultados

No que diz respeito à questão 5, sobre as indicações da tarefa a realizar na BE, verificamos que uma grande maioria dos inquiridos (59 alunos, 49,9%) geralmente tem indicações prévias da tarefa a realizar. Em relação à forma como procuram informação na biblioteca, a maioria (78%) referiu a pesquisa na Internet, seguida da procura nas estantes, (22 alunos, numa percentagem de 18,2 %)

No que concerne à participação da turma em actividades da BE, a maioria dos alunos (65,3%), refere ter participado.

Interpretação dos resultados.

Conclui-se da análise deste quadro, que os alunos frequentam a biblioteca com objectivos já delineados pelos professores, e que o catálogo é o instrumento menos utilizado na pesquisa, sendo preferidos os motores de busca da internet, o que significa que as colecções físicas da biblioteca são pouco utilizadas. Constatamos ainda que, a motivação dos professores para o uso da biblioteca é fundamental para que os alunos a frequentem.

O quadro 6 refere-se às perguntas 8 e 9 cuja síntese se pode observar

Quadro 6 - QA1: perguntas 8 e 9

Variáveis em estudo		N	%
Percepção acerca do Apoio dado aos alunos pelo Equipa da BE ou professor	Muito	14	11,6
	Bastante	81	66
	Pouco	23	17,4
	Nada	3	2,5
Contributo da BE para a realização de trabalhos nas várias disciplinas	Muito	10	8,3
	Bastante	58	47,9
	Pouco	46	38
	Nada	7	5,8

Descrição de resultados.

Relativamente à percepção dos alunos, sobre o apoio da equipa da biblioteca escolar ou professor, os alunos referem sentir-se bastante apoiados (81 alunos numa percentagem de 66%).

No que concerne ao contributo da biblioteca, na realização de trabalhos nas várias disciplinas, os alunos manifestam bastante satisfação, (58 alunos, numa percentagem de 47,9%), muito embora uma percentagem ainda significativa de alunos, 38% tenha manifestado pouca satisfação.

Deste modo, pensamos que a biblioteca deveria encontrar os recursos necessários e possíveis no sentido de ir ao encontro da plena satisfação dos alunos, provavelmente no

âmbito de um trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e professores das várias áreas curriculares.

Interpretação de resultados.

Pelos dados obtidos, nesta questão, inferimos que a biblioteca está a consolidar as necessidades dos alunos.

Tal como definimos anteriormente, a pergunta 10 do QA1 “Como classificarias as tuas competências para o uso autónomo da BE?” merece-nos uma apresentação diferente:

A do tipo de competências que os alunos percebem ter adquirido

Quantas competências foram (em termos de percepção) adquiridas pelos alunos.

O quadro que se segue mostra o tipo e intensidade de competências adquiridas

Quadro 7 - QA1: Tipo e intensidade de competências adquiridas

	Excelentes	Boas	Médias	Fracas
Uso de serviços e equipamentos	17 (14,1%)	81 (66,9%)	22(18,2%)	1(0,8%)
TIC	22(18,2%)	65 (53,7%)	30(24,8%)	4(3,3%)
Diferentes recursos de informação	20(16,5%)	63 (52%)	35(28,9%)	3(2,5%)

Descrição de resultados :

Ao analisarmos as respostas a esta questão, verificamos que os alunos, percebem ter adquirido boas competências para o uso autónomo da biblioteca escolar, dando uma maior ênfase, ao uso de serviços e equipamentos (81 alunos, 66,9%).

No entanto, 53,7% referem ter adquirido boas competências na utilização das TIC, bem como no uso de diferentes recursos de informação (52%).

Interpretação de Resultados:

Apesar da percepção dos alunos, da aquisição de boas competências no uso autónomo da biblioteca escolar, relativamente a uso de serviços e equipamentos, bem como utilização das TIC, verificamos que o valor de menor percentagem é o uso de diferentes recursos de

informação, o que nos leva a pensar que a biblioteca, deverá investir em todo um trabalho de formação de utilizadores da biblioteca, no que se refere a diferentes recursos de informação tal como: consulta de catálogo da biblioteca, para posterior pesquisa do acervo documental existente, que lhes permita adquirir as informações, que necessitam nas diferentes áreas temáticas de estudo.

Quadro 8 - QA1: quantidade de competências adquiridas com a utilização da BE

	N	%
Nenhuma	2	1,7
Duas competências	5	4,1
Três competências	114	94,2
Total	121	100,0

Descrição de resultados.

Ao serem inquiridos, acerca das competências adquiridas, verificamos que a maioria dos inquiridos 114 alunos (94,2%) considera ter adquirido as três competências (uso de serviços e equipamentos, uso das TIC e uso dos diferentes recursos de informação) com a frequência da BE, sendo notória uma maior ênfase no uso dos serviços e equipamentos como já foi referido no quadro anterior 81 alunos (65,3%).

Interpretação dos resultados

Verificamos que a competência adquirida com maior relevância foi o uso de serviços e equipamentos (65,3%), pelo que pensamos ser necessário trabalhar com os alunos um pouco mais as outras áreas de utilização da BE, no sentido de uma melhoria.

Quadro 9 - QA1: perguntas 11 e 12

	Muito	Bastante	Pouco	Nada
Contribuição da BE ao nível da segurança e confiança nas tarefas de pesquisa	16(13,2%)	58(47,9)	40(33,1%)	7(5,8%)
Exigências do trabalho na BE (iniciativa, autonomia e cooperação)	15(12,4)	62(51,2)	41(33,9%)	3(2,5%)

Descrição de resultados .

Apesar de haver uma percentagem de manifestação satisfatória por parte dos alunos, acerca do contributo da biblioteca para a confiança ao nível das tarefas de pesquisa, (47,9%), verifica-se ainda uma percentagem considerável (33,1%,) que menciona ter pouca contribuição em relação à mesma questão.

No que concerne, às exigências do trabalho na biblioteca escolar relativamente à iniciativa, autonomia e cooperação, (62 alunos numa percentagem de 51,2%) refere bastante exigência enquanto 33,9 % regista pouca exigência, em relação aos mesmos itens.

Interpretação de resultados

Conclui-se pelos resultados obtidos a esta questão, que a biblioteca escolar deve empenhar-se no sentido de capacitar um maior número de alunos nas tarefas de pesquisa, investindo cada vez mais no desenvolvimento da literacia de informação, no entanto mais de 60%, dos alunos sentem -se satisfeitos com a contribuição da biblioteca escolar.

Em relação às exigências da biblioteca escolar, no sentido da iniciativa, autonomia, e cooperação, há necessidade de repensar as melhores práticas no sentido de uma melhoria a estes níveis, num trabalho gradual e contínuo com os alunos.

Quadro 10 - QA1: perguntas 13

	Excelente	Bom	Satisfatório	Fraco
Avaliação do nível de aprendizagem na BE	6(5)	71(58,7%)	40(33,1%)	4(3,3%)

Descrição de resultados

Relativamente à percepção dos alunos em relação à avaliação do nível da aprendizagem na BE, uma grande parte referiu um excelente e bom nível de aprendizagem, 77 alunos (63,7%).

Interpretação de resultados:

No que se refere a esta questão, apesar de na pergunta anterior, quando questionados acerca da contribuição da biblioteca ao nível da segurança nas tarefas de pesquisa, bem como nas exigências do trabalho na biblioteca a nível de iniciativa, cooperação e autonomia, um número considerável ter respondido pouca contribuição e pouca exigência, nas referidas tarefas, e também pouca exigência a nível de segurança e autonomia, verificamos que a percepção dos alunos acerca da avaliação da aprendizagem na biblioteca é boa (71 alunos, numa percentagem de 58,7%).

Relativamente à pergunta 14 “Caso desejes registar de forma livre alguns comentários sobre o tema deste questionário pode fazê-lo”, apresentamos, como já referimos, 2 tabelas distintas:

1. Uma que se refere à necessidade de comentar livremente o tema
2. Outra sobre o tipo de comentários.

Quadro 11 - QA1: pergunta 14

	<i>N</i>	%
Sem comentários	113	93,4
Com comentários	8	6,6
Total	121	100,0

Descrição de resultados:

No que diz respeito à pergunta 14, quando é solicitado aos inquiridos que comentem livremente o tema do questionário, 93,4%, dos alunos, não fizeram qualquer tipo de comentário e apenas 6,6% dos alunos comentaram a questão proposta.

Interpretação de resultados

Apenas 8 alunos, comentaram o tema do questionário, os restantes não responderam porque não viram necessidade, ou porque não perceberam a questão proposta.

Quadro 12 - QA1: perguntas 14 – tipo de comentário

	N	%
É importante inquirir os alunos sobre a biblioteca	3	37,5
Comentários favoráveis à BE (estudo, concent, profissionais)	4	50
Comentários desfavoráveis à BE (não ensinam a lidar com BE)	1	12,5
Total	8	100

Quanto ao tipo de comentário, 37,5% dos alunos referiram ser importante inquiri-los acerca da biblioteca, em relação ao estudo, concentração e profissionais da BE, 50% dos alunos teceram comentários favoráveis à BE, e apenas 12,5% dos alunos comentou desfavoravelmente a BE.

Interpretação de resultados.

Ao analisarmos esta questão podemos fazer as seguintes leituras: ou os alunos não estariam muito à vontade para fazer qualquer tipo de comentário, ou teriam em mente outro tipo de comentários que não os enumerados, razão pela qual não responderam, ou por último estavam perfeitamente de acordo.

Muito embora só 8 alunos respondessem, uma percentagem de 50% dos alunos, teceram comentários favoráveis à biblioteca no que diz respeito a estudo, concentração e profissionais.

5.1.2. LEITURA E LITERACIA (QA2)

Como já referimos, o QA2 refere-se à Leitura e Literacia e inquire os alunos acerca das situações e tipologia de utilização da BE, pede uma avaliação subjectiva das actividades realizadas pela BE e aos ganhos percebidos pelos alunos da utilização que a mesma proporciona.

Quadro 13 - Resume os resultados da análise descritiva de 6 perguntas do QA2

Variáveis em estudo		N	%
Sexo	Masc	70	57,9
	Fem	51	42,1
Ano de escolaridade	7	38	31,4
	8	45	37,2
	9	38	31,4
Frequência de utilização da BE para leitura	Diariamente	15	12,4
	1-2/ Semana	32	26,4
	1-2/ Mês	20	16,5
	1-2/ Período	21	17,4
	Raramente e de forma irregular	33	27,3
Situação de utilização da BE para actividades de leitura	Sozinho	38	31,4
	Professor	20	16,5
	Em actividades da BE	12	9,9
	Depois das aulas	16	13,2
	Nos intervalos	24	19,8
	Nas férias	8	6,6
	Outra situação	3	2,5
Requisição de livros	Diariamente	5	4,1
	1-2/ Semana	17	14,1
	1-2/ Mês	13	10,7
	1-2/ Período	30	24,8
	Raramente e de forma irregular	37	30,6
	Nunca	19	15,7
Período habitual de requisição de livros	Período de aulas	112	92,6
	Férias lectivas	4	3,3
	Férias de verão	5	4,1

Descrição de Resultados

No que concerne à utilização da BE para actividades de leitura (32 alunos 26,4%) frequenta uma a duas vezes por semana, 31,4% vão sozinhos para actividades de leitura, 14,1% dos alunos, requisita livros uma ou duas vezes por semana. Inquiridos sobre o período habitual de requisição de livros, 92,6% dos alunos referiu requisitar livros no período de aulas, verificamos também que um número significativo de aluno, (30,6%) requisita livros raramente e de forma irregular. Relativamente a actividades de leitura, um pequeno número de alunos frequenta com o professor a biblioteca em actividades de leitura (20 alunos, 16,6%) e em actividades realizadas pela biblioteca, uma percentagem de alunos ainda menor (9,9%).

Interpretação de resultados:

Analisando os resultados a estas questões verificamos que a utilização da biblioteca escolar em actividades de leitura com o professor não é muito significativa, o que nos leva a fazer dois tipos de interpretação: ou há ainda uma fraca sensibilização por parte destes, ou os programas curriculares a cumprir são de tal forma extensos que não aderem muito. Por outro lado, os hábitos de leitura, não nos parecem muito desenvolvidos na medida em que um número significativo requisita de forma irregular. Relativamente a este facto, colocam-se-nos duas questões: o motivo da fraca requisição de livros será pelo acervo documental não ser do seu interesse, ou será mesmo pela falta de hábitos de leitura? Pensamos que esta questão será de ponderar pela equipa da biblioteca escolar e professores.

Os alunos aderem muito pouco a actividades realizadas pela biblioteca, pelo que nos questionamos se estas serão suficientemente divulgadas para conhecimento efectivo dos alunos, e se ao mesmo tempo estas são aliciantes e que lhes desperte interesse.

O quadro 14 resume os resultados da análise descritiva da pergunta 7, “quando vais à BE, para ler ou requisitar uma livro, a equipa da BE dá-te sugestões e apoia-te?”, do QA2.

Quadro 14 - Apoio da equipa da BE

	N	%
Sempre	45	37,2
Geralmente	49	40,5
Às vezes	17	14
Nunca	10	8,3
Total	121	100,0

Discussão de resultados :

O apoio prestado pela biblioteca escolar na sugestão de leitura e requisição de livros é bom, na medida em que 94 alunos referem que se sentem apoiados, representando mais de 77% do total da amostra.

Interpretação de resultados

Pelos dados obtidos nesta questão, pensamos que a biblioteca escolar está a cumprir o seu papel, no que diz respeito ao incentivo e promoção de leitura dos alunos

Quadro 15 - Os teus professores incentivam-te a ler

	Muito	Bastante	Pouco	Nada
Incentivo dos professores para a leitura	27(22,3%)	71(58,7%)	21(17,4%)	2(1,6%)
Participação nas actividades de leitura na BE acompanhado por professores ou colegas.	8(6,6%)	29(24%)	47(38,8%)	37(30,6%)

Discussão de resultados :

Os alunos referem serem bastante incentivados pelos professores para a leitura (71 alunos, 58,7%). No entanto, verificamos que apesar da motivação aos discentes para a leitura, por parte dos professores, uma pequena percentagem participa bastante, em actividades de leitura na biblioteca escolar com professores ou colegas, (29 alunos, 24%), mas há ainda uma maior percentagem que participa pouco (38,8%) nas referidas actividades.

Interpretação de resultados:

No que concerne aos resultados obtidos, podemos pensar que apesar de os alunos serem bastante incentivados a ler pelos professores, mais de 80% dos alunos considera fraca, o que nos leva a inferir que há uma débil articulação da equipa da biblioteca/professores, no sentido de despertar o interesse nestas actividades, numa acção conjunta.

Relativamente à situação de utilização para actividades de leitura com o professor, apenas 16,6%, dos alunos participaram com os professores e um número ainda mais reduzido de alunos (9,9%) participou em actividades de leitura promovidas pela biblioteca.

Quadro 16 - Para ti ler é

Variáveis em estudo		N	%
Ler é	Fácil	80	66,1%
	Aborrecido	36	29,8%
	Difícil	5	4,1%
Auto-avaliação das competências de leitura	Excelentes	18	14,9%
	Boas	46	38%
	Médias	51	42,1%
	Fracas	6	5%

Discussão dos resultados:

No que concerne à pergunta 10, referente à avaliação dos alunos sobre o acto de ler, a maioria dos alunos, 80 alunos (66,1%,) menciona ser fácil ler, e a percepção que estes têm das suas capacidades de leitura, (pergunta 11) são médias e boas (97 alunos, 80,1%).

Podemos constatar que a percentagem de alunos que acham difícil ler, é semelhante àquela que tem fracas competências de leitura.

Interpretação dos resultados:

Apesar de os alunos referirem que ler é fácil, e perceberem as suas competências de leitura como médias e boas, verificámos no quadro 13, que os alunos frequentam pouco a biblioteca para actividades de leitura, e poucos alunos requisitam livros para ler, o que nos leva a inferir boas competências para leitura mas prazer pela leitura, aquém do que seria de esperar.

Para que se crie o entusiasmo pela leitura, há necessidade de a promover como uma actividade criativa, e, criar parcerias com os alunos no sentido de os envolver em actividades de escolha e avaliação de livros, de divulgação e organização de eventos sobre os mesmos.

Quadro 17 - Opinião trabalho realizado na BE

	<i>N</i>	%
Motivou-me para ler mais	66	54,5
Ajudou-me a encontrar livros interessantes	99	81,8
Tem actividades que me fazem gostar mais de ler	66	54,5
Informa-me sobre livros ou outras publicações	79	65,3
Oferece formas de exprimir as minhas opiniões	50	41,3
Ajudou-me a conhecer escritores e pessoas ligadas aos livros	82	67,8
Outras	0	0

Descrição de resultados:

Os itens que os alunos enfatizam mais nesta questão são: a biblioteca escolar ajudou-me a encontrar livros interessantes, 81,8% dos alunos, informa-me sobre livros e outras publicações (79 alunos, 65,3%), e ajudou-me a conhecer escritores e pessoas ligadas aos

livros 67,8% dos alunos, e por último 54,5 % referiu que a biblioteca os motivou a ler mais.

Interpretação de resultados .

A biblioteca escolar tem procurado adquirir livros interessantes, promove actividades de leitura e encontro com escritores, informa os alunos sobre livros e outras publicações, mas para que todo este trabalho tenha um efeito positivo há necessidade de um trabalho contínuo em articulação com outros professores, nomeadamente os professores de língua portuguesa, e, conforme foi referido é importante envolver e incentivar os alunos nestas actividades.

Quadro 18 - Classificação das actividades realizadas pela BE

	Muito interessante	Interessante	Pouco interessante	Não conheço
Divulgação do escritor do mês	8(6,6%)	45 (37,2%)	24(19,8%)	44(36,4%)
Biografias ou temáticas	7(5,8%)	40(33%)	44(36,4%)	30(24,8%)
Guiões de leitura	7(5,8%)	40(33%)	43(35,5%)	31(25,6%)
Exposições temáticas	9(7,4)%	45(37,2%)	40(33%)	27(22,3%)
Celebração de datas culturais significativas	23(19%)	56(46,3%)	25(20,7%)	17(14%)
Participação no projecto de leitura	6(5%)	57(47,1%)	40(33 %)	18(14,9%)
Sessões de escrita criativa	12(10%)	50(41,3%)	43(35,5%)	16(13,2%)

Descrição de resultados:

Analisando as respostas dadas à questão relacionada com as actividades realizadas pela biblioteca, verificamos que foram referidas como pouco interessantes biografias ou temáticas (44 alunos, 36,4%), e guiões de leitura (35,5).

As actividades consideradas pelos alunos como interessantes foram a divulgação do escritor do mês (45 alunos, 37,2%) e exposições temáticas 37,2%, contudo um valor muito aproximado de alunos referiu pouco interessante (33%).

Os alunos mencionaram como interessantes, a celebração de datas culturais significativas, (56 alunos, 46,3%) e participação em projectos de leitura (57 alunos, 47,1%)

muito embora um número ainda significativo (33,3%), referisse como pouco interessante a participação em projectos de leitura.

No que concerne a sessões de escrita criativa, 50 alunos numa percentagem de 41,3% acharam interessante, enquanto 35,5% a acharam pouco interessante.

Interpretação dos resultados:

Estes resultados permitem-nos inferir que os alunos que expressaram algumas destas actividades, como pouco interessantes, as desconheciam, como por exemplo: divulgação do escritor do mês (36,4 %) e guiões de leitura 25,5%), não podendo assim ter uma opinião cabal sobre o assunto.

Em relação a projectos de leitura verifica-se que uma percentagem razoável a considera pouco interessante, o que nos leva a pensar na necessidade de uma maior sensibilização por parte da biblioteca e dos professores, na divulgação destas actividades de uma forma apelativa para que os alunos se interessem por elas e participem.

Quadro 19 - Participação em Actividades

	N	%
Sessões de leitura	39	32, 2
Projectos de leitura	35	28,9
Jornal de BE	9	7,4
Blog	14	11,6
Concursos de leitura	22	18,2
Clubes de Leitura	13	10,7
Outras		

Descrição de resultados:

As actividades que tiveram uma maior participação por parte dos alunos foram sessões de leitura (39 alunos, 32,2%), projectos de leitura 28,9% dos alunos, e concursos de leitura (22 alunos, 18,2%).

Contrariamente ao que seria expectável, as actividades em que os alunos menos participaram foram no jornal da biblioteca, (7,4%), clubes de leitura (13 alunos, 10,7%) e Blog 11, 6%.

Interpretação de resultados.

Os resultados obtidos levam-nos a inferir que as actividades que tiveram mais adesão foram aquelas em que os alunos eram motivados a participar, nas referidas actividades.

Em relação ao blog, por sua iniciativa não demonstraram interesse em colaborar, à semelhança do jornal da biblioteca escolar, o que nos leva a depreender alguma relutância relativamente à escrita, bem como à leitura, na medida em que se verifica também reduzida participação em clubes de leitura

Quadro 20 - Compara o que fazes agora com o que fazias no início do ano

	N	%
Agora leio mais livros	56	46,3
Agora leio mais depressa	74	61,2
Agora leio livros com mais texto e textos mais longos	76	62,8
Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio	77	63,6
Agora perco-me menos quando navego na internet	91	75,2
Agora gosto mais de falar e de escrever sobre livros ou outros assuntos	46	38
Agora estou mais à vontade para discutir preferências de leitura ou outros assuntos	59	48,8
Agora tenho melhores resultados escolares porque estou mais à vontade na leitura	50	41,3

Descrição de resultados:

Em relação a esta questão, verificamos que a BE, teve um papel significativo ao longo do ano, na medida em que os alunos, referem que se perdem menos na pesquisa na Internet, 91 alunos (75,2%), 77 alunos (63,6%) lêem qualquer tipo de texto e compreendem melhor o que lêem, 76 alunos (62,8%) lêem livros com mais texto e textos mais longos, e 74 alunos (61,2%) lêem mais depressa. No entanto, pensamos que muito ainda há a fazer, na medida em que a percentagem de alunos que tem melhores resultados escolares, porque está mais á vontade na leitura, não é ainda muito significativa, 50 alunos (41,3), e 46 alunos (38%) gosta mais de falar e de escrever sobre livros ou outros assuntos.

Interpretação de resultados:

O valor mais incisivo em relação a esta pergunta, “ compara o que fazes agora com o que fazias ao longo do ano “ é agora perco-me menos quando navego na internet, 91

alunos numa percentagem de 75,2 %, o que significa uma maior destreza na recolha da informação na internet.

Verificámos no quadro 5, que ao serem questionados sobre a forma de pesquisa de informação, que a maioria dos alunos referiu os motores de busca como preferência de busca de informação, e comparando com este resultado, leva-nos a inferir que estes tenham tido ganhos muito positivos em relação à literacia de informação, desde o início do ano, até à altura em que foram questionados.

Os alunos referem também que desde o início do ano até agora lêem mais depressa, e textos mais longos, como qualquer tipo de texto, tendo melhorado a compreensão, o que nos leva a concluir terem sido muito benéficas a motivação, o incentivo para a leitura promovido pelos professores, referido no quadro 15.

Há ainda uma pequena percentagem de alunos que refere estar mais á vontade para discutir preferências de livros, gostar de falar e escrever sobre livros ou outros assuntos, daí constatarmos a sua fraca participação no jornal da biblioteca e no blog, como foi referido no quadro 19.

Pensamos também ser necessária uma maior motivação para a leitura pois uma percentagem ainda pequena refere ter melhores resultados por estar mais à vontade na leitura.

Quadro 21 - Em que medida a BE contribuiu para as competências de leitura para os resultados escolares dos alunos

Em que medida a BE contribuiu para as competências de leitura e para os resultados escolares dos alunos	N	%
Muito	6	5
Bastante	49	40,5
Pouco	47	38,8
Nada	19	15,7
Total	121	100,0

Discussão de resultados

Ao serem inquiridos sobre o contributo da biblioteca escolar para o desenvolvimento de suas competências de leitura, apenas 6 alunos mencionam muito e 49 alunos (40,5%) e num valor muito aproximado deste 38,8% referiram pouco.

Interpretação de resultados

Ao avaliar estes resultados, pensamos ser de toda a importância que esta investida em projectos de promoção de leitura e actividades aliciantes que os motivem a participar, no sentido de serem conducentes a melhores resultados escolares

5.1.3. ACTIVIDADES LIVRES, EXTRA-CURRICULARES E DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR (QA3)

Quadro 22 - Com que Frequência utilizas a BE fora do período de aulas

Variáveis em estudo		N	%
Sexo	Masc	58	47,9
	Fem	63	52,1
Ano de escolaridade	7 °	40	33,1
	8°	46	38
	9°	35	28,9
Frequência de utilização da BE fora do período de aulas	Diariamente	28	23,2
	1-2/ Semana	19	15,7
	1-2/ Mes	16	13,2
	1-2/ Período	16	13,2
	Raramente e de forma irregular	13	10,7
	Nunca	29	24

Descrição de resultados:

No que concerne à frequência da biblioteca escolar, fora do período de aulas, em actividades extra-curriculares, verificamos que a frequência nestas actividades não é muito significativa.

Assim, (28 alunos, 23,2%) a frequenta diariamente, 15,7% dos alunos 1 /2 por semana e a mesma percentagem 13,2% 1/2 por mês e 1/2 por período.

Interpretação de resultados

Pelos resultados obtidos, inferimos que ou os alunos não ficam na escola, após o período de aulas, em actividades extracurriculares, não podendo portanto participar, ou não as acham interessantes e, por isso não participam. Por outro lado, a carga horária, não lhes permite, a maioria das vezes participar, Salientamos a importância do desenvolvimento de

actividades aliciantes com vista à participação dos alunos, no sentido do seu desenvolvimento integral.

Quadro 23 - Com que objectivos mais utilizam a biblioteca

		N	%
Objectivos de utilização da BE fora do período de aulas	Requisitar livros ou outros materiais	48	39,7
	Ler o que me apetece	46	38
	Jogar	40	33
	Ver um filme	59	49
	Ouvir musica	38	31,1
	Utilizar a internet	86	71,1
	Conviver/ conversar com outros colegas	45	37,2
	Estudar ou realizar trabalhos	70	57,9
	Fazer trabalhos de casa	61	50,4
	Participar em actividades extra-curriculares	11	9,1
	Ter as actividades de enriquecimento curricular	13	10,7
Opinião acerca das actividades culturais da BE	São numerosas, diversificadas e interessantes	36	29,7
	São numerosas, diversificadas, mas pouco interessantes	16	13,2
	São interessantes, mas raras e pouco variadas	28	23,1
	São raras, pouco variadas e desinteressantes	14	11,6
	Geralmente não tenho conhecimento das actividades da BE	14	11,6
Opinião geral sobre a BE	Horário adequado	107	88,4
	Espaço agradável e atractivo	101	83,5
	Ambiente calmo e favorável à utilização	91	75,2
	Facilidade em encontrar documentos	84	69,4
	Livros actuais	87	71,9
	CD, DVD e jogos interessantes	86	71,1
	Computadores suficientes	57	47,1

Descrição de resultados:

No que concerne aos objectivos com que os alunos mais utilizam a BE fora do período de aulas, os dados mais significativos são: 86 alunos (71,1%) e 70 alunos (57,9%) para estudar ou realizar trabalhos, 61 alunos (50,4%) fazer trabalhos de casa, 59 alunos (48,8%) para ver um filme e 48 alunos (39,7%) para requisitar materiais). Relativamente à opinião

dos alunos no que diz respeito a actividades culturais o dado mais significativo é 36 (29,7%), são numerosas e diversificadas. Os alunos ao manifestarem a sua opinião relativamente à BE, valorizam o horário adequado 107 alunos (88,4%), 101 alunos (83,5%), ambiente calmo e favorável à utilização, 91 alunos (75,2%), facilidade em encontrar documentos 84 alunos (69,4%), referem o acervo constituído por livros actuais 87 alunos (71,9%), valorizam CD, DVD, e 86 (71,1%) Jogos interessantes,

Interpretação de resultados:

Os alunos ao manifestarem a sua opinião sobre a biblioteca escolar, tecem comentários muito positivos, tais como: um espaço agradável e atractivo (83.5%), um horário adequado (88,4%), um ambiente favorável à sua utilização /75,2%), bem como possuírem no seu acervo documental CDS, DVD'S e Jogos Interessantes. É uma opinião, que nos deixa satisfeitos, pois tal como nos refere Eco, “ a biblioteca deve ser um lugar onde nos apeteça ir”.

No entanto, em relação aos objectivos de utilização da biblioteca escolar fora do período de aulas pensamos que há dois aspectos que temos de considerar para melhorar, que são: a participação em actividades extra-curriculares, em que uma percentagem que consideramos pequena refere ter participado (9,1) e actividades de enriquecimento curricular (10,7%)

Os alunos utilizam a biblioteca fora do período de aulas, preferencialmente para utilizar os motores de busca da internet (71,1%), estudar ou realizar trabalhos (57,9%), fazer os trabalhos de casa (50,4%), e requisitar livros e outros materiais (39,7%).

Verificamos também, que estes utilizam a biblioteca também para a ver filmes e ouvir música, e para conviver com os colegas, numa percentagem ainda considerável (37,2%) o que achamos muito importante para o desenvolvimento de relações interpessoais entre pares.

As actividades culturais realizadas pela biblioteca, devem ser melhoradas, na medida em que 23,1% refere como interessantes, mas raras e pouco variadas e apenas 29,7% refere numerosas e diversificadas no entanto pouco atraentes.

Parece-nos, de igual modo, pertinente, promover actividades culturais mais atractivas, pelo que importa auscultar os seus gostos e pedindo colaboração a outros professores, de forma a incentivar a participação efectiva dos alunos.

Quadro 24 - Participação em clube projecto ou actividade extra - curricular

	N	%
Sim	41	33,9
Não	80	66,1
Total	121	100,0

Em relação à participação em clube, projecto, ou actividade extra-curricular relacionada com a BE, verifica-se uma fraca participação uma vez que 80 alunos (66,1%) dos inquiridos referiram não participar.

Perante esta resposta, a BE deverá questionar-se, e encontrar respostas adequadas no sentido de melhorar a participação nestas mesmas actividades, desde que os horários dos alunos sejam compatíveis com a realização das mesmas.

Quadro 25 - A BE contribui para o desenvolver boa convivência; espírito de iniciativa...

		N	%
Consideras que a BE contribui para desenvolver a boa convivência, o espírito de iniciativa e de entreajuda e a autoconfiança dos alunos	Muito	22	18,2
	Bastante	71	58,7
	Pouco	22	18,2
	Nada	5	4,1
	Sub-Total	120	99,2
Sem resposta		1	0,8
Total		121	100,0

Em relação à pergunta 8 do, Quadro 24, QA3, no que se refere ao contributo da BE, a maioria dos inquiridos, 71 alunos (58,7%) considera que a BE contribuiu para desenvolver espírito de iniciativa, entreajuda e autoconfiança.

Desde 1997, à semelhança do que tem acontecido por toda a Europa, a Rede de Bibliotecas Escolares, tem procurado transformar as bibliotecas escolares, em Portugal, encarando-as, como um espaço físico, simbólico, e relacional, no qual se podem concretizar diferentes modalidades de relacionamento, nomeadamente o lúdico e o convívio.

Relativamente às actividades de lazer, o livro e o impresso, deixaram de ocupar a preeminência nas práticas lúdicas preteridos em favor dos CD's dos vídeos e da internet, (crescente subordinação do simbólico e físico ao audiovisual e digital). A Web é acedida, muitas vezes, não solitariamente, o que permite conjugar uma convivialidade à distância com uma convivialidade física bastante valorizada na adolescência. A dinamização / animação lúdica do quotidiano da biblioteca escolar processa-se também pela sua definição como espaço de interacção/ encontro com os amigos, colegas em que é possível longe do bulício do bar, do recreio ou dos corredores – manter uma conversa menos exposta, ou trocar impressões sobre livros, filmes, revistas, Net, instaurando assim formas de interacção híbridas e alternativas. Os Clubes de leitura, as comunidades de leitores, a apresentação de livros por autores, o renovo da secular tradição da leitura pública e a realização de conferências e exposições transformaram as bibliotecas escolares, num “ espaço de expressividade e movimento” que produziu novas formas de sociabilidade no seio da comunidade educativa.

Quadro 26 - A BE seria melhor se...

<i>A BE seria melhor se:</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Respeitassem mais o silêncio	3	4,4%
Fosse maior	6	8,8
Fosse mais atractiva	4	5,9
Houvesse mais computadores	21	30,9
Houvesse mais filmes	3	4,4
Houvesse mais variedades de coisas	1	1,5
Não tivesse livros rasgados	1	1,5
Os funcionários fossem melhores	1	1,5
Pudesse requisitar enciclopédias	1	1,5
Pudesse jogar	7	10,3
Tivesse alguém a ajudar a fazer os TPC	11	16,2
Tivesse mais aquecedores	1	1,5
Tivesse mais gente	1	1,5
Tivesse mais livros interessantes	3	4,4
Tivesse mais sofás	1	1,5
Tivesse melhores condições	1	1,5
Tivesse melhores instalações	1	1,5
Tivesse melhor musica	1	1,5
Total	68	100

Descrição de resultados:

Dos 121 alunos, a quem foi passado este questionário, apenas 68 deles respondeu a esta questão. A resposta mais significativa é que a biblioteca seria melhor se tivesse mais computadores, (21 alunos, 30,9%). Contudo, 11 alunos (16,2%) refere que seria melhor se tivesse alguém para ajudar a fazer os trabalhos de casa, se pudessem jogar 7 alunos (10,3%), 6 alunos (8,8%) se fosse maior, 4 alunos numa percentagem de (5,9%) se fosse mais atractiva, 3 alunos (4,4%) se respeitassem mais o silêncio, 5,9% dos alunos se fosse mais atractiva e 3 alunos numa percentagem de 4,4% se tivesse livros mais interessantes.

Interpretação de resultados

Os alunos sentem necessidade de mais computadores, mas questionamo-nos se serão para pesquisa e realização de trabalhos ou para meros jogos e lazer, visto que numa outra resposta mencionam que seria melhor se os deixassem jogar. Jogos lúdicos? Jogos pedagógicos? Que outros? Verificamos nesta questão, que os alunos tal como na questão 6 do quadro 5, do questionário QA1, utilizam os motores de busca para recolha de informação, em detrimento das colecções físicas e, ao referirem que a biblioteca seria melhor se tivessem livros mais interessantes, leva-nos a repensar na reformulação da aquisição da aquisição de livros, mais consentâneas com o gosto, interesse e necessidades dos alunos.

Em relação à resposta dada pelos alunos, no que diz respeito a ter alguém para ajudar nos trabalhos de casa, poder-se-ia pensar em criar recursos no sentido de colmatar esta situação, até com professores que estivessem em horário de escola, e, que pudessem colaborar com o professor bibliotecário e, a equipa da biblioteca.

Pensamos que seria uma mais-valia, e, um contributo para o sucesso educativo dos alunos, até porque muitos deles, além de não terem hábitos de estudo muito enraizados, não têm métodos, não sabem muitas vezes consultar uma enciclopédia, um dicionário, pesquisar a informação na internet, ou até ler um texto e retirar a informação necessária para o trabalho a realizar.

Há no entanto, em algumas escolas, gabinetes de apoio ao estudo, que poderiam efectivamente ser articulados com o espaço da biblioteca

Quadro 27 - Usaria mais a BE se...

Usaria mais a BE se:	N	%
Deixassem jogar	7	9,7
Houvesse mais espaço	2	2,8
Fosse mais atractiva	3	4,2
Gostasse de ler	1	1,4
Houvesse actividades mais motivadoras	4	5,6
Mudassem o horário	1	1,4
Não me confundisse à procura de livros	1	1,4
Pusessem musica ambiente	1	1,4
Pudesse fazer o que quisesse	1	1,4
Pudesse ir ao Hi5	1	1,4
Pudesse ouvir musica	1	1,4
Pudesse requisitar enciclopédias	1	1,4
Tivesse mais tempo	1	1,4
Tivesse concursos mais interessantes	1	1,4
Tivesse mais actividades	2	2,8
Tivesse mais artes	1	1,4
Tivesse mais computadores	21	29,2
Tivesse mais gosto pela leitura	1	1,4
Tivesse mais jogos	2	2,8
Tivesse livros interessantes	10	13,9
Tivesse mais tempo livre	9	12,5
Total	72	100

Descrição de resultados.

A esta questão, dos 121 alunos inquiridos, apenas 72 alunos responderam a esta questão.

É de realçar pela leitura deste quadro, que os alunos utilizariam mais a BE, se tivesse mais computadores, 21 alunos (29,2%) destacam a necessidade de a BE investir em títulos mais interessantes; 10 alunos (13,9%), referem a maior disponibilidade de tempo livre 9 alunos (12,5%), a possibilidade de jogar; 7 alunos (9,7), se houvesse mais actividades motivadoras 4 alunos (5,6%).

Interpretação de resultados

Tal como na questão anterior, há necessidade de repensar a aquisição da colecção física da biblioteca, na medida em que os alunos referem que usariam mais a biblioteca se tivesse

livros mais interessantes. Consideramos, por conseguinte, que a colecção não vai ao encontro das necessidades e gostos destes, bem como as actividades, visto referirem que frequentariam mais a biblioteca se tivessem actividades mais motivadoras.

É de salutar importância, repensar estes dois aspectos da questão, e, o professor bibliotecário em articulação com os professores das diversas áreas curriculares, encontrar estratégias no sentido de satisfazer as necessidades dos alunos.

Verificamos também, que os inquiridos, referem novamente que usariam mais a biblioteca, e, numa percentagem considerável, se tivessem mais computadores, o que nos leva a considerar a hipótese destes alunos, não terem acesso à internet em casa, por possuírem escassos meios económicos.

Quadro 28 - A biblioteca seria melhor se.....

A melhor coisa da BE:	N	%
É ser nova e bem equipada	1	1,3
É a ajuda de professores e funcionários	1	1,3
São as mesas e as cadeiras	1	1,3
São as actividades	1	1,3
É a diversidade de livros	2	2,7
É a funcionária	1	1,3
É a internet	8	10,7
É a leitura	1	1,3
É a organização	6	8
É o ambiente calmo e silencioso	3	4
É o espaço	8	10,7
É o sitio dos CD	1	1,3
É ter tudo o que necessito	1	1,3
É ter condições	2	2,7
É ter enciclopédias	1	1,3
É ter computadores	17	22,7
É ter filmes	10	13,3
É ter livros interessantes	8	10,7
É ter livros do Harry Potter e o Eldest	1	1,3
Ser muito espaçosa	1	1,3
Total	75	100

Descrição de resultados:

Dos 121 alunos inquiridos, apenas 75 alunos, responderam a esta questão.

Verificamos que a resposta mais significativa em relação ao ponto forte da biblioteca é ter computadores (17 alunos, 22,7%) e 10,7% dos alunos a internet.

No entanto, 10 alunos (13,3%) dão importância aos filmes, 8 alunos (10,7%) enfatizam a importância de livros interessantes em contradição com a pergunta anterior, em que 13,9% dos alunos refere que usaria mais a biblioteca se tivesse mais livros interessantes.

Interpretação de resultados:

No que diz respeito esta questão, achamos importante a opinião dos alunos em relação ao espaço, e à organização, pois é um factor de importância para a frequência das bibliotecas.

Mais facilmente se tornam frequentadores de bibliotecas, aqueles alunos que encontram um espaço acolhedor, calmo e silencioso, onde possam estudar realizar trabalhos, ver um filme, ouvir música, ou até conviver com os colegas, estabelecer relações de amizade com os seus pares.

A organização da colecção física da biblioteca também é muito importante, na medida em que os alunos encontram os materiais necessários, sem dificuldade, como sabemos, a maioria das nossas bibliotecas tem o seu acervo documental organizado por classes da CDU, (classificação universal decimal) e por assuntos.

É importante a formação de utilizadores, na medida em que estes ao consultarem o catálogo, verificam a existência do que necessitam para a sua consulta, e ficam habilitados para futuros utilizadores de outras bibliotecas.

Considerando, agora, os dados relativos à grelha de frequência de utilização da biblioteca, apresentamos seguidamente os resultados:

Quadro 29 - Utilização da Biblioteca nos seus vários recursos pelos alunos

Descrição	Nº Alunos	%
Consulta Dicionários, Enciclopédias	508	10,09%
Estudo	1587	31,53%
Pesq.Net	812	16,13%
Leitura	642	12,75%
Pesq.Livro	634	12,59%
Re.Livro	558	11,08%
Vision. Filme	293	5,82%
	5034	100,00%

Descrição de resultados:

Pelos dados obtidos verificamos que (10,9%) utilizaram a biblioteca para consulta de dicionários, enciclopédias, (31,5%) frequentaram-na para estudo, 16,1% utilizaram os motores de busca para as suas pesquisas; 12,8% dos alunos recorreram à biblioteca para actividades de leitura por prazer ou outras, 12,6 alunos serviram-se da colecção física, para as suas pesquisas,

Verificamos que a biblioteca foi menos utilizada para a requisição de livros, 11,08% alunos, e visionamento de filmes 5,9%.dos alunos.

Interpretação de resultados:

Em relação á frequência da biblioteca pelos alunos, constatamos que esta foi utilizada para estudo, o que nos leva a inferir que, como esta grelha era utilizada para alunos de diversos anos, houvesse maior utilização para este fim, na medida em que era frequentada por alunos também do ensino secundário, e, que consequentemente a procurassem por ser mais acolhedora e de ambiente propício ao estudo.

Verifica-se também uma maior incidência ao recurso dos motores de busca, no entanto há uma utilização considerável da colecção física, muito embora não tanto como o que seria desejável.

No que concerne à leitura apenas 12,8% dos alunos utilizou a biblioteca para leitura, e 11, 08%, requisitou livros para ler, o que nos leva a questionar novamente os hábitos de leitura dos alunos, ou a existência de fraca colecção física.

No sentido de analisarmos o trabalho colaborativo entre os professores das diversas áreas curriculares e a biblioteca, utilizámos uma grelha de frequência dos alunos, do 3º ciclo do ensino básico, acompanhados pelos professores.

Quadro 30 - Utilização biblioteca em articulação curricular 3º Ciclo Ensino Básico

Disciplina	7º	%	8º	%	9º	%
Área Proj.					17	16,04
Cid. M. Act.					18	16,98
E..M.R.C	38	17,51			19	17,92
Espanhol			22	15,49		
Estudo Ac.	22	10,14	33	23,24	52	49,06
Fís/Quím.	38	17,51	20	14,08		
Form. Cívica	43	19,82				
Líng. Port.	76	35,02	57	40,14		
Pl. Ac. Esp.			10	7,04		
	217		142		106	

Descrição de resultados:

Ao analisarmos o quadro, verificamos que 35% % dos alunos, do 3º ciclo do ensino básico, frequentou a biblioteca acompanhados pelos professores em actividades de sala de aula na disciplina de Educação Moral Religiosa e Cristã, 15, 5% dos alunos do 8º ano na disciplina de Espanhol, mais de 82% dos alunos do ensino básico, frequentou-a no âmbito da área curricular não disciplinar de Estudo Acompanhado

Relativamente às restantes disciplinas verificamos que 29,9% dos alunos a frequentou na disciplina de Formação Cívica, 75,5 dos alunos a utilizou com os professores a Língua Portuguesa; 31% dos alunos com professores de Físico Química e 7,04% dos alunos de 8ºno âmbito do plano de acompanhamento especial.

No que concerne a Área de Projecto, verificamos uma frequência de mais de 32% dos alunos.

Interpretação dos Resultados

Pelos dados obtidos na grelha acima transcrita, verificamos não ser notória uma estreita colaboração entre os professores de sala de aula e a biblioteca escolar nas diversas áreas curriculares.

Salientamos que os professores que mais frequentam a biblioteca acompanhados pelos seus alunos para desenvolvimento de práticas lectivas são os de áreas curriculares não disciplinares, na medida em que o estudo acompanhado, área curricular não disciplinar “visa a aquisição de competências que permitam a apropriação pelos alunos de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e capacidades que favoreçam uma cada vez mais autonomia na realização de aprendizagens”(Artº 5 do decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro)

Assim os professores destas áreas curriculares não disciplinares desenvolveram actividades a nível da matemática, apoiaram os alunos no âmbito da Língua Portuguesa não materna, para além de desenvolverem nos alunos competências de consulta e utilização de diversas fontes de informação.

Verificou-se ainda uma frequência razoável dos alunos acompanhados por professores de Língua Portuguesa.

No entanto, o professor bibliotecário não é ainda percepcionado como um parceiro na formação dos alunos, e mesmo quando existe um trabalho colaborativo entre ele e outros professores, este situa-se ao nível da produção de materiais, de dinamização pontual de actividades extracurriculares, de apoio prestado aos professores de disponibilização de documentos, ou os alunos vão realizar um trabalho para o qual o professor bibliotecário, não teve qualquer papel a nível de planificação.

5.1.4. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Após a análise dos três questionários respondidos pelos alunos, faremos uma breve análise das respostas dadas, no sentido de reflectirmos sobre o nosso tema, o papel da biblioteca escolar no processo do ensino aprendizagem.

Em relação ao primeiro questionário, que versa o apoio ao desenvolvimento curricular, verifica-se que a maioria dos alunos frequenta a BE com os professores, em aulas de estudo acompanhado, formação cívica e aulas de substituição.

Normalmente procuram a informação na Internet, não se verificando uma grande utilização da colecção física e sentem-se bastante apoiados pela equipa da biblioteca.

No que concerne ao uso autónomo da BE, é notório que a percepção que os alunos têm, acerca das suas próprias competências de utilização da Internet é que têm bem desenvolvidas as três competências no uso autónomo na BE.

É de toda a importância que a biblioteca (e num trabalho colaborativo com professores de outras áreas disciplinares) trabalhe ao nível de formação de utilizadores, no sentido de os preparar para as diferentes formas de aceder e localizar a informação, bem como regras de elaboração de trabalhos de investigação, que lhes serão tão necessárias de uma forma criteriosa.

Na época actual, caracterizada por um fluxo imparável de informação, as bibliotecas escolares detêm um papel preponderante, enquanto mediadoras dessa informação, e como entidades formadoras no desenvolvimento de competências relacionadas com o acesso, selecção, e uso crítico dessa informação, seja ela apresentada em formato livro ou não.

Acreditamos que a biblioteca escolar se deve assumir, como facilitadora do sucesso educativo dos alunos, viabilizando as mais variadas estratégias, nomeadamente, integrar interdisciplinaridade e integração de metodologia activa, no sentido de auto-apropriação do saber por parte dos alunos.

Pela análise dos dados obtidos no segundo questionário, leitura e literacias, verificamos que os alunos se sentem bastante incentivados pelos professores a ler, referindo que a biblioteca os auxiliou a encontrar livros interessantes e que as várias actividades de promoção de leitura em que estes participaram os motivaram a adquirir gosto pela leitura.

Contudo verificamos, pelos resultados obtidos nos inquéritos, que a percentagem dos alunos que utilizou a biblioteca para actividades de leitura com o professor não é muito significativa, tal como a sua participação em actividades promovidas pela biblioteca.

Este dado leva-nos a inferir que os professores ou não estão ainda muito sensibilizados para este tipo de actividades, ou os programas são demasiados extensos, o que não lhes permite planificar as suas aulas de forma a dedicar algumas horas a actividades de leitura colaborativamente com a biblioteca.

Apesar da pouca adesão em actividades de leitura, os alunos percebem as suas capacidades de leitura como boas e referem que, em relação ao início do ano, houve uma melhoria.

Relativamente à opinião sobre o trabalho realizado pela biblioteca, estes têm uma opinião muito favorável, mencionando que os ajudou a encontrar livros interessantes, os ajudou a conhecer escritores e os motivou para ler mais, sentindo que agora lêem mais do que no início do ano.

Contudo pensamos que muito há ainda a trabalhar neste aspecto, na medida em que verificámos que houve fraca participação em concursos de leitura e clubes de leitura, o que nos leva a repensar em melhores práticas no sentido de as divulgar, dinamizar e promover.

Os discentes referem também que, em relação ao início do ano, sentem que houve uma melhoria nas suas capacidades de leitura, bem como na destreza da pesquisa na Internet (referindo, no entanto, que haveria necessidade de mais computadores na BE) o que possibilitou a aquisição de melhores resultados escolares.

No que concerne à análise do ao terceiro questionário - actividades extracurriculares e de enriquecimento curricular -, a maioria dos alunos refere que o espaço da biblioteca escolar é agradável, o horário é adequado às suas necessidades, o ambiente é calmo, têm facilidade em encontrar os documentos e que as actividades culturais realizadas pela biblioteca são numerosas, diversificadas e interessantes. Contudo, uma percentagem refere também que usaria mais a biblioteca para actividades extracurriculares se estas fossem mais motivadoras.

Como foi já referido anteriormente, os alunos sentem a necessidade, quer da existência de profissionais que os ajudassem a realizar os trabalhos de casa, quer de recursos adequados aos seus interesses e necessidades

Os alunos sentem-se satisfeitos em relação ao contributo da biblioteca no desenvolvimento de boa convivência, espírito de iniciativa, entreaajuda e autoconfiança dos alunos, o que consideramos ser um factor muito importante no desenvolvimento integral dos jovens.

No que diz respeito à grelha de observação acerca da frequência dos alunos na Biblioteca nos vários recursos, Quadro 29, verificamos que houve maior adesão em

actividades de estudo e pesquisa na Internet, tendo havido também um número razoável em leitura e requisições domiciliárias.

Em relação às actividades de sala de aula, Quadro 30, observação que incidiu sobre os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, constatamos que houve alguma frequência dos alunos com os professores em actividades de sala de aula., verificando-se assim uma participação colaborativa entre a BE e os professores das disciplinas de áreas curriculares não disciplinares.

5.1.5. RESPOSTAS ÀS QUESTÕES

Para uma melhor compreensão das variáveis, definimos desde já quais as variáveis que utilizaremos, para dar resposta, às questões de investigação.

Assim para a Questão Q1 (“Os alunos utilizam a biblioteca quer para actividades escolares, quer para actividades de lazer, ou há uma predominância de uma destas actividades?”), verificamos que pelas respostas dadas no questionário (QA1) Apoio ao Desenvolvimento Curricular (Anexo1) Quadro 4 (P.99) pergunta quatro, que os alunos frequentam a BE em contexto de sala de aula, particularmente com o professor de Estudo Acompanhado, de Formação Cívica e com o professor em aulas de substituição. Verifica-se também, pela questão 1, Quadro 23 (P.116) do questionário Q3 (Anexo 3) sobre Actividades Livres Extra Curriculares - Com que objectivos utilizam a BE fora do período de aulas? – Os inquiridos referem frequentá-la para requisitar livros e materiais escolares, utilizar a Internet, estudar ou realizar trabalhos e fazer trabalhos de casa. Contudo, neste mesmo questionário, os alunos referem utilizá-la também para ouvir música e ver um filme. Podemos verificar pelas respostas dadas que a predominância se focaliza em actividades de âmbito curricular.

Relativamente à Questão 2, do nosso estudo – A Internet é um meio prioritário, utilizado pelos alunos que frequentam a BE? - Podemos afirmar que, pelas respostas dadas no Quadro 5 (P.100) questão 6, do questionário - Apoio ao Desenvolvimento Curricular - (Anexo 1) em que se pergunta como procura a informação na BE, a maioria dos alunos (63,7%) refere a pesquisa na Internet, seguida da procura de informação nas estantes, e pedido de auxílio ao funcionário da BE. A Internet é, pois, o meio preferencial dos alunos no acesso à informação de âmbito curricular.

No que concerne à Questão 3 – Que relação se pode estabelecer entre a percepção dos alunos sobre as suas competências de leitura e pesquisa, e a frequência com que utilizam a biblioteca escolar? – As respostas ao Quadro 16 (P.109) do questionário Leitura e Literacias QA2 (Anexo2), referem que para eles ler é fácil, no entanto no Quadro 13 (P.107) do referido questionário, a frequência de utilização da BE para leitura não é muito notória, limitando-se a 32 alunos uma vez por semana. Também no Quadro 13 (P.107) do mesmo questionário, se verifica que a participação nas actividades de leitura na BE, acompanhados por professores ou colegas, não tem um valor muito expressivo. Verifica-se também no Quadro15 (P.109) que o número de alunos que participa bastante não é muito significativo, notando-se uma percentagem razoável (38,8%) que participa pouco.

Perante estes dados podemos inferir, que os alunos não frequentam muito a BE para actividades de leitura, ou porque elas não lhes parecem muito motivadoras e aliciantes, ou porque eles próprios, não têm muito apetência para elas, ou ainda porque o seu horário escolar não lhes permite. No entanto, verifica-se no Quadro 16 (P.109) do mesmo questionário que a auto-avaliação dos alunos em relação às competências de leitura é de médias e boas competências. Ainda no Quadro 21 (P. 114) do mesmo questionário, quando inquiridos em que medida a BE contribui para as competências de leitura e para os resultados escolares dos alunos, 49 alunos respondem bastante e 47 alunos respondem pouco.

Pensamos que a BE deve investir neste tipo de actividades de forma a cumprir com as expectativas em relação a promoção de actividades de leitura, à forma de motivar os alunos, no sentido de desenvolver melhores competências de leitura e consequentemente atingir melhores resultados escolares

No que diz respeito à nossa questão 4 – De que forma é que a biblioteca escolar contribui para o desenvolvimento e pesquisa dos alunos e que relação se pode estabelecer, com as actividades desenvolvidas pela BE, em que tenham participado? – Verificamos pelas respostas que temos pouco dados que nos conduzam a esta questão, apenas temos no Quadro 7 (P.102) do QA1 – Apoio ao Desenvolvimento Curricular – Anexo 1, a referência às boas competências no uso de serviços e equipamento, no uso das TIC, e diferentes recursos de informação. No Quadro 9 (P.104) do mesmo questionário, os alunos respondem também ter adquirido estas três competências com a utilização da BE, e no Quadro 9 (P.104) do mesmo questionário enfatizam o contributo da BE ao nível da

segurança e tarefas de pesquisa. Contudo, nada nos indica que estas competências e segurança adquiridas nas tarefas de pesquisa tenham sido desenvolvidas através de actividades promovidas pela BE.

Verificámos que, na Quadro 7 (P.102) os alunos atingiram uma menor percentagem em relação à utilização dos diversos recursos de informação; pensamos por isso, ser importante desenvolver actividades no sentido de promover essas mesmas competências fomentando a formação de utilizadores, no sentido de saberem utilizar o catálogo da biblioteca, situar as obras de que necessitam para o seu estudo e lazer, consultar obras de referência, conhecer o material audiovisual e filmes de que dispõem na biblioteca para estudo e lazer.

CONCLUSÃO GERAL

No *terminus* deste trabalho, que resultou de uma construção pessoal pela leitura de várias obras, de artigos de investigadores, bem como da discussão e profícuos ensinamentos da Orientadora, verificamos que muito há ainda a fazer e a aprender nesta área tão vasta do conhecimento, nomeadamente sobre a verdadeira importância da biblioteca escolar no seio da comunidade educativa.

A consciência da mudança acelerada da sociedade leva-nos a repensar as práticas educativas, no sentido da construção do conhecimento, do desenvolvimento das literacias conducentes ao sucesso educativo dos alunos.

A leitura, na actual Sociedade do Conhecimento e da Informação, assume uma importância crucial e fulcral na vida do indivíduo, pois como surgem novos formatos e suportes para o texto impresso, essas novas realidades implicam que todos nós tenhamos consciência da necessidade de adquirir novas competências tecnológicas e de “aprendizagem”.

A partir dos anos oitenta até final do século XX, com o desenvolvimento dos computadores, há uma mudança de paradigma civilizacional: estamos na era tecnológica que representa uma mudança radical e uma era de incertezas. Tal como refere Nunes 2007, citando Castells

“Esta é a era de informação, em que a democratização no acesso à informação, pressupõe uma alta diversificação dos serviços e suportes de informação”

A nova era do conhecimento, representa, assim, um recomeço para o funcionamento das bibliotecas, especialmente para o processo de ensino-aprendizagem. Urge actualizar permanentemente o saber, na medida em que as mudanças decorrem a um ritmo vertiginoso e constante. O professor bibliotecário, equipa da biblioteca e técnico da biblioteca, têm uma missão importante a desenvolver na biblioteca escolar em função dos alunos e comunidade educativa, para isso devem frequentar as mais diversas formações na área.

A actualização em termos de conhecimentos, passa também pela modernização e acompanhamento do espaço bibliotecário e a capacidade de estar aberto e atento às inovações, no sentido de se capacitar e orientar os alunos, na pesquisa nos diversos motores de busca, bem como em material livro e estratégias para seleccionar a informação, conducentes ao sucesso educativo.

A interactividade e estímulo à aprendizagem aberta entre professor e aluno é agora essencial, para aqueles que não têm muito o hábito de ir á biblioteca ou que a frequentam raramente, sendo importante incentivá-los no sentido de frequência efectiva deste recurso. Segundo (Lemos, p. 193, citando (Skinner & Belmont, 1993):

“Os alunos motivados demonstram comportamentos e pensamentos que optimizam a aprendizagem e o desempenho, tais como tomar iniciativas, enfrentar o desafio ou utilizar estratégias de resolução de problemas, exprimem também afectos positivos face á aprendizagem, como entusiasmo, curiosidade e interesse. Estes são os alunos que farão um percurso escolar mais longo, aprenderão mais e se sentirão melhor consigo mesmos”.

Como já foi referido no nosso trabalho, é cada vez mais importante a colaboração entre o professor bibliotecário e os professores das diversas áreas curriculares. Quanto maior é o interesse dos professores das várias áreas curriculares em relação aos materiais necessários a utilizar nas suas aulas, maior será a colaboração do professor bibliotecário, de modo a dar resposta às necessidades dos alunos.

È importante que se incentive os alunos para a leitura através das mais variadas actividades de promoção de leitura, quer através da apresentação de escritores, quer através de outras actividades de carácter lúdico, envolvendo pais, e toda a comunidade educativa.

As bibliotecas escolares têm hoje uma ligação muito estreita com as bibliotecas municipais, começando a ser uma prática habitual a existência de catálogos concelhios colectivos:

“ Em nenhuma circunstância, a biblioteca escolar pode ser considerada em oposição a quaisquer outras bibliotecas, nomeadamente as pública /municipais, mas antes deve estabelecer conexões com elas, já que um dos seus principais objectivos será preparar leitores para elas” (Silva, 2002:199).

Os alunos referem nas suas respostas aos questionários, que “agora já lêem mais depressa, o que nos leva a concluir que todo este processo de aprendizagem de leitura é gradual e que a participação em actividades desenvolvidas na biblioteca pode ter sido um reforço positivo nesse sentido. No entanto, parece-nos que muito há ainda a fazer para enraizar os hábitos de leitura dos alunos, pois alguns deles referem que ler é aborrecido, muito embora outros refiram também que ler é fácil.

No que diz respeito à aquisição de boas competências para a utilização da biblioteca tem-se verificado, que a maioria dos alunos percepcionou ter adquirido as três competências: uso de serviços e equipamentos, TIC, e diferentes recursos de informação.

Ouçamos a voz autoral de Nunes 2005):

“A leitura não se reduz ao mundo da palavra, o que significa que as competências de literacias implicam capacidades de “leitura” de informação visual, sonora, audiovisual e multimédia e ainda competências no uso de ferramentas de informação que são os equipamentos informáticos” (Nunes, 2005).

Neste novo paradigma da escola, é necessário um esforço de todos, no sentido de adoptarmos novas estratégias educativas, de forma a alicerçar o conhecimento, pois as sociedades contemporâneas são complexas e mutáveis, tendo-se transformado em sociedades cognitivas.

De forma a tornar a relação da criança e do jovem com o livro e a leitura o mais salutar possível, é necessário que o mediador, neste caso o professor, vá ao encontro dos interesses dos leitores.

Constatamos que o gosto pela leitura depende muito da acção dos mediadores de leitura e, sendo a leitura um processo gradual, faz todo o sentido que se desenvolvam projectos de leitura, se apresentem escritores com quem os jovens possam ter contactos e assim lhes possam despertar o gosto pela leitura e o interesse. Adquirir o gosto e o hábito da leitura aprende-se e ensina-se.

Ao reflectirmos sobre o papel da biblioteca escolar no processo ensino aprendizagem, pretendemos aproximar duas realidades - a sala de aula e a biblioteca escolar. Enfatiza-se cada vez mais a acção colaborativa entre os professores das várias disciplinas e a biblioteca escolar no desenvolvimento integral dos alunos.

Os professores que utilizam todos os recursos da biblioteca, incluindo as TIC, e que têm uma participação activa na mesma, numa acção participativa com o professor da biblioteca, têm mais possibilidades de desenvolver projectos que integrem a escola e os seus participantes.

Verificámos ao longo do nosso estudo que os nossos alunos referiram as actividades de promoção de leitura como interessantes e diversificadas, mas achamos que ainda temos um longo caminho a percorrer no sentido da promoção do gosto pela leitura, seja ela em material livro, ou em suporte digital uma vez que, afinal, os resultados deste estudo revelam que a participação efectiva em actividades de animação promovidas pela biblioteca, ou o seu uso como espaço e fonte de leitura de prazer são limitados. Por exemplo, verifica-se que não é o uso puro e simples de ferramentas informáticas actuais, como o blogue que, só por si, estimula a participação dos alunos, que o nosso estudo revela ser pouco consistente. Há que reflectir sobre as estratégias usadas pela biblioteca, muito concretamente as estratégias de comunicação, que aparentemente não estão a ser muito eficazes.

É de realçar a opinião dos alunos acerca do contributo da biblioteca no desenvolvimento, espírito de autonomia, iniciativa e entreajuda. As bibliotecas dos nossos dias, para além de todos os recursos disponíveis conducentes ao sucesso educativo, transformaram-se num espaço físico relacional, onde se estreitam profícuas relações entre pares, factor muito importante nesta faixa etária.

As actividades promovidas neste espaço, tais como: conferências, exposições temáticas, actividades lúdicas, conseguiram fazer com que o ambiente da biblioteca se tornasse num espaço harmonioso e expressivo.

Perante as respostas dadas pelos alunos aos vários questionários, e principalmente, no que se refere à colaboração dos professores com o professor bibliotecário e equipa, ressalta uma necessidade cada vez maior para a sensibilização dos vários intervenientes, com vista a uma utilização plena da biblioteca.

O programa das bibliotecas escolares para as literacias deverá integrar sempre a colaboração entre as bibliotecas e sala de aula, apresentando-se como acções sistemáticas.

Verificámos que houve um trabalho muito reduzido com os alunos, no âmbito da formação do utilizador e na literacia da informação. Este facto põe em questão a própria

essência das bibliotecas escolares, uma vez que o ambiente é potencialmente rico em informação.

Achamos pertinente efectuar todo um trabalho no sentido de capacitar os alunos para os vários saberes e uso efectivo de todos os recursos existentes na biblioteca.

Houve alguma dificuldade na realização deste trabalho, dado que os questionários utilizados foram os provenientes da RBE, como já foi referido, e eram demasiado extensos, com muita informação, para os quais os alunos não estavam motivados e preparados para responder. No entanto, achamos que resultou num trabalho em que pudemos observar, muito do que queríamos investigar e que estava contido na nossa pergunta de partida. Pelos resultados obtidos, parece-nos claro que existe um contributo natural da biblioteca escolar para o processo do ensino/aprendizagem, mas que este contributo não é ainda suficientemente explorado, sendo-nos descrita uma realidade de uso muito autónomo deste equipamento, resultante das obrigações curriculares, com reduzida participação dos professores e pouca relevância das inúmeras actividades de animação realizadas. Tal como já apontámos, uma redefinição de estratégias e um melhor conhecimento dos interesses e necessidades dos alunos talvez fossem importantes para um papel mais interveniente da biblioteca escolar na construção do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

A.C. Adão. *A escola em meio rural no Portugal do Estado Novo*. Acedido a 09/01/2010
Disponível: em <http://www.grupolusofona.pt.../404D489E8C721FE01EO86Af9> .

Afonso, M.L. (1994). *Inovação Curricular, profissionalidade docente e mudança educativa*. In Actas de Encontro ProfMAAt-93.Lisboa:APM

Alves, M.P (1999). *Biblioteca escolar: tecnologias de informação e currículo*. Liberpolis: Revista das Bibliotecas Públicas, nº2, pp 69-80.

Amândio, M.J. (2007). *Literacia da Informação 2.0 Bibliotecas Municipais de Oeiras. Uma Abordagem ao programa Copérnico*. Disponível em: <http://badinf.apbad.pt>. Acedido a 03/02/2010.

Andricán, Sérgio (1999). *Un palco en el paraíso. Biblioteca by promocion de lectura (em linha)*. In IV Encuentro Nacional de Profesores de Literatura, Escritores e Investigadores. *Espacio literário y espacio pedagógico*. Bogotá: Cooperativa Editorial Magistério, Disponível na Internet em :<http://www.educared.org.ar/imaginaria/01/2/edubib>. Acedido em 24 de Abril de 2009.

Antunes, C.(2002). *Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender*. Porto Alegre: Artmed

Bairrão, M. (2007). *Gestão da informação na biblioteca escolar*. Editora Gestknowing: Figueira da Foz.

Benavente, A.(coord.) (1996). *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva monográfica*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian; Conselho Nacional de Educação.

Charmaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory: A Practical Guide Through Qualitative Analysis*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte

Calixto, J.A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Editorial Caminho.

Canário, et al (1994). *Mediatecas escolares: génese e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: Ministério Educação.

Carvalho, H.P.R. (2007) - *Bibliotecas escolar à procura de acção pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta. Tese de Mestrado.

Castells. M.(2002). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Castro, R.V & Sousa M.L. (1996). *Hábitos e Atitudes de leitura dos estudantes portugueses*. Braga. Biblioteca Pública de Braga.

Correia, S. A. P. (1998). *A evolução dos paradigmas educacionais à luz das teorias curriculares*. In Revista Portuguesa de Educação, 1998,11 (1), pp 113-122. Universidade do Minho.

Coronas, M.(2000). *La biblioteca escolar: um espacio para leer, escribir y aprender*. Navarra: Gobierno de Navarra. Departamento de Educación y Cultura.

Costa, H., et al. (1998). *Sistema Educativo português. Caracterização e propostas para o futuro*. Lisboa: Ministério da Educação

Darnton Robert (1999). *The age of books. The New York review of books* 46 (5). Disponível em <http://www.nybooks.com/articles/546>. Acedido a24 /05/2008

Das H.L. *Bibliotecas Escolares no século XXI à procura de um caminho*. Disponível em http://www.rbe.min-edu.pt/newsletter3/bib_sec_21pdf. Acedido a 03/03/2009

Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional dos Professores. Os desafios de aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora

Delors, J., et al (2005). *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco. Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Porto: Asa

Dias, A. & Alarcão, I. (1999). *As bibliotecas de estabelecimentos de ensino: contributos para uma facilitação da leitura e a sua aplicação pedagógica*. In Isabel & José Tavares (orgs.) Aveiro: Universidade de Aveiro (7º documento de trabalho)

Dionísio, M.L.T. (2000). *A construção escolar de comunidade de leitores*. Coimbra: Almedina.

Dudziak, E.A (2003). *Information literacy: princípios, filosofia e prática. Ciência da Informação* 32(1), Jan/Abr. Brasília ,pp22-35. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v32nl/15970.pdf>. Acedido a 07/12/2009.

Escola Sec. de Anadia. *Projecto Educativo da Escola Secundária de Anadia C/3 CEB(2009)*.Disponível em: <http://secundariadeanadia.pt>.Acedido a 05/10/2009

Ferreira J. A.& Pinto. J.M. (1990). *A investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Flach C. R. de C. e Benhrais, M. A. *Paradigmas Educacionais e sua influência na prática pedagógica*. Disponível em <http://www.grobo.com.br/rogerobarreto/mesuneb>. Acedido a 03/03/2009

Fontes C. *Reformas do Ensino Secundário 1974-1996*.

Disponível em <http://educar.no.sapo.pt/reformas.htm>. Acedido a 04/05/2008

Fontes C. *Medidas Adoptadas nas Reformas de 2002 a 2004*.

Disponível em <http://educar.no.sapo.pt/reformas.htm>. Acedido a 04/05/2008

Freitas, E.; Casanova, J.L.; & Alves, N. A.(1997). *Hábitos de leitura: um inquérito à população portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Furtado, J. A. (2000). *Os livros e as leituras, novas tecnologias de informação*. Lisboa: Livros e Leituras.

Góis, E.; , Gonçalves, C. (2005). *Melhorar as escolas: práticas eficazes: monitorizar e avaliar as dinâmicas de transformação de ensino aprendizagem*. Porto: Porto Asa.

Hargreaves, A. (2003). *O ensino na sociedade do conhecimento*. Porto: Porto Editora

IFLA/Unesco (2000). *Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Escolares*. Disponível em :<http://www.ifla.org/VII/s.11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acedido 21/04/2008

IFLA/Unesco (2002). *Manifesto da IFLA sobre a Internet*.

Disponível em <http://www.ifla.org/III/misc/im-pt.htm>. (Acedido 18/11/2008)

IFLA/Unesco (2005). *Faróis da Sociedade de Informação. Declaração da Alexandria sobre a literacia de informação a aprendizagem ao longo da vida*. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt/SchoolLibraryGuidelines-pt.pdf> . Acedido a 3/11/2009.

Khun, T. S.(1962). *The structure of Scientific Revolutions*. Chicago. The University Chicago

Lakatos, E.M. (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. S. Paulo: Edições Atlas.

Leal,F.C.(2000). *Que escola para a sociedade do conhecimento*. Disponível em <http://www.prof2000.pt> . Acedido a 28-11-2008

Leite, C.; Lopes, A.(org). (2007). *Escola, currículo e identidades*. Porto: Asa.

Livro para a Sociedade de Informação em Portugal (1997). Disponível em <http://www.posconhecimento.pc/m.gov.pt/documentos/pdf/livroverde.pdf>. Acedido a 28/11/2008.

Loertscher, D. (1999). *Taxonomy of the school library media program*, Salt Lake City: Hi Willow Research & Publishing.

Lopes, A. J., et al (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldades de leitura*. Coimbra: Quarteto

Magalhães, A.M. & Alçada, I.(1993). *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI*. Lisboa: Caminho

ME (2001). *Currículo nacional do ensino básico. Competências essenciais*. Lisboa: Ministério Educação

Miranda, G. L y Bahia, S. (org) (2005). *Psicologia da Educação: temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógios de Água

Moraes, M. C.(2005). *Paradigma educacional emergente*. In Silva (org) pp 15-40-

Nunes, L.F (1987). *Como organizar uma pequena biblioteca*. Lisboa. Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas.

Nunes, M. B.(2003). *O papel da biblioteca escolar na formação da comunidade educativa*. In Actas das jornadas das bibliotecas escolares. Trofa, org. Câmara Municipal.

- Pessoa, A. M.(1994). *A biblioteca escolar*. Porto: Campo das letras.
- Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Porto: Asa
- Philippe, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola?* Porto: Asa Editores
- Phippe P. (1999) *Formação de Professores em contextos sociais de mudança*. Disponível em <http://www.grobo.br/rogerobarreto/mesuneb>. Acedido a 05/04/2009
- Pinto, L. José (2005). *Escola Global Quo vadis*. Porto: Campo das Letras
- Pinto, S. M. L. (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*. Lisboa: Edições Asa.
- Polasniec, C. (2005). *Incentivar o prazer de ler. Actividades de leitura para jovens*. Lisboa: Edições Asa.
- Quivy, R. V.; Campenhout, L (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rede Nacional de Bibliotecas Escolares*. Disponível em <http://www.rbe.min-edu.pt>. Acedido a 10-11-2008.
- Rocha, A. P. (1998). *Projecto Educativo da Escola. Administração participada e inovadora*. Porto: Asa
- Rodrigues, A. (2000). *A biblioteca escolar e os programas de português*. In F. Sequeira (org), *Formar leitores. O Contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, pp.43-50
- Santos, B. S. (1998). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, L.M. (2002). *Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Silva, A. S. (2002), *Por uma política de ideias em educação*. Porto: Edições Asa
- Sim Sim, I.; & Ramalho, G.(1993). *Como lêem as nossas crianças: caracterização do nível de literacia da população escolar portuguesa*. Lisboa: GEP/Ministério de Educação.
- Sobrinho, J. G. (org) (2000). *A criança e o livro. A aventura de ler*. Porto: Porto Editora.

Todd R.(2001). *Transitions for preferred futures of scholl librairies* : Knowledge space, not information place: connections, not collections: Action, not positions; Evidence, not advocacy. Keynot adress. International Association of Schol Librairies, Auckland, New Zeland , 2001. Virtual session: paper Ross Todd , avalaible online at IASL: scholl librairies. Disponível em : [http: // www.iasl-org/virtual paper 2001.htm](http://www.iasl-org/virtual_paper_2001.htm). Acedido 7/12/2009.

Todd, R. J (2002) “ *Scholl Librarian as teachers: learning outcomes and evidence –based pratice*”. In 68 th IFLA Council and general conference August 18-24, 2002.Disponível em <http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/084-119e.pdf>.Acedido a 12/12/2009

Toffler, A. *Choque do futuro* (2001). Lisboa: Edições Livros do Brasil..

Unesco (1999). *Manifesto da Biblioteca Escolar*. Disponível em <http://giase.min.edu.pt/rbe/documentos/manifesto-be-unesco.doc>. Acedido a 2/10/2008

Veiga, I. et al (1997). *Lançar a rede de bibliotecas escolares. Relatório síntese*. Lisboa. Ministério de Educação

Legislação:

(Art. 5º decreto –Lei nº6/2001 de 18 de Janeiro

Despacho nº 19308/2008

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário QA1 Apoio ao desenvolvimento curricular

A. Apoio ao Desenvolvimento Curricular

QA1 – Questionário aos alunos

Data: ____/____/____

1. Identificação: M ☐ F ☐

2. Frequento o seguinte ano escolaridade:

1º ☐ 2º ☐ 3º ☐ 4º ☐ 5º ☐ 6º ☐ 7º ☐ 8º ☐ 9º ☐ 10º ☐ 11º ☐ 12º ☐

3. Com que frequência costumas usar a BE com o/s teu/s professor/es ou a seu pedido?

3.1. Todos os dias ☐

3.2. Uma ou duas vezes por semana ☐

3.3. Uma ou duas vezes por mês ☐

3.4. Uma ou duas vezes durante cada período ☐

3.5. Muito raramente e de forma irregular ☐

3.6. Nunca (Neste caso, termina aqui a tua participação neste Questionário) ☐

4. Em que situações mais utilizas a biblioteca nas tuas actividades escolares?

(podes assinalar uma ou várias hipóteses)

4.1. Com a turma e o/a professor/a, em actividades das disciplinas ☐

4.2. Com o/a professor/a em actividades de Estudo Acompanhado/Formação Cívica ☐

4.3. Com o/a professor/a em actividades da Área de Projecto ☐

4.4. Quando um professor falta, em actividades de substituição ☐

4.5. Em aulas de apoio ☐

4.6. Noutra situação: Qual? ☐

5. Quando vais à BE para realizar trabalhos para as disciplinas, tens as indicações necessárias sobre a tarefa que vais fazer e as sugestões dos documentos que deves utilizar?

Nunca ☐ Às vezes ☐ Sempre ☐

6. Quando tens um trabalho de pesquisa para fazer, como costumavas procurar a informação de que precisas? (indica as duas situações mais frequentes)

6.1. Começo por pesquisar no catálogo informatizado da biblioteca ☐

6.2. Vou logo às estantes ver os livros com interesse para o assunto que quero tratar ☐

6.3. Vou logo pesquisar na internet ☐

6.4. Peço primeiro ajuda a algum professor ou funcionária da BE ☐

6.5. Começo por consultar uma enciclopédia ou outro livro de carácter geral sobre o tema ☐

7. Já participaste em actividades de formação de utilizadores para o uso da biblioteca?

Sim ☐ Não ☐

7.1 Se respondeste Sim, achas que depois dessas actividades te sentes mais à vontade na pesquisa no catálogo, na localização dos livros, na utilização dos PCs ou no recurso aos serviços de empréstimo?

Nada ☐ Pouco ☐ Medianamente ☐ Muito ☐

8. Sentes-te apoiado pelo Coordenador/Equipa da BE quando utilizas a BE individualmente ou com a turma e o professor?

Nada ☐ Pouco ☐ Medianamente ☐ Muito ☐

9. À medida que vais realizando mais trabalhos na BE, nas várias disciplinas, achas que os teus trabalhos de pesquisa vão melhorando e fazes progressos?

Nada ☐ Pouco ☐ Medianamente ☐ Muito ☐

10. Como classificarias as tuas competências para o uso autónomo da BE?

- | | | | | | | | | |
|--|----------------|--------------------------|------|--------------------------|--------|--------------------------|------------|--------------------------|
| 10.1. Competências para o uso dos serviços e equipamentos da BE | Excelente
s | <input type="checkbox"/> | Boas | <input type="checkbox"/> | Médias | <input type="checkbox"/> | Fraca
s | <input type="checkbox"/> |
| 10.2. Competências TIC | Excelente
s | <input type="checkbox"/> | Boas | <input type="checkbox"/> | Médias | <input type="checkbox"/> | Fraca
s | <input type="checkbox"/> |
| 10.3. Competências para a exploração dos diferentes recursos de informação | Excelente
s | <input type="checkbox"/> | Boas | <input type="checkbox"/> | Médias | <input type="checkbox"/> | Fraca
s | <input type="checkbox"/> |

11. O trabalho na BE contribui para que te vás sentindo mais seguro e confiante nas tarefas da pesquisa, consulta e produção de informação que tens de realizar?

Nada ☐ Pouco ☐ Medianamente ☐ Muito ☐

12. Consideras que o trabalho na BE exige de ti alguma capacidade de iniciativa, autonomia e cooperação com os teus colegas?

Nenhuma ☐ Pouca ☐ Medianamente ☐ Muita ☐

13. Como avalias em geral, o nível de aprendizagens que realizas na BE através do trabalho orientado que aí efectuas com o/s teu/s professor/es?

Fraco ☐ Satisfatório ☐ Bom ☐ Muito Bom ☐

**ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO QA2 LEITURA E
LITERACIA**

B. Leitura e Literacia

QA2 – Questionário aos alunos

Data: ____/____/____

1. identificação: **M** ☐ **F** ☐

2. Frequento o seguinte ano escolaridade:

1º ☐ 2º ☐ 3º ☐ 4º ☐ 5º ☐ 6º ☐ 7º ☐ 8º ☐ 9º ☐ 10º ☐ 11º ☐ 12º ☐

3. Vais à biblioteca para ler:

3.1. Todos os dias ☐

3.2. Uma ou duas vezes por semana ☐

3.3. Uma ou duas vezes por mês ☐

3.4. Uma ou duas vezes durante cada período ☐

3.5. Muito raramente e de forma irregular ☐

4. Em que situações mais utilizas a biblioteca nas tuas actividades de leitura?

(podes assinalar uma ou várias hipóteses)

4.1. Sozinho/a ☐

4.2. Com o/a professor/a ☐

4.3. Em actividades que a BE organiza ☐

4.1. Depois das aulas ☐

4.1. Nos intervalos ☐

4.6. Nas férias ☐

4.1.5. Noutra situação: Qual? ☐

5. Requisitas livros para ler?

- 5.1. Diariamente ☐
- 5.2. Uma ou duas vezes por semana ☐
- 5.3. Uma ou duas vezes por mês ☐
- 5.4. Uma ou duas vezes durante cada período ☐
- 5.5. Muito raramente e de forma irregular ☐
- 5.6 Nunca ☐

6. Habitualmente requisitas livros:

- 6.1. Durante o período de aulas
- 6.2. Nas férias do Natal/ Páscoa
- 6.3. Nas férias de Verão

7. Quando vais à BE para ler ou requisitar um livro, a equipa da BE dá-te sugestões e apoia-te?

Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca ☐

8. Os teus professores incentivam-te a ler?

Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca ☐

9. Costumas participar em actividades de leitura na BE acompanhada/o do teu professor e dos teus colegas?

Muitas vezes ☐ Algumas vezes ☐ Nunca ☐

10. Para ti, ler é:

5.1. Fácil ☐

5.2. Aborrecido ☐

5.3. Difícil ☐

11. Como classificarias as tuas competências de leitura?

Excelentes ☐ Boas ☐ Médias ☐ Fracas ☐

12. O que pensas do trabalho realizado na tua Biblioteca Escolar?

A biblioteca escolar ...	Sim	Não
Motivou-me para ler mais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ajudou-me a encontrar livros interessantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tem actividades que me fazem gostar mais de ler (divulgação de livros, clubes, encontros com escritores, concursos...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Informa-me sobre livros e outras publicações ou acerca de outras novidades ou actividades relacionadas com livros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Oferece formas de exprimir as minhas opiniões (blogs, jornal, fóruns...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ajudou-me a conhecer escritores e pessoas ligadas aos livros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:		

13. Como classifica as seguintes actividades realizadas pela BE?

Actividades realizadas pela BE:	Muito interessante	Interessante	Pouco interessante	Não conheço
Divulgação do escritor do mês.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Biografias ou temáticas relacionadas com determinado autor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Guiões de leitura sobre autores ou obras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Exposições temáticas relacionadas com autores ou obras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Celebração de datas significativas (dia da poesia, dia do livro infantil, dia da biblioteca escolar...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participação no projecto de leitura com o professor e a turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Realização de sessões de escrita criativa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Realização de sessões de apresentação/debate sobre livros ou outras temáticas ou de leitura ou reconto conjuntos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:				

14. Já participaste em algumas destas actividades?

Actividade	Sim	Não
Sessões de leitura, reconto na BE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Projectos de leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jornal da BE/ Newsletter	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Blog/ Forum de discussão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Concursos de leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Clubes de leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra:		

15. Compara o que fazes agora com o que fazias no início do ano.

	Sim	Não
Agora leio mais livros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agora leio mais depressa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agora leio livros com mais texto e textos mais longos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agora perco-me menos, quando procuro informação na Internet.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agora gosto mais de falar e de escrever sobre livros ou sobre outros assuntos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agora estou mais à vontade para discutir/ dialogar sobre preferências de leitura ou outros assuntos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Agora tenho melhores resultados escolares, porque estou mais à vontade na leitura.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. Em que medida consideras que a BE contribuiu para as tuas competências de leitura e para os teus resultados escolares?

Muito ☐ Medianamente ☐ Pouco ☐ Nada ☐

**ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO QA3. ACTIVIDADES
LIVRES, EXTRA CURRICULARES E DE
ENRIQUECIMENTO CURRICULAR**

C.1. Actividades Livres, Extra-Curriculares e de Enriquecimento Curricular

QA3 – Questionário aos alunos

Data: ____/____/____

1. Identificação: M ☐ F ☐

2. Frequento o seguinte ano escolaridade:

1º ☐ 2º ☐ 3º ☐ 4º ☐ 5º ☐ 6º ☐ 7º ☐ 8º ☐ 9º ☐ 10º ☐ 11º ☐ 12º ☐

3. Com que frequência costumás usar a BE fora do período de aulas?

3.1. Todos os dias ☐

3.2. Uma ou duas vezes por semana ☐

3.3. Uma ou duas vezes por mês ☐

3.4. Uma ou duas vezes durante cada período ☐

3.5. Muito raramente e de forma e irregular ☐

3.6. Nunca

Se respondeste Nunca, indica o motivo e termina aqui a tua participação neste Questionário:

4. Com que objectivos mais utilizas a biblioteca fora do período de aulas?

(podes assinalar uma ou várias hipóteses)

- 4.1. Requisitar livros ou outros materiais para casa ☐
- 4.2. Ler o que me apetece ☐
- 4.3. Jogar ☐
- 4.4. Ver um filme ☐
- 4.5. Ouvir música ☐
- 4.6. Utilizar a Internet ☐
- 4.7. Conviver/Conversar com outros colegas ☐
- 4.8. Estudar ou realizar trabalhos ☐
- 4.9. Fazer os trabalhos de casa ☐
- 4.10. Participar em Actividades Extra Curriculares: Clubes, Projectos, etc ☐
- 4.11. Ter as Actividades de Enriquecimento Curricular (1º CEB): Apoio ao Estudo, Música, Inglês, Expressões, etc ☐
- 4.12. Outro: ☐

.....

5. Qual a tua opinião geral sobre as actividades culturais dinamizadas pela BE?

(Exposições, Espectáculos, Palestras, Debates, Sessões de Poesia, Teatro, Concursos, Celebração de Efemérides, Ciclos de Cinema, etc.)

- 5.1. São numerosas, diversificadas e interessantes ☐
- 5.2. São numerosas e diversificadas mas pouco interessantes ☐
- 5.3. São interessantes, mas raras e pouco variadas ☐
- 5.4. São raras, pouco variadas e desinteressantes ☐
- 5.5. Geralmente não tenho conhecimento das actividades da BE ☐

6. Quais são as tuas opiniões sobre a BE?

6.1 Consideras o horário da BE adequado aos teus interesses e necessidades? **Sim** **Não**

6.2 Achas que o espaço da BE é agradável e atractivo para os alunos? ☐ ☐

6.3 Achas que o ambiente da BE é calmo e favorável à utilização ao mesmo ☐ ☐

tempo por vários alunos e grupos em actividades diferentes?

6.4 Achas que é fácil encontrar os documentos de que precisas na BE? ☐ ☐

6.5 Achas que os livros da BE são actuais e de acordo com os teus interesses? ☐ ☐

6.6 Gostas dos CDs, DVDs e Jogos que a BE põe ao teu dispor para aí ocupares ☐ ☐

os teus tempos livres ou requisitares para casa?

6.7. Consideras que os computadores da BE são em número suficiente? ☐ ☐

7. Participas em algum Clube, Projecto ou Actividade Extra Curricular relacionada com a BE? (Jornal, Clube de Rádio, Clube de Fotografia, Oficina de Escrita Criativa, Clube de Leitura, Núcleo de “Amigos da Biblioteca”/Monitores, etc.)

Sim ☐ Não ☐
Qual? _____

8. Consideras que a BE contribui para desenvolver a boa convivência, o espírito de iniciativa e de entre-ajuda e a auto-confiança dos alunos?

Nada ☐ Um pouco ☐ Muito ☐

9. Completa as frases:

9.1. A BE seria melhor se

9.2. Usaria mais a BE se

9.3. A melhor coisa da BE é

**ANEXO 4 – GRELHA DE AVALIAÇÃO DE
FREQUÊNCIA DOS ALUNOS DO 3º CICLO ENSINO
BÁSICO, EM ARTICULAÇÃO CURRICULAR**

Biblioteca Escolar – Centro de Recursos- Ficha de Identificação de trabalho a desenvolver

Colaboração Biblioteca CRE/ Sala de Aula

Os Alunos da turma, **do ano** _____

NECESSITAM DESENVOLVER NO CRE-BE A Actividade:

INTEGRADA NA ÁREA CURRICULAR/DISCIPLINA: _____

Hora _____ Dia ____ / ____ / _____ O Professor _____ Atendimento _____

Se os alunos forem portadores desta ficha, terão prioridade de utilização dos computadores do sector de produção (caso os alunos que os ocupem não estejam a desenvolver actividades curriculares). O apoio a prestar dependerá do número de adultos disponíveis na BE para o mesmo.

Observações:

**ANEXO 5 – GRELHA DE FREQUÊNCIA DOS ALUNOS
NA BE NOS DIVERSOS RECURSOS**

Lista de Presença na Biblioteca

Dia _____ Mês _____ Ano 20__

<i>Nome Aluno</i>	<i>Ano</i>	<i>Turma</i>	<i>Nº</i>	<i>Estudo</i>	<i>Pesq. Lívro</i>	<i>Leitura</i>	<i>Vis. Fílmé</i>	<i>Pesq.Int.</i>	<i>Actív. Sala aula</i>

**ANEXO 6 – REGULAMENTO DA BIBLIOTECA/
CENTRO DE RECURSOS EDUCATIVOS**

Regulamento da Biblioteca / Centro de Recursos Educativos

Artigo 1º

DEFINIÇÃO

A Biblioteca Escolar (BE) é uma estrutura vital do processo educativo essencial ao desenvolvimento da missão da escola e deve ser entendida como uma estrutura pedagógica integrada no processo educativo, pólo dinamizador de novos projectos e novas práticas pedagógicas, protagonista de mudança e inovação, contribuindo para um Projecto Educativo que favoreça o sucesso dos alunos.

Integrada no Programa Rede de Bibliotecas Escolares, a BE disponibiliza a toda a comunidade educativa, em sistema de livre acesso, um conjunto diversificado de recursos de apoio às actividades de ensino – aprendizagem, cumprindo objectivos curriculares e de suporte a actividades e projectos de âmbito extra - curricular.

Para o efeito, a BE gere recursos educativos, integrando espaços dotados de equipamentos adequados, onde são recolhidos, tratados e disponibilizados todo o tipo de documentos que contribuam para o desenvolvimento de actividades de natureza pedagógica, bem como de ocupação de tempos livres e de lazer, geradores de competências potenciadoras de cidadãos críticos para a sociedade da informação e do conhecimento.

As actividades desenvolvidas e promovidas pela Biblioteca Escolar estão em conformidade com as grandes linhas de actuação do Projecto Educativo da escola e encontram-se integradas no respectivo Plano de Actividades.

O horário da Biblioteca será estabelecido de acordo com disponibilidades de funcionamento da Escola e pretendendo ir ao encontro das necessidades dos utilizadores. O horário está afixado na porta da biblioteca.

Encontra-se dividida em cinco zonas funcionais de características diferentes:

1 - Zona de Trabalho Técnico/Acolhimento.

2 - Zona de Leitura/Pesquisa:

■ Área de trabalho de grupo;

■ Área de leitura individual;

■ Área para consulta de documentação.

3 – Zona de Leitura Informal:

■ Área de leitura de publicações periódicas.

4 – Zona Audiovisual/Multimédia:

■ Área de visualização.

■ Área de utilização de computador/Internet.

■ Área de produção

5– Zona de produção

Artigo 2º

Objectivos da BE/CRE

1- Os objectivos que a seguir se enumeram são essenciais ao desenvolvimento da literacia, das competências de informação, do ensino - aprendizagem e da cultura e correspondem a serviços básicos da biblioteca escolar:

- Apoiar e promover os objectivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;
- criar e manter nos alunos o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;
- apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;
- Apoiar os professores na planificação e criação de situações de aprendizagem, divulgando e incentivando o uso e integração dos recursos materiais e de informação na actividade pedagógica, de forma a promover o desenvolvimento das literacias cruciais à construção do conhecimento e à progressão nas aprendizagens.
- providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
- trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;
- defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;
- promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela;
- participar no desenvolvimento da Rede Concelhia das Bibliotecas Escolares;
- desenvolver o respeito pelo uso da propriedade comum incutindo um espírito de cooperação e de partilha;
- Facilitar o acesso ao livro através da realização de feiras/mostras do livro;
- Divulgar o fundo bibliográfico existente na Biblioteca;
- Promover actividades de animação/formação em articulação com todos os

elementos da comunidade educativa e em condições específicas com outros elementos da sociedade.

Artigo 3º

ACTIVIDADES A PROMOVER PELA BIBLIOTECA ESCOLAR

1 – Actividades de Gestão e Organização

1.1 - Definição da política de aquisição do fundo documental para o ano lectivo.

1.2 - Enriquecimento permanente do seu fundo documental (livros, revistas, software, etc.) através das várias modalidades de aquisição (compra, oferta e permuta de obras).

(Nota: As sugestões de compra deverão ser feitas por escrito e entregues ao Coordenador da Biblioteca).

1.3 – Registo, Catalogação, Classificação e Cotação de todas as novas entradas adquiridas ou oferecidas.

1.4 – Divulgação do fundo existente, com vista ao melhor conhecimento pelos utilizadores dos recursos que têm à sua disposição.

2 – Actividades de Dinamização

2.1 - Promoção de exposições, sessões de leitura, concursos, colóquios e outras actividades de dinamização e animação cultural, nomeadamente a comemoração de efemérides através da realização de posters, desdobráveis, passagem de vídeos alusivos, etc., em colaboração com as diferentes Estruturas de Orientação Educativa da Escola.

2.2 – Promoção de actividades de intercâmbio com outras Bibliotecas e/ou com entidades e organismos culturais locais/regionais/nacionais.

Artigo 4º

UTILIZADORES

1. A BE/CRE está aberta aos Alunos, ao Pessoal Docente e Não Docente e aos Encarregados de Educação deste estabelecimento de ensino, bem como a elementos da comunidade em que a Escola se insere.

Os discentes que pretendam utilizar a BE/CRE devem ser portadores do Cartão de Estudante e apresentá-lo sempre que tal lhes seja solicitado.

O acesso a Encarregados de Educação e a outros elementos não pertencentes à Escola far-se-á mediante a identificação na portaria do estabelecimento de ensino e autorização pelo Conselho Executivo e/ou Coordenador.

2. A Biblioteca Escolar deve ser utilizada para os seguintes fins:

- Actividades relacionadas com o livro/leitura;
- Investigação/Pesquisa/trabalho em grupo;
- Utilização de material audiovisual/multimédia;
- Orientação para o estudo;
- Actividades de dinamização e animação cultural.

Artigo 5º

DIREITOS DOS UTILIZADORES

1. Todos os utilizadores têm direito de:

1.1 Frequentar a Biblioteca;

1.2 Apresentar sugestões para a dinamização de actividades (caixa de sugestões);

1.3 Utilizar o seu recheio segundo as seguintes normas:

1.3.1 Todas as publicações podem ser consultadas na Biblioteca em sistema de livre acesso;

1.3.2 Todo o material não livro (Cassetes áudio e vídeo, CDs e CD Rom) encontra-se em sistema de acesso condicionado, pelo que o utilizador, após a selecção do documento, deve dirigir-se à funcionária a fim de fazer a requisição e recepção do material.

1.3.3 Todas as publicações, com excepção de dicionários, enciclopédias, revistas e jornais, podem ser requisitadas para leitura domiciliária por um prazo de 10 dias úteis, mediante o preenchimento de impresso próprio; o/a requisitante deve, no entanto, ter em conta a necessidade de abreviar o prazo se uma obra for exemplar único e estiver a ser muito solicitada;

1.3.4 Durante o período de interrupção das actividades lectivas (Natal, Carnaval e Páscoa), o prazo das requisições é alargado para 15 dias consecutivos;

1.3.5 Cada utente pode requisitar três documentos de cada vez;

1.3.6 Através de requisição própria, e com uma antecedência de 24 horas, os utentes podem obter fotocópias (não integrais) de qualquer publicação que não possa sair da biblioteca, mediante o pagamento do quantitativo estipulado.

Artigo 6º

DEVERES DOS UTILIZADORES

1 Todos os utilizadores têm o dever de:

1.1 Cumprir as normas estabelecidas neste regulamento;

1.2 Entregar obrigatoriamente as pastas/ mochilas e/ou livros à entrada da Biblioteca no guiché, entrando só com o material mínimo necessário à consulta ou trabalho a realizar. Esta disposição não abrange cadernos e blocos de apontamentos.

1.3 Manter em bom estado de conservação as espécies documentais que lhe são facultadas. Quem perder ou danificar qualquer documento terá de repô-lo ou pagar a importância necessária à sua aquisição.

1.4 Preencher os impressos necessários à utilização de todo e qualquer tipo de equipamento e/ou fundo documental;

1.5 Entregar à funcionária os documentos que consultaram;

1.6 Cumprir o prazo estipulado para a devolução dos livros requisitados para leitura domiciliária.

1.7 Contribuir para a manutenção de um bom ambiente nas várias zonas funcionais:

- Entrar ordeiramente;

- Manter o silêncio na zona destinada à leitura individual e trabalhar com o menor ruído possível na zona multimédia;
- Não consumir alimentos e bebidas;
- Não alterar o posicionamento do equipamento e do fundo documental.

1.8 Acatar as indicações que forem transmitidas pela Coordenadora da Biblioteca ou outro professor presente e pelos funcionários.

Artigo 7º

LEITURA EM PRESENÇA NA BIBLIOTECA

1. Pode ser lido ou consultado na Biblioteca todo o fundo documental aí existente.
2. A Biblioteca da Escola disporá de livro de registo e, enquanto o acervo não estiver todo tratado e informatizado, será a indicação do assunto na prateleira que servirá de orientação à pesquisa dos utilizadores.
3. Os leitores têm livre acesso às estantes para que possam escolher directamente os livros que lhes interessam. Após a escolha da obra, o leitor deverá efectuar uma requisição para a sua consulta.
4. Para que a ordem de arrumação dos livros nas estantes não se altere, os leitores devem colocar as obras, acabadas de consultar, no local devidamente sinalizado para esse efeito.

Artigo 8º

UTILIZAÇÃO DE OBRAS NA SALA DE AULA

1. A utilização de obras na sala de aula será sujeita ao preenchimento de requisição do tipo empréstimo, pelo professor ou aluno, não devendo o seu período de utilização exceder um turno lectivo (manhã/tarde). O professor ou aluno serão responsáveis pelos documentos requisitados.

Artigo 9º

LEITURA DOMICILIÁRIA

1. Poderão ser requisitados para leitura domiciliária, mediante apresentação de identificação (cartão de estudante para o aluno, por exemplo) todas as obras da Biblioteca, à excepção de:

1.1. Obras gerais (enciclopédias, dicionários, anuários, etc.);

1.2. Obras únicas de elevada procura;

1.3. Obras raras ou consideradas de luxo;

1.4. Obras em mau estado de conservação, quando apenas exista um exemplar.

2. Poderão usufruir do empréstimo domiciliário:

2.1. Alunos, professores e funcionários;

2.2. Outros utilizadores desde que devidamente autorizados pelo Conselho Executivo e/ou Coordenador.

3. A requisição de livros para leitura domiciliária faz-se em impresso próprio de acordo com as normas estipuladas nos pontos 1.3.3, 1.3.4 e 1.3.5 do artigo 5º.

4. Se o leitor não proceder à devolução da obra requisitada no prazo estabelecido, 5 dias úteis, deverá pagar uma multa de 0,10 € por cada semana de atraso, por unidade documental requisitada.

5. O leitor é responsável pelo valor dos livros não restituídos. Responderá também pelas deteriorações que não resultem do seu uso normal.

6. Escrever nas margens das páginas, nas folhas em branco, sublinhar frases ou rasgar folhas, é considerada uma deterioração voluntária.

6.1. Se isto se verificar, o utilizador reporá um exemplar igual e em bom estado, ou o seu valor comercial para que a Biblioteca proceda à sua reposição.

7. Enquanto a Biblioteca da Escola não for indemnizada do prejuízo resultante da não restituição ou da deterioração dos livros emprestados, não serão concedidos novos empréstimos ao leitor responsável por esses factos.

8. A Biblioteca da Escola reserva-se o direito de recusar novo empréstimo domiciliário a utilizadores responsáveis por posse prolongada e abusiva de publicações.
9. Só poderão ser requisitadas novas obras no caso de já terem sido devolvidas as anteriormente requisitadas.
10. Todas as obras requisitadas para leitura domiciliária deverão ser entregues até 30 de Maio, de cada ano lectivo, data a partir da qual não é permitido fazer requisições que impliquem a saída de livros da Escola.

Artigo 10º

EQUIPAMENTO MULTIMÉDIA E INTERNET

1. Os computadores, vídeos, televisores e leitores de CD e cassetes poderão ser utilizados por todos os utentes, mediante requisição, de acordo com as condições abaixo referidas.
 - a. A utilização deste equipamento far-se-á dentro dos horários de funcionamento da Biblioteca.
 - b. O equipamento deverá ser utilizado preferencialmente para a realização de trabalhos escolares e de auto-aprendizagem.
 - c. Todos os utilizadores zelarão pela boa utilização e integridade do equipamento, sendo responsáveis por qualquer dano provocado.
 - d. Os responsáveis da Biblioteca poderão impedir a utilização temporária do equipamento aos utilizadores que não respeitem as normas deste regulamento.
2. Para uma correcta utilização do referido equipamento, deve cada utilizador ter conhecimento de todos os pontos constantes nos regulamentos específicos e cumpri-los integralmente. (Anexo 1–Regulamento Específico para utilização dos computadores Multimédia; Anexo 2–Regulamento Específico para utilização de vídeos, televisores, leitores de CD/cassete e auriculares.

Artigo 11º

REPRESENTATIVIDADE DA BIBLIOTECA ESCOLAR

- 1- A equipa responsável pela Biblioteca Escolar é constituída por 3 ou 4 professores, assumindo um destes a função de Coordenador, e um(a) funcionário(a).
- 2 – É da competência da equipa responsável gerir, organizar e dinamizar a Biblioteca Escolar elaborando um Plano de Actividades próprio em articulação com o Projecto Educativo da Escola e o Órgão de Gestão da Escola.
- 3 – É da competência do Coordenador a representação desta Estrutura de Orientação Educativa no Conselho Pedagógico.

Artigo 12º

DISPOSIÇÕES FINAIS

Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pelo Coordenador da Biblioteca Escolar, consultado(s), se necessário, o Conselho Executivo e/ou Pedagógico.

Anadia 14 de Novembro, 2008

O Presidente do Conselho Executivo

O Presidente do Conselho Pedagógico

A Coordenadora da Biblioteca

Anexo 1

UTILIZAÇÃO DOS COMPUTADORES

REGULAMENTO ESPECÍFICO

1 – UTILIZAÇÃO DO EQUIPAMENTO INSTALADO

- 1.1. A utilização do computador tem como objectivo principal a consulta de material multimédia, a realização de trabalhos escolares e a auto-aprendizagem.
- 1.2. A utilização destes serviços carece de inscrição prévia.
- 1.3. É expressamente interdita qualquer alteração das configurações.
- 1.4. É expressamente interdita a gravação de aplicações / software no disco duro, bem como a realização de *downloads* para o disco rígido.
- 1.5. É expressamente interdito o uso deste equipamento para jogos.
- 1.6. A utilização dos canais de conversação – *Chatrooms* – não é permitida.
- 1.7. Os computadores n.ºs 1 e 2 destinam-se, preferencialmente, à execução de trabalhos. Os computadores n.ºs 3 e 4 destinam-se ao acesso à Internet.

2 – UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS EXTERIORES

- 2.1. Não é permitida a utilização, quer para leitura, quer para gravação, de qualquer suporte magnético (disquetes), que não pertençam à Biblioteca. A Biblioteca fornecerá o suporte magnético, quando necessário, mediante o seu pagamento.
- 2.2. A utilização de qualquer tipo de suporte magnético só é permitida para guardar informação resultante da consulta de material multimédia existente na Biblioteca.
- 2.3. A utilização da impressora só é permitida mediante autorização prévia e pagamento das cópias efectuadas.
- 2.4. Poderá ter acesso ao Scanner um utilizador sem conhecimentos para o fazer, desde que, acompanhado por um professor responsável pela sua correcta utilização.
- 2.5. A utilização do Scanner carece sempre de inscrição prévia.

3 – TEMPO DE UTILIZAÇÃO

- 3.1. Cada utilizador, previamente inscrito, disporá de 30 minutos para seu uso pessoal.

Nota: Esta limitação horária poderá ser alterada em função da quantidade de pessoas a aceder.

4 – DISPOSIÇÕES FINAIS

4.1. Só poderão dispor dos computadores um utilizador e um acompanhante de cada vez

4.2. Qualquer professor responsável pela Biblioteca ou funcionária de serviço pode interromper a utilização se motivos prioritários o exigirem, ou se verificar uma utilização não recomendada.

4.3. O utilizador será responsabilizado pela infracção a estas normas, das quais possam resultar danos no sistema (uso irresponsável, uso de pens infectadas, desconfiguração, alteração de ficheiros, introdução de programas, fecho inopinado do computador, etc.).

Anexo 2

VÍDEOS, TELEVISORES, LEITORES DE CD/CASSETTE E AURICULARES

REGULAMENTO ESPECÍFICO

1 – UTILIZAÇÃO DO EQUIPAMENTO

1.1. A utilização de equipamento (televisor/vídeo, leitor de CD/cassete e auriculares) tem por objectivo principal a consulta e execução de material audiovisual / multimédia e carece sempre de inscrição prévia.

1.2. Este equipamento só poderá ser utilizado por um utente de cada vez (ou por dois no caso de utilização TV/vídeo), não podendo, em circunstância alguma, ser retirado da Biblioteca.

1.3. As audições devem ser feitas com o som desligado, devendo os utentes utilizar os auriculares / auscultadores.

1.4. O equipamento deve ser preferencialmente utilizado na leitura de documentos existentes na Biblioteca.

1.5. Neste equipamento é expressamente proibido efectuar qualquer tipo de gravações, excepto pelos professores para fins didácticos.

1.6. A manipulação de material de audiovisual / multimédia deverá ser feita de forma a que o mesmo se mantenha em perfeitas condições de utilização, (ex.: não manusear a

parte prateada dos CDs, etc.).

1.7. Todo o material audiovisual a ser utilizado carece sempre de inscrição prévia.

2 -TEMPO DE UTILIZAÇÃO

2.1. Cada utilizador, previamente inscrito, disporá do tempo que preveja necessário para seu uso pessoal.

Nota: Esta limitação horária poderá ser alterada em função da quantidade de pessoas a aceder.

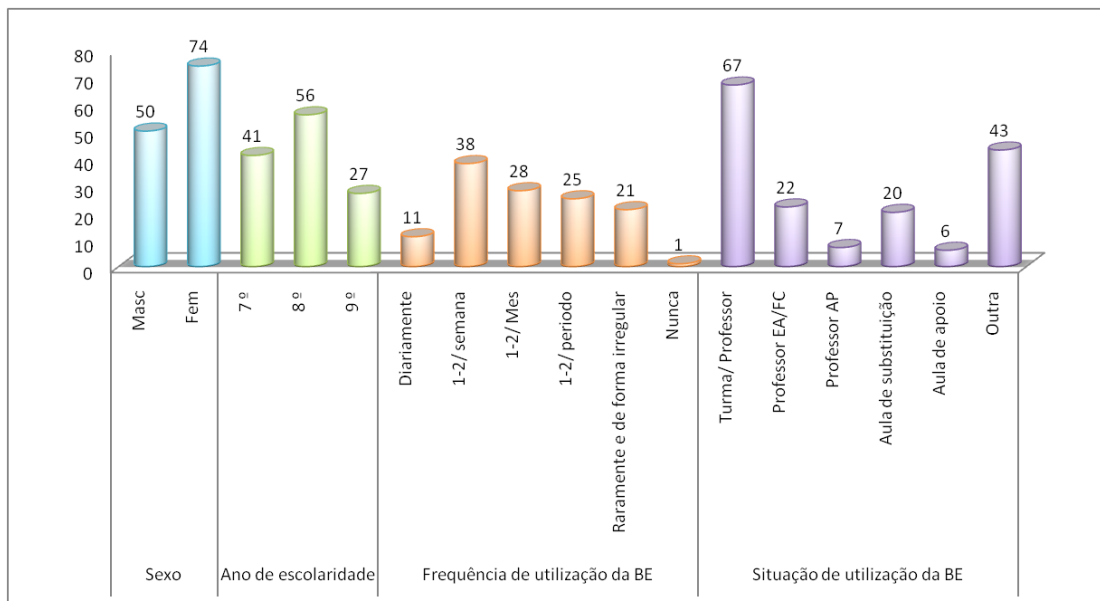
3 - DISPOSIÇÕES FINAIS

3.1. Qualquer professor responsável pela Biblioteca ou funcionária de serviço à Biblioteca, pode interromper a utilização se motivos prioritários o exigirem, ou se verificar uma utilização não recomendada.

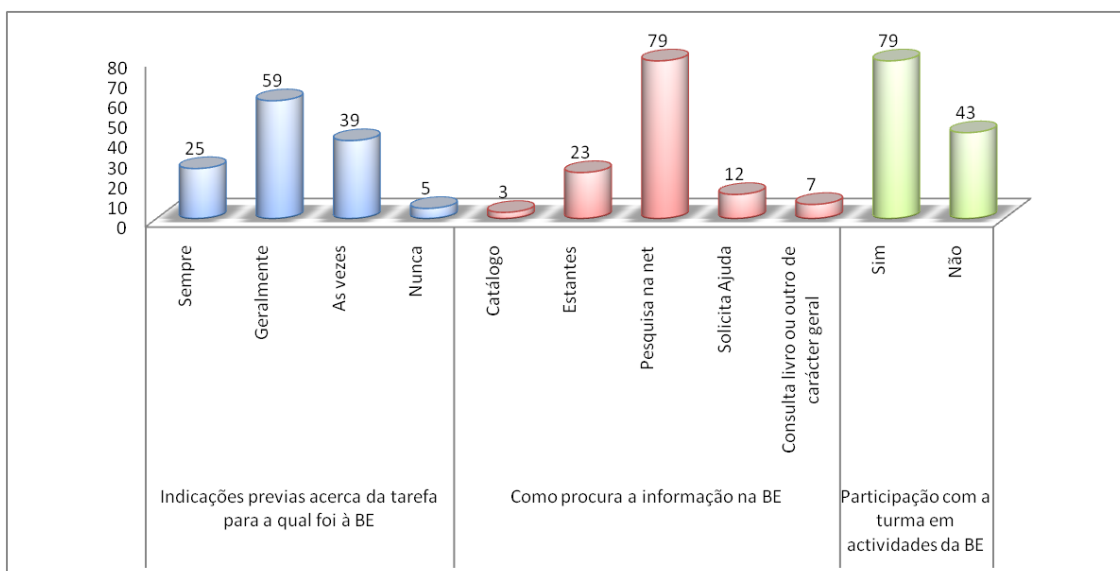
3.2. O utilizador será responsabilizado pela infracção a estas normas, das quais possam resultar danos nos materiais que tem à sua disposição nesta área da Biblioteca.

**ANEXO 7 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS
INQUÉRITOS PASSADOS AOS ALUNOS**

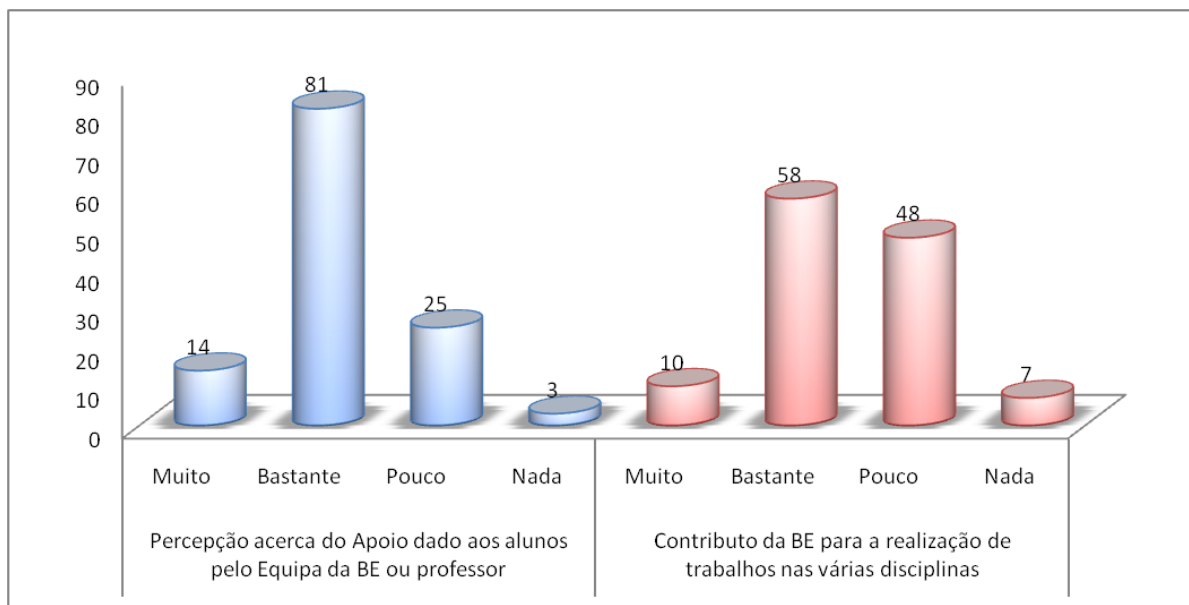
Apoio ao desenvolvimento curricular – (Questões 1 a 4) (QA1)



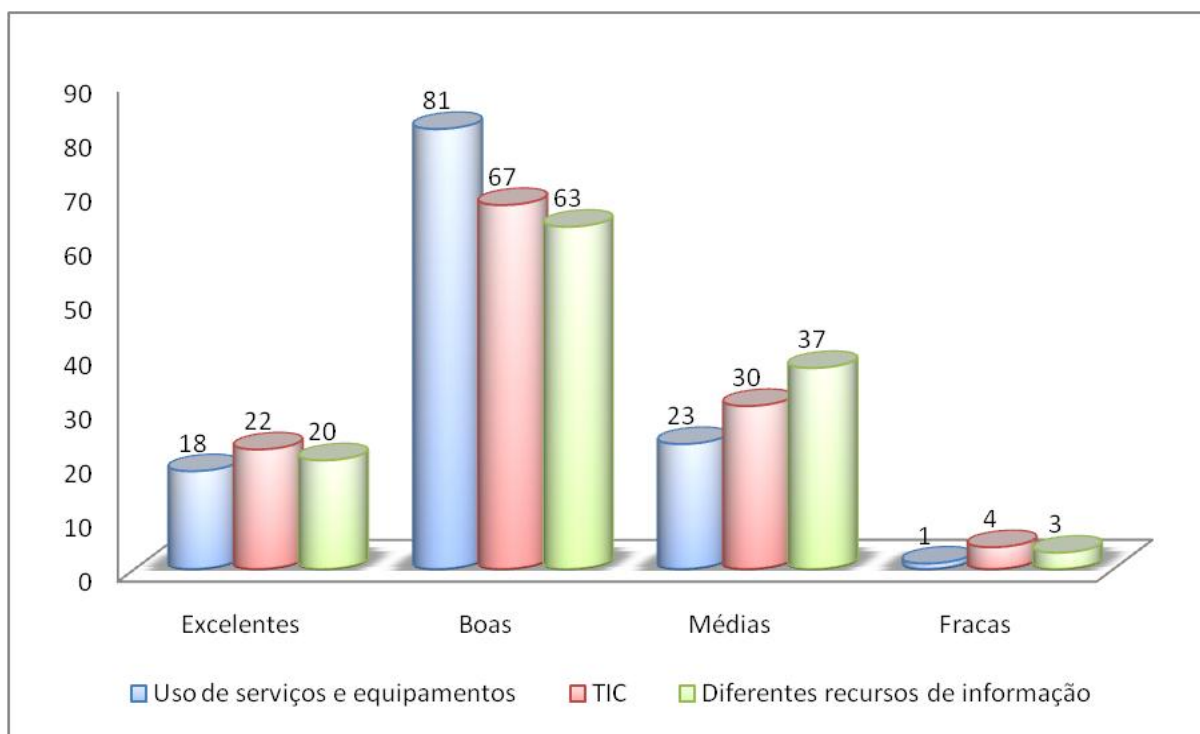
Apoio ao desenvolvimento curricular (QA1) –Questões 5 a 7



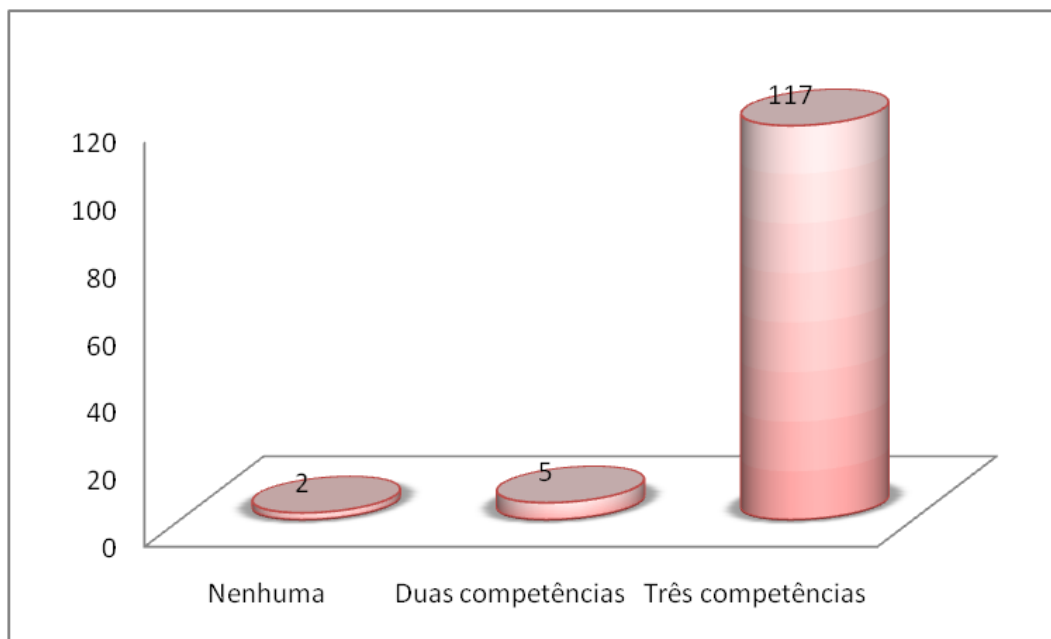
Percepção dos alunos em relação ao apoio pela Equipe BE ou Professor- Questões 8 e 9 (QA1)



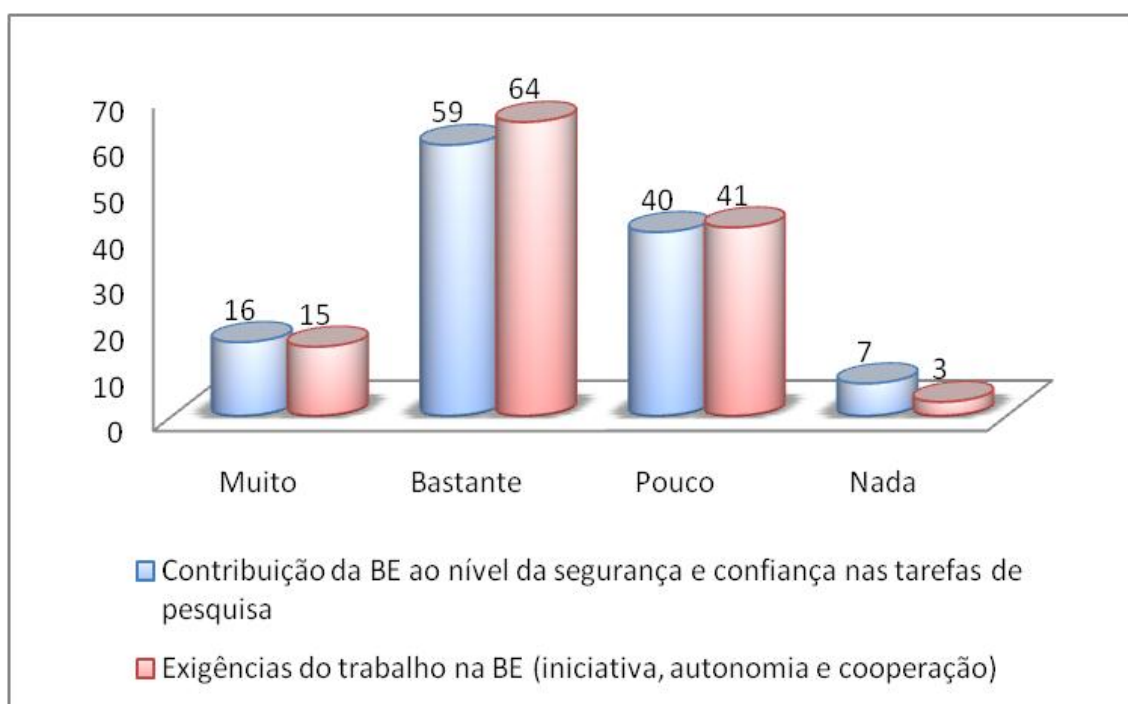
Tipo de Intensidade adquiridas com a utilização da BE- Questão 10 (QA1)



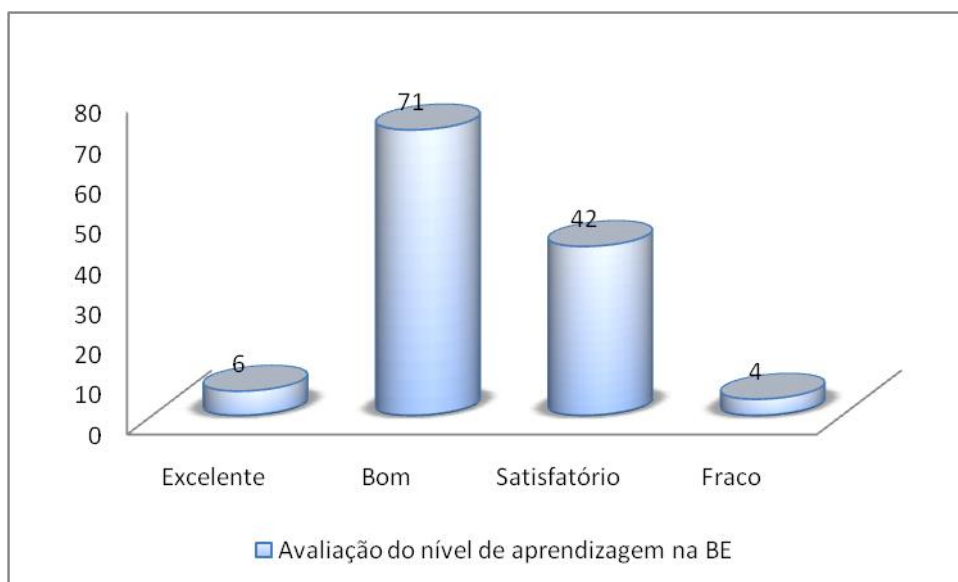
Quantidade de competências adquiridas com a utilização da BE



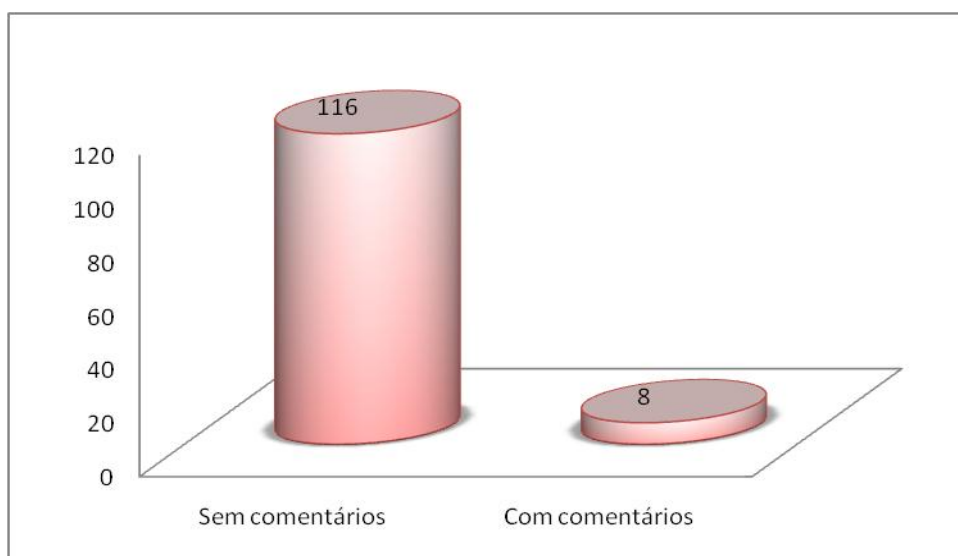
Contribuição da BE ao nível da segurança e confiança nas tarefas de pesquisa



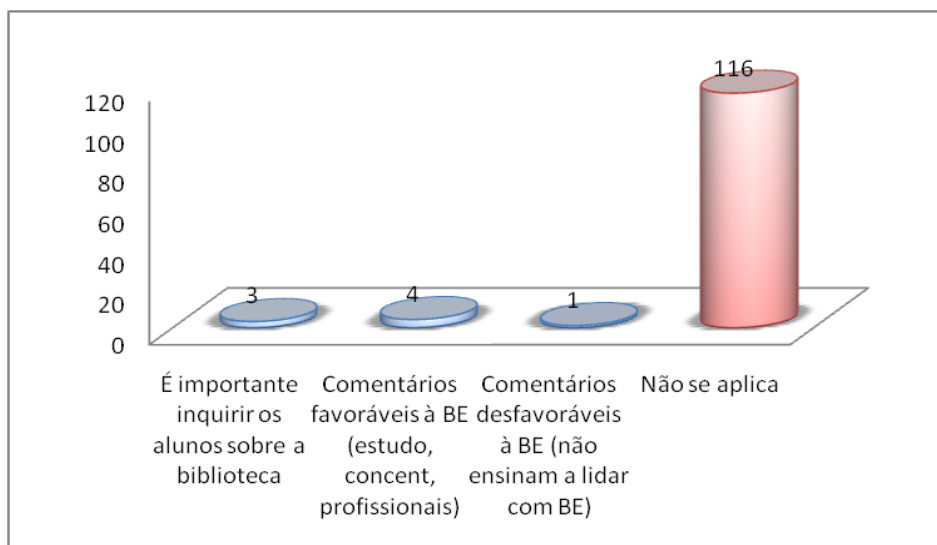
Avaliação ao nível da aprendizagem – QA1 (Questão 13)



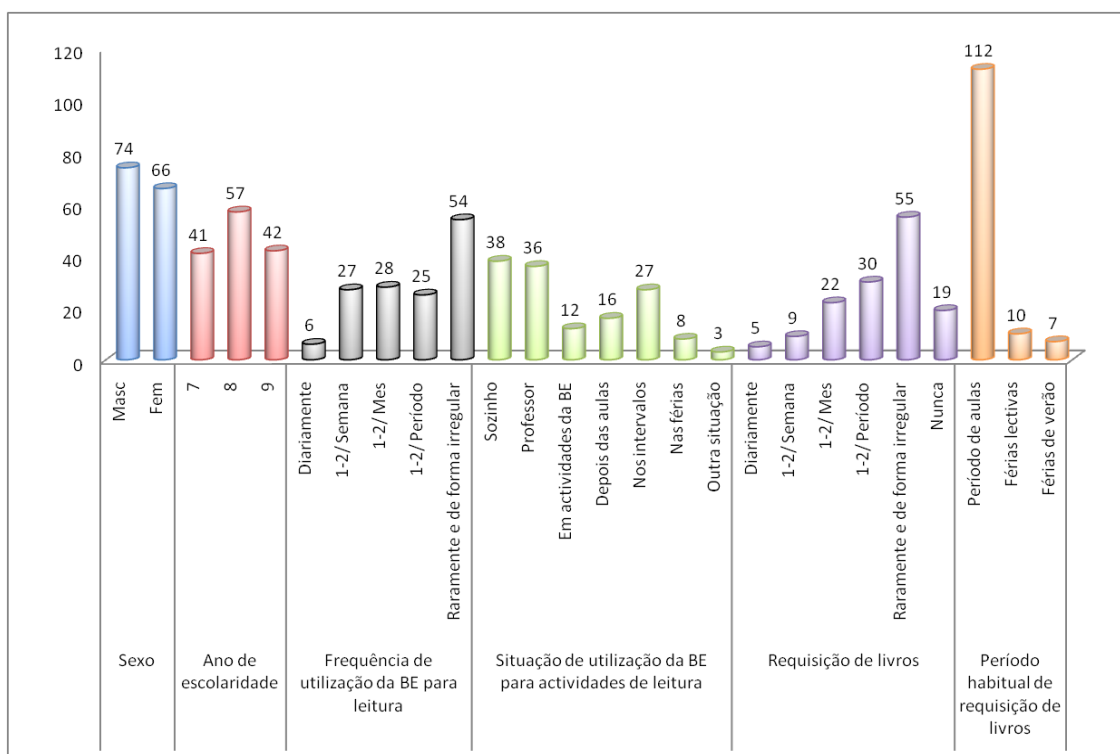
Comentários dos alunos em relação á importância do questionário (questão 14)



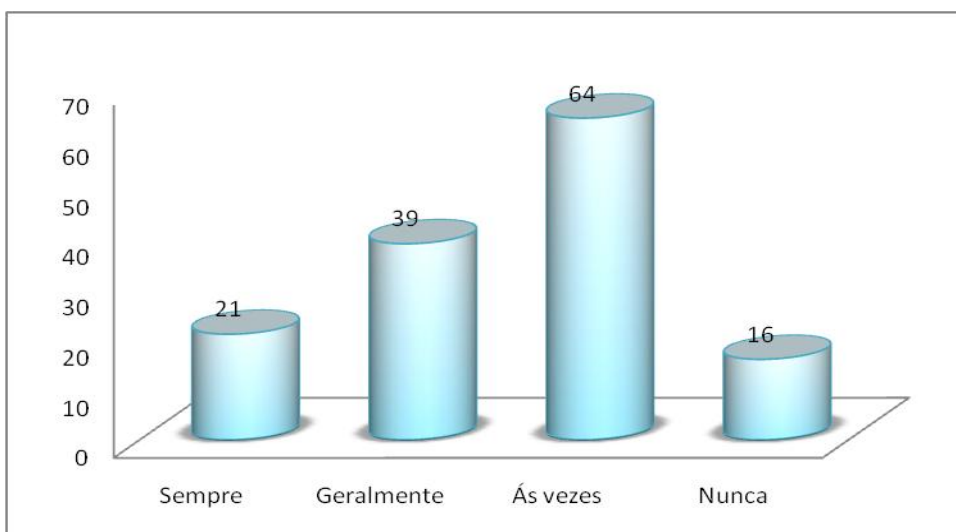
Tipo de comentários em relação ao questionário (questão 14) QA1



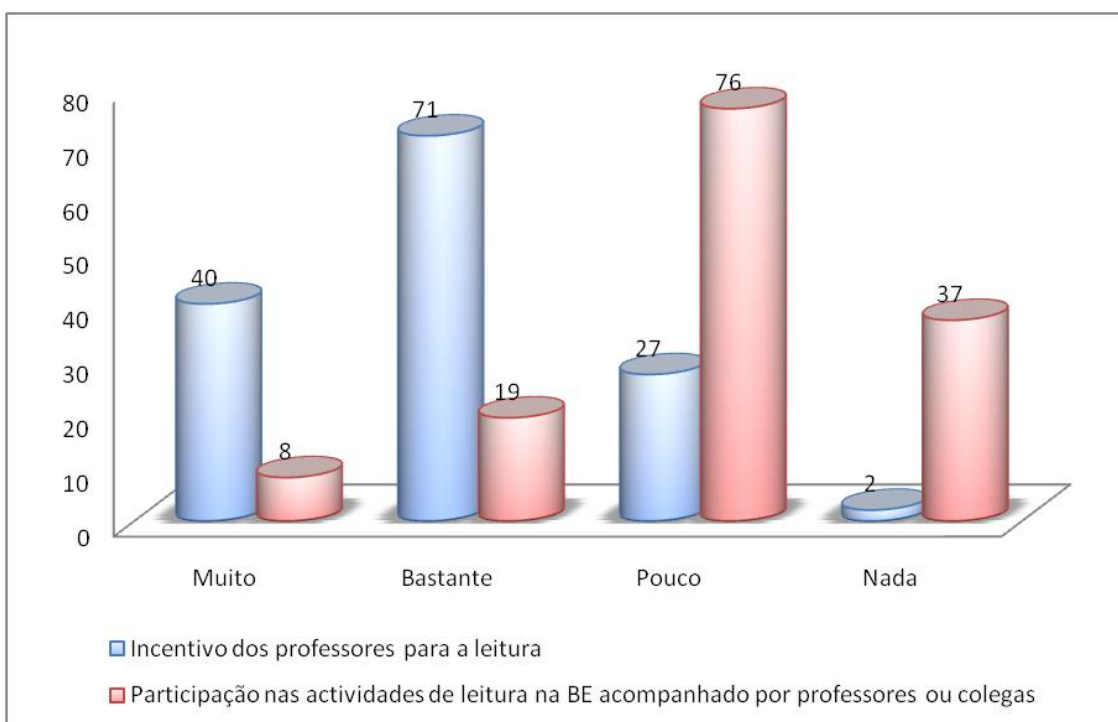
Leitura e Literacia (QA2) - Questões de 1 a 6



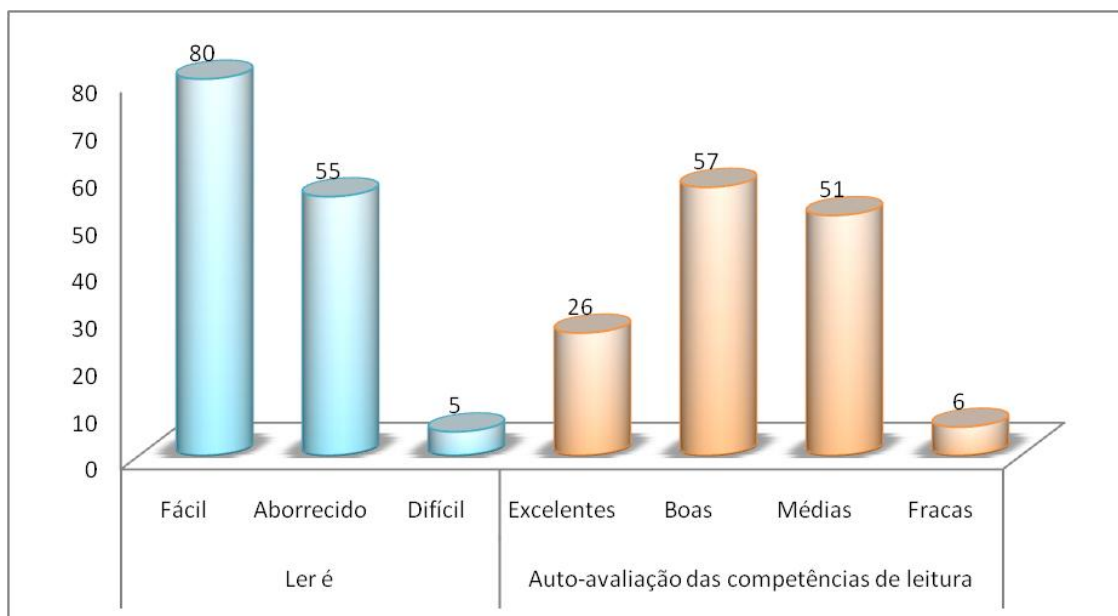
Apoio da Equipe da BE- Questão 7 (QA2)



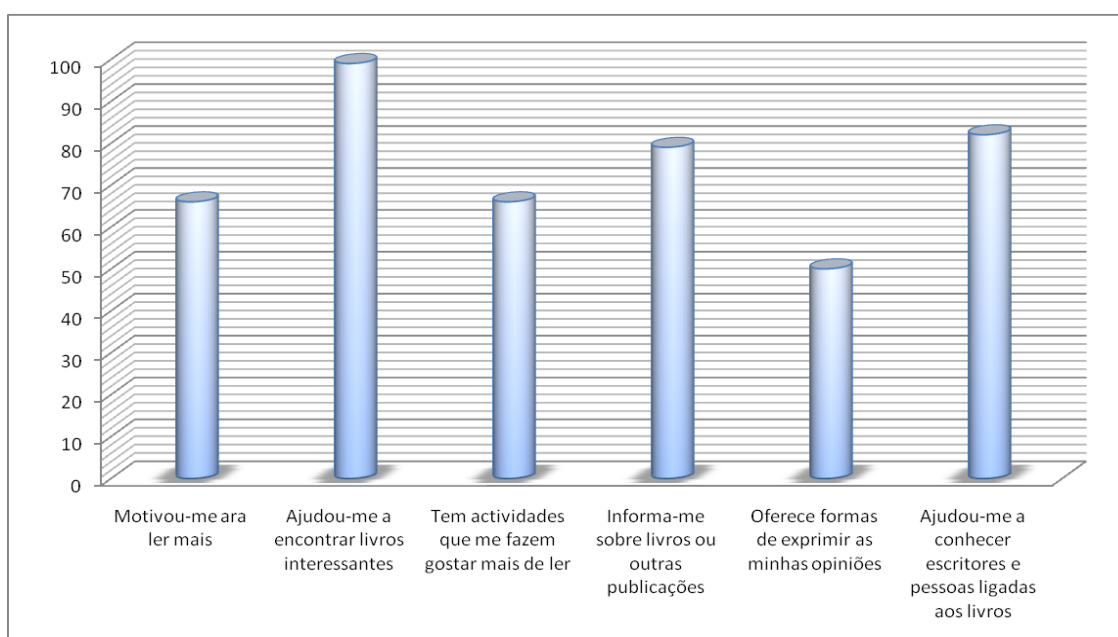
Incentivo dos professores à leitura- Questão 8 e 9 (QA2)



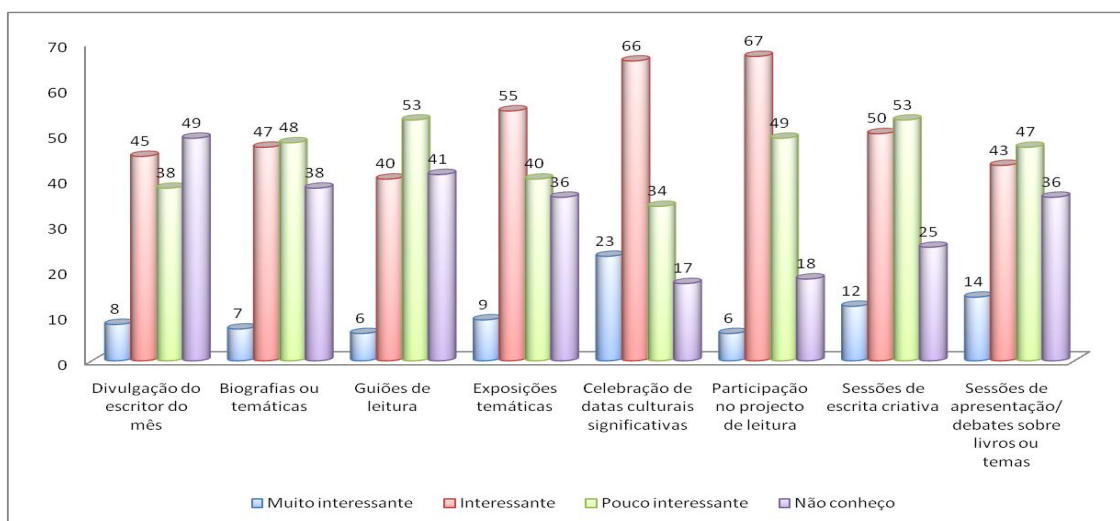
Opinião dos alunos sobre o acto de Ler, e competências de leitura (Questões 10 e 11)
QA2



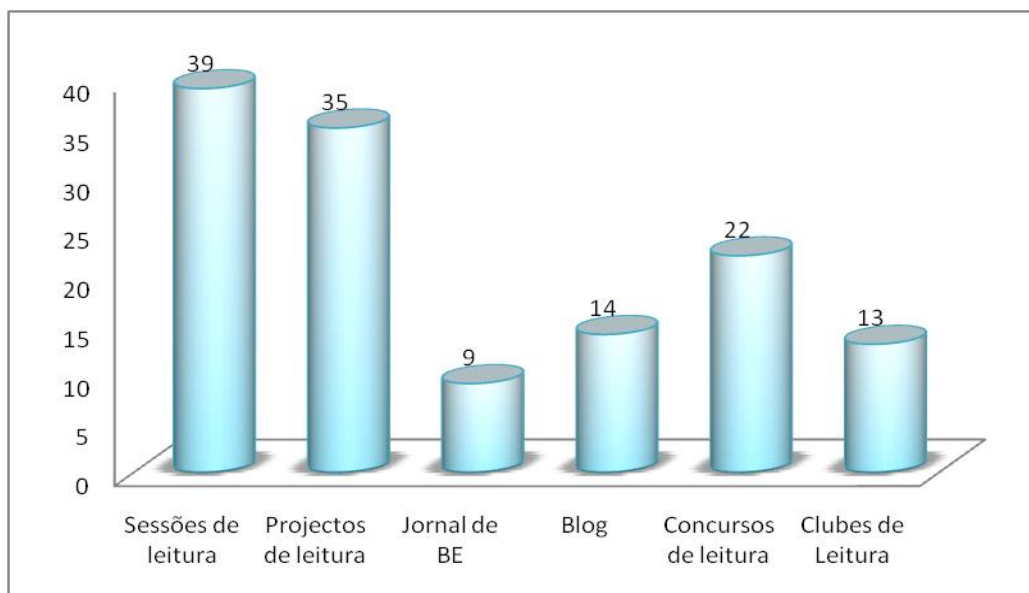
Opinião dos alunos em relação ao trabalho realizado pela BE (Questão12) QA2



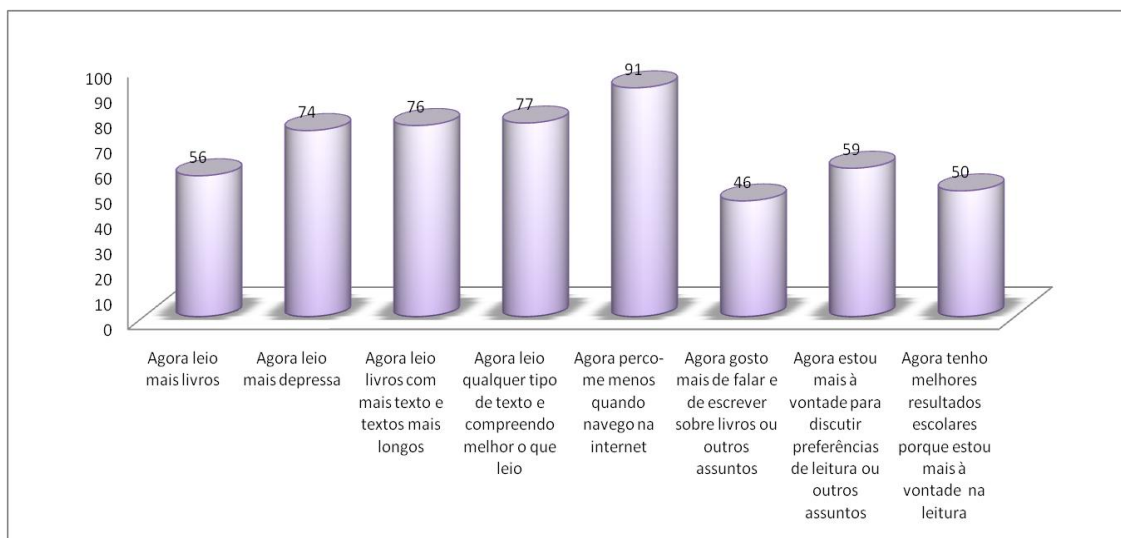
Opinião dos alunos em relação às actividades realizadas na BE pergunta 13 (QA2)



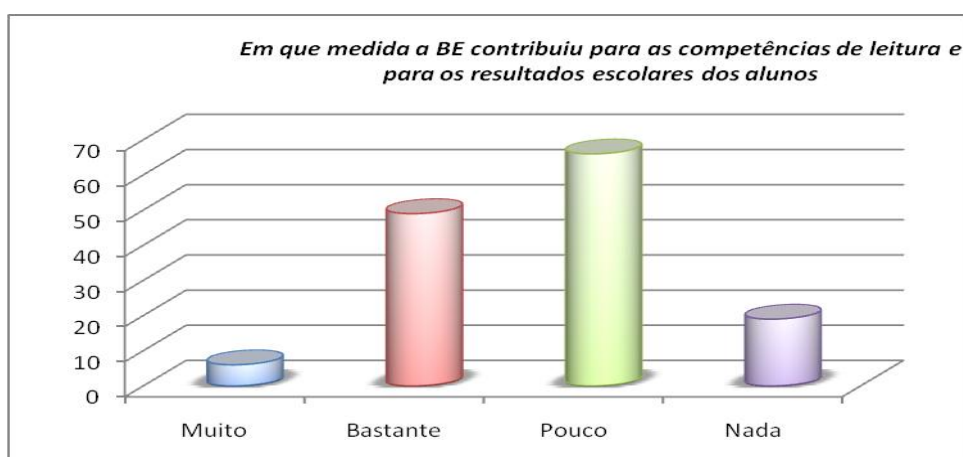
Participação dos alunos em algumas actividades (Questão 14)



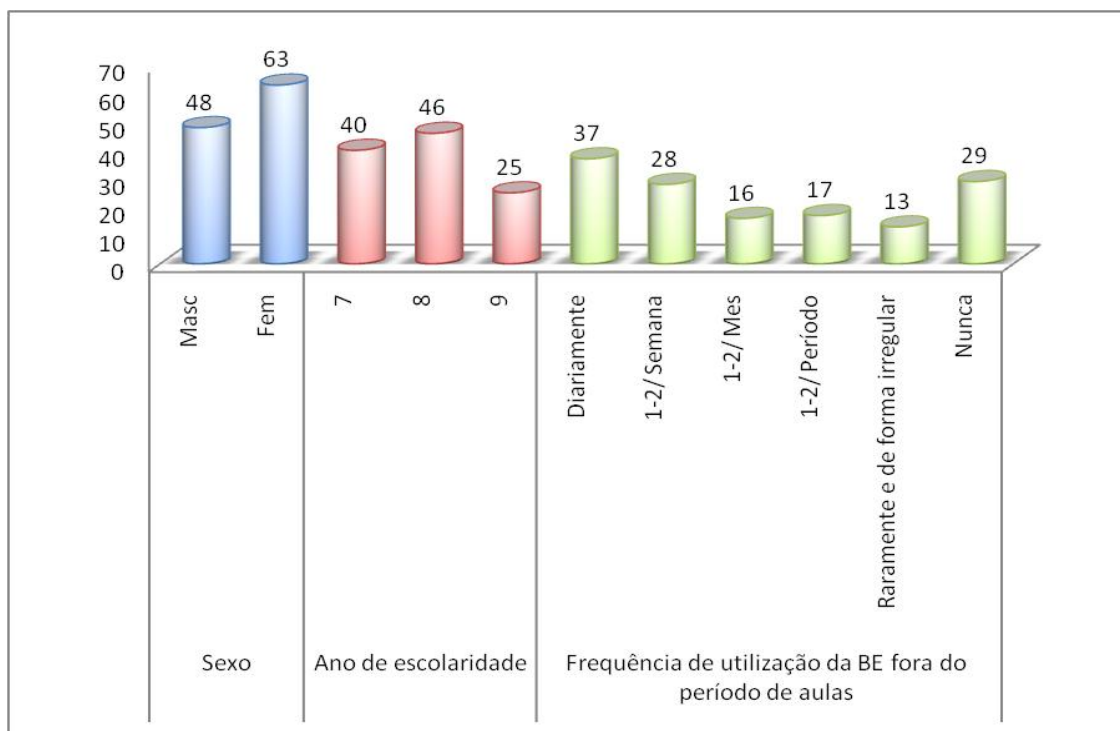
Percepção dos alunos em relação ao que faziam no início do ano e actualmente (Questão 15) QA2



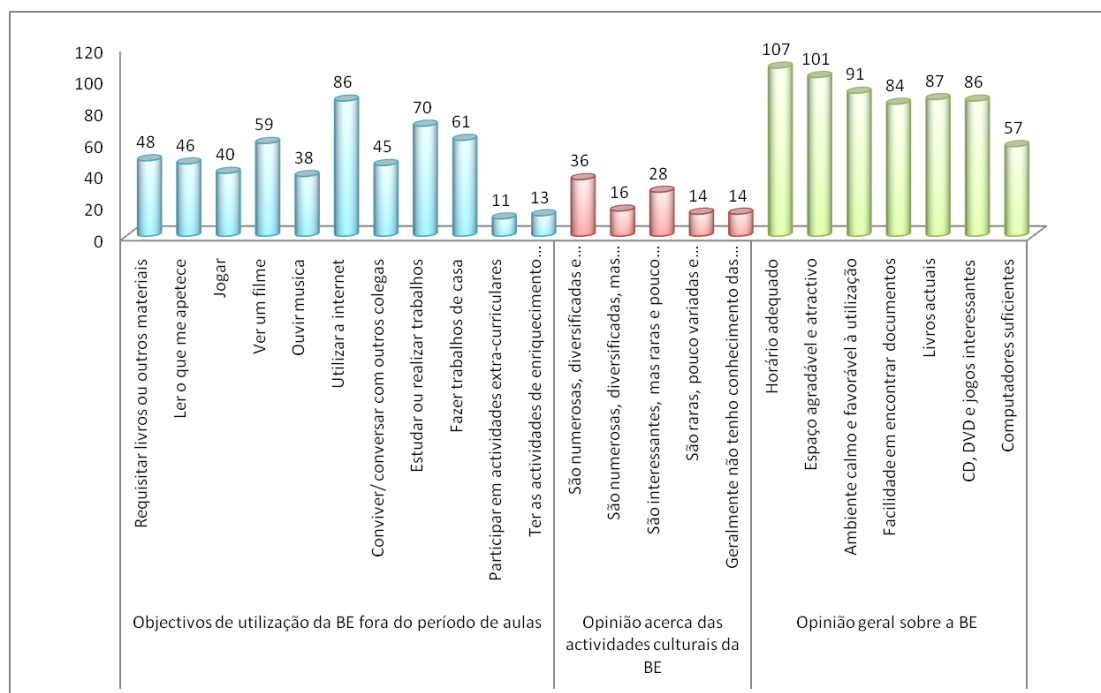
Contribuição da BE para as competências de Leitura e resultados escolares dos alunos (Questão 16) QA2



Utilização da BE fora do período de aulas (Questões 1,2,3) QA3



Questões 4, 5, 6 (QA3)



Participação em clube, ou actividade extracurricular, relacionada com a BE

Questão 6 (QA3)

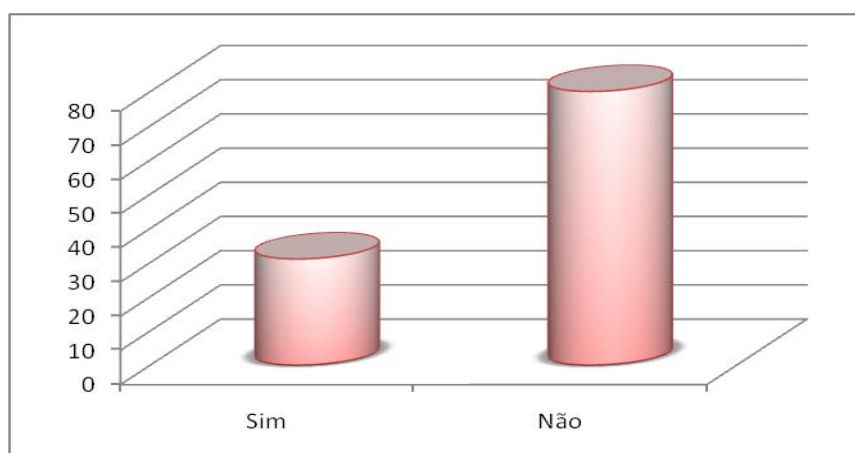


Gráfico utilização da biblioteca por todos os alunos nos diversos recursos

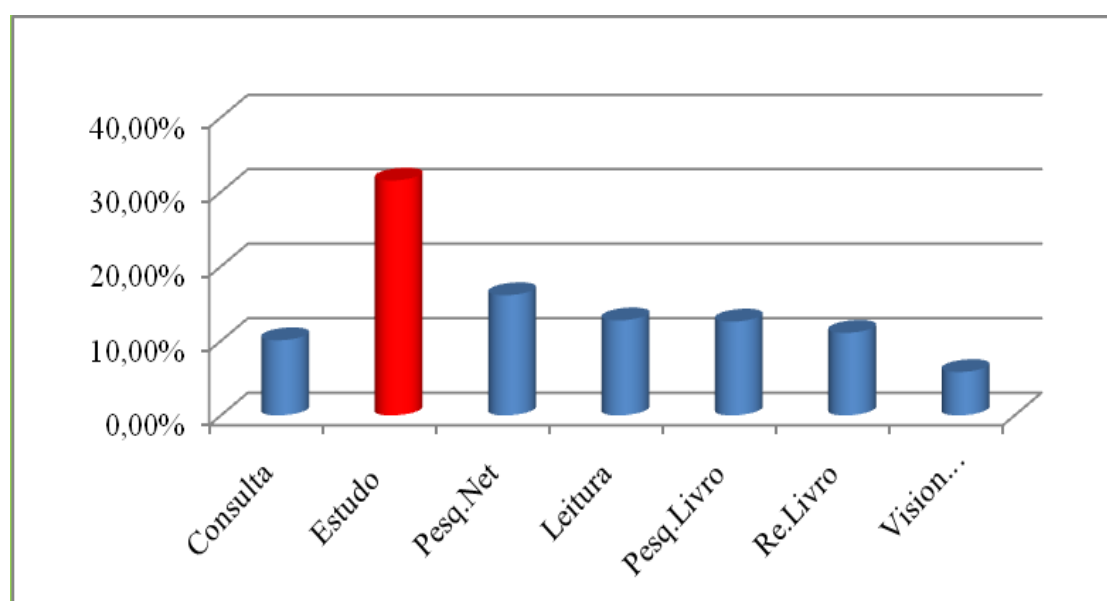
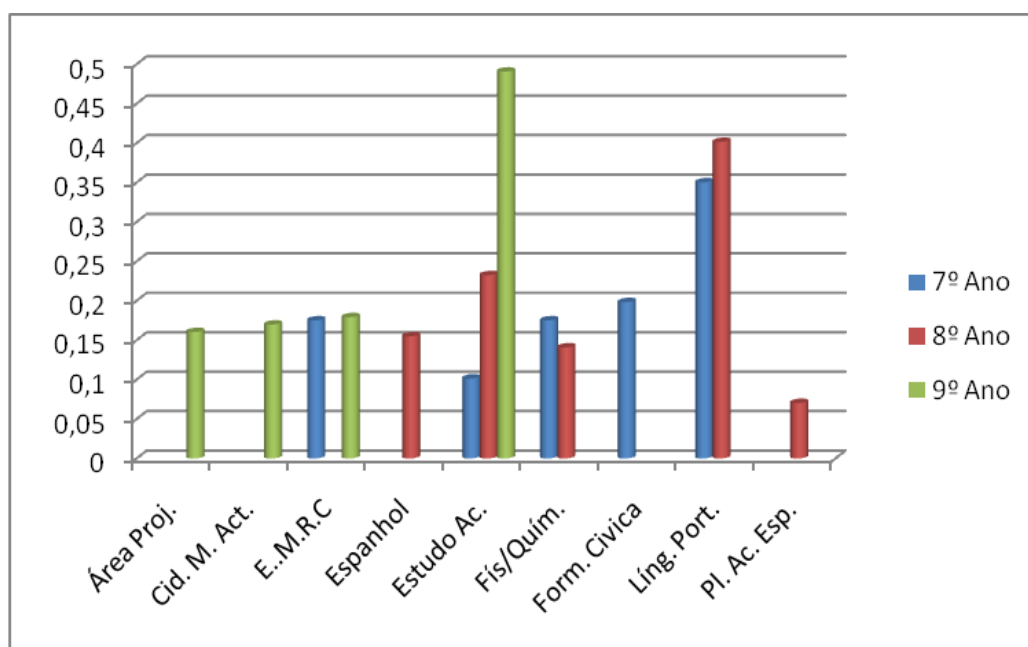


Gráfico de utilização da biblioteca em articulação curricular – 3º Ciclo Ensino Básico.



**ANEXO 8 – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AO
DIRECTOR DA ESCOLA SECUNDÁRIA C/3ºCEB DE
ANADIA**

03 10 08

Liliana

Exmº Senhor:

Director da Escola Secundária c/ 3º CEB de
Anadia

Anadia

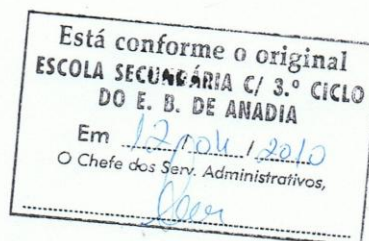
Solicito a Vª Exª autorização para passar questionários aos alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico, bem como grelhas de frequência de utilização da biblioteca, nos vários recursos, pelos alunos e professores, no período de Out.2008 a Maio 2009.

Esta autorização tem como finalidade o desenvolvimento do estudo de caso: "O Contributo da Biblioteca Escolar no Processo do Ensino - Aprendizagem" a apresentar na tese de mestrado, na Universidade Portucalense.

Muito grata pela atenção.

(Faria de Sousa Rodrigues Martins)

Autorizo a Faria de Sousa Rodrigues Martins



03 10 08

[Signature]

